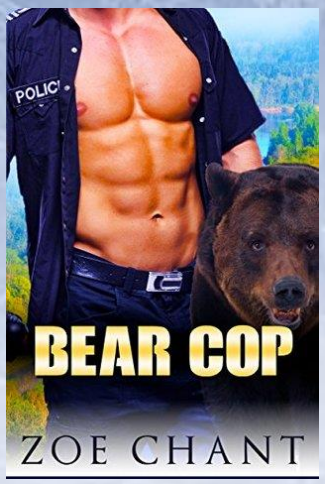
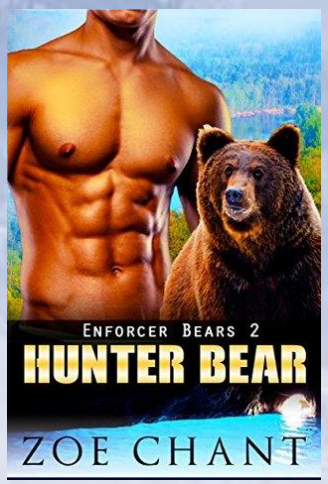

ENFORCER BEARS 2
HUNTER BEAR
ZOE CHANT

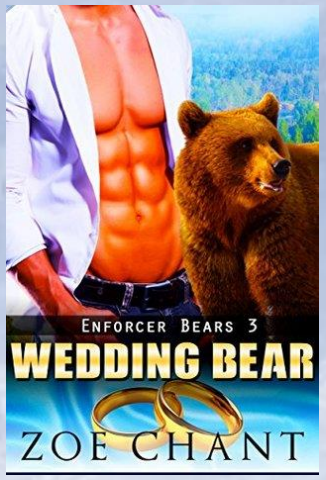


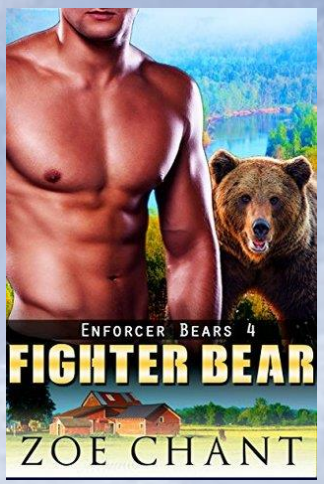
EXCLUSIVE STARS BOOKS

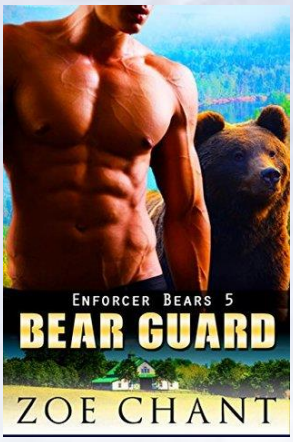
ENFORCER BEAR











A artista curvalina Cleo Waters herdou uma antiga casa perto de um lago em Linden Creek. Com sua antiga vida em ruínas, ela quer dar um tempo nas florestas solitárias, restaurando a casa onde sua avó morava. Ela não esperava que ela viesse com um mapa do tesouro secreto - ou um homem sexy e nu se banhando na lagoa dela!

Steven Anders, shifter do urso, está caçando um criminoso jaguar shifter na floresta de Linden Creek. Steven ainda usa as cicatrizes do passado em seu corpo e em seu coração. Ele nunca gostou de companhia ou de se estabelecer - até que seu urso vê sua linda Cleo e reconhece sua companheira.

Mas ele pode abrir seu coração para amar e aprender a confiar?

Quando Steven e Cleo decidem seguir as instruções do mapa do tesouro, logo acabam lutando pela sobrevivência no esconderijo do jaguar.

Perdidos em um sistema secreto de cavernas subterrâneas, seu amor é suficiente para mostrar-lhes o caminho de casa?

E o perigo pode ensiná-los a confiar uns nos outros, apesar dos fantasmas do passado?

CAPITULO UM

CLEO

— Aqui está.

Cleo Waters suspirou quando ela olhou para a casa na frente dela. Ela sabia que precisaria de muito trabalho, mas em sua mente, sempre tinha permanecido a charmosa casa de sua infância.

Os pais de sua mãe tinham vivido aqui na floresta desde antes de Cleo nascer. Quando eles morreram há vários anos, seus pais continuaram usando a casa como uma casa de férias. Mas agora que seus pais estavam ficando mais velhos, eles não conseguiam lidar com todo o trabalho que a casa precisava.

— Você tem certeza que vai ficar bem? — perguntou sua prima Sidney. — Eu tenho o fim de semana inteiro fora. A biblioteca está fechada até terça-feira porque estamos recebendo novas janelas. Eu poderia sair amanhã e ajudar...

A voz de Sidney sumiu quando ela olhou para a varanda coberta de vegetação e a pintura descascando das paredes de madeira.

— Eu vou ficar bem. — Cleo se forçou a parecer otimista.

Na verdade, ela ficou um pouco chocada com o quão diferente esse lugar parecia. Em sua infância, a casa à beira do lago era o lar de cem lembranças felizes de férias com seus avós. Agora o lugar parecia... abandonado. Morto.

Como meu coração, ela pensou, e então teve que sorrir para si mesma.

Tudo ficaria bem. Afinal de contas, era isso que ela queria, um ou dois meses aqui nas florestas de Linden Creek. Ela precisava de solidão para recarregar e depois reconstruir sua vida quebrada.

A casinha era dela: a avó dela havia deixado para ela. Isso significava que não havia aluguel a pagar, e se ela pudesse restaurá-la, ela poderia alugá-la para turistas mais tarde, quando estivesse pronta para seguir em frente com sua vida.

Ela fez uma careta quando viu um grande envelope esperando na varanda, trazendo o logotipo familiar de Jeremiah Higgins, o homem que continuava comprando casas na área até que quase todo o lago lhe pertencia.

Mas eu não estou vendendo. A casa é minha agora e vou ficar até poder desenhar de novo.

— Ligue para mim se precisar de alguma coisa. Ou se você só quer conversar. — disse Sidney e pegou a mão dela. — Eu quero dizer isso, ok?

Com o aperto gentil, Cleo subitamente se sentiu subjugada pela gratidão. Talvez ela devesse ter voltado mais cedo. De alguma forma na cidade tinha sido fácil esquecer que ela tinha amigos por aqui.

— Eu prometo, Sid. E eu realmente agradeço. Você sabe disso, certo?

Sidney sorriu e, em seguida, puxou-a para um abraço súbito e firme. — Eu sei. E estou muito feliz por você estar de volta. E se ficar muito solitário aqui...

Cleo riu. — Na verdade, duvido que tenha tempo para me sentir sozinha. Olhe para todo o trabalho que eu tenho alinhado! Mas eu provavelmente vou dirigir na cidade amanhã para conseguir mais mantimentos. Vou me certificar de dizer oi.

— ESTÁ BEM. — Sidney a soltou, ainda parecendo um pouco preocupada.

Cleo não podia culpá-la por isso. O trabalho que a aguardava parecia assustador. Havia tanta coisa para fazer... Ela nem sabia por onde começar.

Por fim, depois de se despedir de Sidney, começou carregando as malas até a varanda. A entrada de carros que costumava ser coberta de cascalho em sua infância agora estava coberta de folhas e grama mofadas, e algumas mudas começaram a ocupar o espaço que podiam encontrar.

Remoção de ervas daninhas outro item para minha lista.

Sidney a ajudou a transportar as ferramentas que não cabiam no carro pequeno de Cleo usando a van da biblioteca. Agora, ao lado das sacolas que continham as roupas, livros e material de desenho que Cleo trouxera, havia também um impressionante monte de latas de tinta, esmaltes, lixas, escovas, uma centena de utensílios de limpeza diferentes, assim como a velha força industrial da biblioteca.

Cleo suspirou novamente. Não era onde ela pensara que acabaria. Como é estranho pensar que apenas alguns meses atrás, ela abriu uma exposição de arte de sucesso ao lado do homem a quem ela amava.

E agora aqui estava ela, no meio do nada, com uma velha casa abandonada em uma floresta, um ex que tinha partido seu coração e a deixado, e tanta tristeza engarrafada dentro dela que toda vez que ela pegava um pincel, ela começava a chorar.

— Bem, haverá muita pintura aqui. — disse ela em voz alta, sua voz ecoando na pequena clareira. — Vou tirar tudo do meu sistema.

Não houve resposta a não ser o vento farfalhando nas folhas. Ela respirou fundo e então um sorriso relutante apareceu em seu rosto.

Talvez a vida antiga dela tenha caído e queimado. Talvez seus sonhos nunca se tornassem realidade agora.

Mas era bom estar de volta onde ela passara as férias quando criança. E era bom ter uma tarefa. Um pequeno passo de cada vez.

E o primeiro passo era ver o quão ruim parecia dentro…

***

Exausta e suada, Cleo caiu em uma cadeira de cozinha.

Não era tão ruim quanto parecia do lado de fora. Seus pais cuidaram bem do lugar, quando eles ainda vinham aqui para um fim de semana de vez em quando. Mas era muito evidente que ninguém passara há muito tempo. Tudo estava coberto de poeira. Ainda havia caixas cheias de coisas de seus avós que seus pais não sabiam o que fazer. Pelo menos Cleo não tinha descoberto nenhum vazamento, o que era bom porque ela não se sentia preparada para consertar um telhado por conta própria, e ela não tinha muito dinheiro para poupar agora que estava sem emprego.

Eu provavelmente ainda poderia vender algumas das minhas pinturas antigas, ela pensou enquanto olhava a velha cozinha. Mas então eu poderia encontrar Walter...

Eles estavam juntos há anos. Ambos trabalhavam na mesma galeria. Ele já teve sucesso como artista quando ela começou. Ela olhou para ele.

Sua atenção era tão boa. E então... Então ele teve seu grande avanço, e de repente eu não era mais boa o suficiente.

Os artistas poderiam ter uma crise de meia idade? Walter não tinha ido e comprado um carro caro. Mas assim que sua arte atraiu a atenção de um grande colecionador, Walter abandonou o navio como se tivesse esperado o momento todo. Ele deixou a galeria, vendeu o apartamento que Cleo havia compartilhado com ele por dois anos, tirou o primeiro vôo da cidade e agora era visto festejando em todas as exposições importantes e inaugurações de galerias no mundo, como os jornais continuamente a faziam lembrar.

Mais importante ainda, ele abandonou Cleo. Ele não tinha tido a decência de parecer culpado quando terminou com ela.

Acho que deveria estar feliz por ele não ter me mandado uma mensagem do aeroporto.

Toda vez que ela pensava nisso, sentia uma nova raiva surgir.

— Eu preciso seguir meus sonhos, Cleo. Eu sei que você vai entender isso. — Ele disse. Ele lhe dera um sorriso condescendente, já usando um terno Armani novinho em folha e novos óculos de grife, o cabelo cuidadosamente penteado e coberto de gel para esconder o quanto começara a afinar em suas têmporas. — Realmente, você faria o mesmo.

Ela teria feito o mesmo? Ela não sabia dizer. Ela odiava que ele a tivesse deixado assim. Ela deveria estar zangada com o idiota que ele tinha sido - e ela estava com raiva!

Mas ele também a deixou questionando a si mesma. Ela teria uma chance assim? Ela jogaria toda a sua vida para agarrar a chance de se tornar uma celebridade do mundo da arte?

Não, ela disse a si mesma, mesmo quando ela olhava para o caderno de desenho intocado sobre a mesa.

Talvez tenha sido fácil para ela dizer isso, porque ninguém lhe ofereceu essa chance. Mas se alguém tivesse - ela não poderia ter abandonado Walter. Ela o amava. Ou ela pensou que era amor. Aparentemente ele não tinha pensado o mesmo.

Com um suspiro, ela pegou o caderno e uma caneta.

Ela estava exausta. Ela não se sentia inspirada a desenhar em meses. Mas a arte não era apenas inspiração. A arte geralmente significava simplesmente se forçar a sentar e começar. Então, em breve, muitas vezes alguma coisa tomaria conta, uma ideia iria acender, e...

Ela cerrou os dentes quando percebeu que os formulários que estava traçando no papel tinham assumido a inconfundível forma da cabeça de Walter.

— Lá. Isso é o quanto você significa para mim. —Ela disse em voz alta quando arrancou a página de seu caderno de desenho e o rasgou em dois.

Ufa Isso foi bom.

Ela olhou para as peças em sua mão. Parecia que, mesmo aqui, não era tão fácil deixar ir como ela esperava.

— Talvez queimar o bastardo vai ajudar. — Ela murmurou e caminhou até a antiga lareira. Isso não tinha sido usado há muito tempo também, mas estava limpo. Sempre que seus pais tinham estado aqui pela última vez, deviam ter varrido as cinzas geladas.

Talvez ela acendesse uma fogueira hoje à noite. Não estava frio, mas uma noite em frente ao fogo, assistindo a um esboço de Walter queimar, parecia o melhor entretenimento que ela podia conseguir aqui.

Respirando fundo, ela se endireitou. Havia uma cesta com gravetos na lareira, e ela achou uma pilha de lenha seca na pequena cabana atrás da casa mais cedo. Agora tudo o que ela precisava era de um copo de vinho para manter sua companhia para a queima de sua vida passada e sentimentos, e então...

Cleo franziu a testa. Havia outra coisa na lareira, escondida quase completamente por baixo da cesta de gravetos. Quando ela o moveu para o lado, viu que era uma carta - e esse era o nome dela, e um pouco trêmula escrita de sua avó.

Cleo engoliu quando as lágrimas subiram aos seus olhos.

Já fazia anos. Ela aceitou isso há muito tempo. Ela sabia que sua avó não iria querer que ela ficasse triste. Ela tinha sido uma das pessoas mais felizes que Cleo conhecera, sempre solidária e generosa com seus sorrisos quando estava com seus biscoitos. Ela amava o lago e a casinha na floresta. Ela foi a primeira a ensinar a Cleo como pintar, e encorajou-a a seguir uma carreira nas artes, mesmo quando seus pais eram céticos.

Cleo sorriu através das lágrimas, olhando para o retrato de um urso bebendo de uma lagoa com uma cachoeira caindo em cascata. Sua avó havia pintado lindas paisagens, embora nunca tivesse vendido uma. Ela não gostava da ideia de deixar estranhos verem sua arte - e, no entanto, ela ficou tão orgulhosa quando Cleo fez suas primeiras pequenas exposições na faculdade.

— Eu sinto sua falta, vovó. Cleo disse suavemente enquanto pegava a carta. — Eu queria que você estivesse aqui agora. Você me faria sentir melhor sobre o Walter. Ou me daria biscoitos até eu esquecer como ficar triste.

Sob o nome dela, dizia: — Deixe para Cleo encontrar.

Foi por isso que seus pais não lhe deram a carta? Mas por que sua avó faria uma coisa dessas? Isso não fazia sentido. Sua avó tinha escrito um testamento, deixando a casa para Cleo. Ela tinha sido uma mulher resoluta que queria tudo bem resolvido depois de sua morte. Ela nunca foi uma para mistérios ou segredos. Então, por que esta carta?

Cleo olhou para ela como se pudesse mordê-la. Lentamente, ela voltou para a cadeira. Não havia outras sugestões além desse comando estranho.

— Deixe para Cleo encontrar... Você sabia que eu voltaria aqui, vovó?

Claro que ela fez, Cleo se repreendeu. Ela me deixou a casa. Ela queria que eu voltasse aqui. Mas ela suspeitava que isso levaria tanto tempo...?

Ela abriu o envelope com cuidado. Dentro havia uma folha de papel dobrada. Ela se preparou para uma carta, ainda marejada com esse súbito achado - mas quando desdobrou o papel, não conseguiu entender o que via.

Era um desenho. Ela franziu a testa para as linhas pretas que formavam formas que ela não conseguia entender. Isso era uma piada...?

Então, de repente, ela percebeu o que era que ela segurava em suas mãos.

Ela virou o papel. Agora, as linhas começaram a formar caminhos e os pequenos rabiscos se transformaram em pequenas figuras.

É um mapa!

Havia a casa e o lago com as duas pequenas ilhas no centro. Havia o riacho onde muitas vezes ela ia pescar com seu avô. Havia a colina onde no inverno, quando estava coberta de neve, eles haviam trepado.

Mas havia outros símbolos que não faziam sentido.

O X marca o local.

Não era assim que os mapas do tesouro funcionaram nos filmes piratas? Havia um X. Mas seu avô não era pirata e eles não tinham tesouros. Além disso, ela não reconheceu nenhum dos marcos que sua avó desenhou que levaram ao X.

Com um som frustrado, ela colocou o mapa de volta.

— Bem, isso não faz absolutamente nenhum sentido, vovó! Por que você deixou isso para mim?

Ela olhou em volta. Ainda se lembrava do cheiro de biscoitos assando no forno, sua avó cantando junto com uma velha canção no rádio enquanto Cleo desenhava com seus lápis de cera. Agora a casa parecia vazia e silenciosa. Ninguém respondeu a ela.

Finalmente ela balançou a cabeça e colocou o mapa de volta dentro do envelope. Teria que ser um mistério para outro dia. Por agora, ela queria dar uma rápida caminhada até o lago, e então talvez arrumar outro quarto antes da hora do jantar.

***

O lago estava exatamente como ela se lembrava. Tudo em silêncio, exceto pelo som do vento nas árvores e o canto distante dos pássaros.

Até mesmo o velho barco ainda estava amarrado na casa de barcos, agora bastante desorganizada.

Cleo passou pelo pequeno píer do qual haviam mergulhado no lago quando crianças.

A floresta não era tão densa aqui e a costa era pedregosa. Era possível chegar ao meio do lago apenas pulando de pedra em pedra. Pelo menos era isso que eles haviam tentado fazer quando crianças, mas nunca tinham chegado mais longe do que na próxima entrada.

A entrada! Cleo parou quando de repente percebeu que tinha visto no mapa. Estivera perto de um símbolo que tinha que ser uma cachoeira.

Memórias voltaram correndo. Seguir o riacho a montante acabaria por conduzir a um pequeno lago, e esse lago, por sua vez, foi preenchido por uma pequena cascata que descia em cascata das rochas.

Quando crianças, eles brincavam de pegar sapos no lago. Mais frequentemente do que não, terminou com um deles caindo no interior.

Cleo sorriu e se perguntou se Sidney ainda se lembrava de como um dia emergira da água com um enorme sapo marrom sentado em cima de sua cabeça. Eles tinham se divertido muito aqui. E agora que Cleo havia retornado como uma adulta, o lago e a floresta não tinham mudado nada. Como era estranho explorar esses caminhos antigos e lembrar como suas aventuras haviam sido excitantes quando crianças.

Eu sou a única que mudou, ela pensou quando começou a seguir o riacho para longe do lago. Quando criança, eu sempre quis desenhar. Mas também achei que teria aventuras. E eu pensei que sempre seria feliz quando crescesse.

Não foi tão fácil assim. Ela seguiu seus sonhos, mas onde isso a levou? Com sua criatividade seca, seu coração partido e tudo em que ela acreditava se despedaçou.

Eu confiei nele, ela pensou, a raiva aumentando mais uma vez. Isso é o que dói mais. Não é só que ele partiu meu coração.

Ele também quebrou a parte dela que sabia como confiar.

Eu não estou cometendo esse erro novamente. Eu não quero ser deixada de lado pelo sonho de alguém.

Ela tinha que se pensava que ela era o sonho de Walter... Mas é evidente que ela estava errada.

Então ela bufou. Talvez nem houvesse a chance de cometer esse erro novamente. Talvez ela nunca encontrasse alguém que a amasse, a artista desajeitada com muitos quilos nos quadris e os sonhos impossíveis.

Eu definitivamente não estou encontrando ninguém aqui na floresta.

Talvez fosse assustador enfrentar dois meses de solidão - mas era exatamente o que ela precisava agora. E aqui fora, com apenas as árvores e o som da cachoeira como companhia, ela logo esqueceria tudo sobre sua antiga vida. Ela não queria mais desgosto e dor. Tudo o que ela queria era encontrar aquela parte dela novamente onde sua criatividade tinha ido se esconder.

Então ela saiu de debaixo das árvores, a pequena clareira com a lagoa se abrindo diante dela, e ela engasgou audivelmente.

Havia um homem nu tomando banho embaixo da cachoeira.

Cleo piscou, encarou e piscou novamente.

O homem nu ainda estava lá. E ele parecia... incrível! Essa foi a única palavra que me veio à mente.

Sua pele estava brilhando com água. Seus ombros eram largos e seus braços fortemente musculosos. Seu cabelo era castanho escuro, quase preto da água da cachoeira que continuava derramando sobre os ombros fortes, e Cleo não conseguia desviar o olhar.

Não parecia real. Certamente não poderia ser real. Essas coisas só aconteciam em filmes!

O sol estava brilhando em sua pele bronzeada. Havia uma linha de cicatrizes em suas costas, arranhões longos e vermelhos a uma distância regular, como se algum animal selvagem o atacou uma vez.

Cleo não conseguia desviar o olhar. Ela sabia que deveria sentir medo - um estranho, nu, todo o caminho até aqui na floresta!

Mas havia algo mais dentro dela que não sentia pânico. Era como se, de repente, alguém tivesse acionado um interruptor, e a parte escura e vazia dentro dela de repente tivesse sido preenchida com luz.

Eu quero desenhar ele.

Isso é o que ela estava sentindo. Seus dedos estavam coçando por um lápis e seu caderno de desenho.

Ela nunca tinha visto nada parecido antes: a luz do sol refletindo das miríades de minúsculas gotas de água no ar enquanto a cascata caía sobre seu corpo da rocha acima dele. A maneira como seus músculos flexionavam enquanto ele se movia, a força de seu corpo e a facilidade de seus movimentos, o modo como tudo parecia ter se juntado para um único momento para soletrar a perfeição: luz solar, água e a fisicalidade pura e de tirar o coração. de seu corpo duro e masculino.

Então ele virou a cabeça e seus olhos encontraram os dela.

Tão facilmente quanto isso, o feitiço foi quebrado. A realidade alcançou-a.

Ela engasgou novamente, pronta para voar enquanto ele olhava para ela em surpresa e choque.

Um segundo depois, ele pulou na piscina. Quando ele emergiu novamente depois de um momento, Cleo não se sentia mais tão ameaçada.

Havia uma grande corda de algum tipo de alga que envolvia sua cabeça e pendia de seu ombro. Parecia viscosa, um verde-marrom molhado que ficava pingando água do lago em seu ombro, e Cleo apertou a mão na frente de sua boca para conter sua risada chocada.

Não só havia um cara quente e nu se banhando no lago, mas agora ele parecia ter escapado do set de um filme de ação barato, com uma faixa de cabelo particularmente nojenta enrolada em seu cabelo.

Ele parece um Rambo de baixo orçamento, ela pensou, e agora ela não conseguia mais segurar a risada nervosa.

Ela ainda estava tensa, pronta para fugir se ele desse um passo até ela - mas com as algas, ele de repente não parecia mais tão perigoso. E ele não se moveu, o que era pelo menos alguma coisa.

— Esta é propriedade privada, você sabe. — Ela gritou depois de um momento, uma vez que ela recuperou a compostura.

Seu coração ainda batia rápido, mas ela estava determinada a não demonstrar nenhum medo. Não era longe da casa dela. Se ela corresse, ela voltaria antes mesmo que ele conseguisse sair da água, porque ela sabia quão escorregadias eram as pedras velhas que cobriam a lagoa. E então ela trancaria a porta e chamaria a polícia.

— Desculpe. — O cara falou de volta. Ele estava olhando para ela, olhos arregalados e assustados, e então ergueu as mãos como se quisesse tranquilizá-la. — Uh, você... você me daria um momento para que eu possa me vestir?

Cleo olhou para ele. — Eu não vou virar as costas para você!

Ele deu-lhe um olhar tímido em retorno, mas ela ainda não se atreveu a relaxar. Ele parecia inofensivo..., Mas ainda assim, não havia explicação para por que um estranho estava se banhando nu em sua lagoa.

— Sinto muito. — disse ele. Então ele estremeceu, uma das mãos subindo para pegar cuidadosamente as algas que ainda se agarravam à sua cabeça. — O que o... yuck! — ele disse quando a massa viscosa envolveu seus dedos.

Cleo piscou quando, de repente, ele foi embora de novo. Um instante depois, ele surgiu mais uma vez, balbuciando e se sacudindo.

Gotas voavam em todas as direções, brilhando ao sol. As algas se foram, e Cleo não conseguiu morder um sorriso quando ele rapidamente tirou o cabelo molhado dos olhos.

Ele era lindo - todos os músculos, pele brilhante e mandíbula esculpida, mas naquele momento, ela se viu de repente lembrando de um filhote enorme tirado da água.

— Então, eu acredito que você estava prestes a me dizer o que você está fazendo na minha propriedade? — ela disse e deslizou a mão demonstrativamente no bolso. — E não se engane - eu tenho meu telefone comigo. Eu posso ter os policiais aqui em pouco tempo.

Lá estava. Ela tocou o duro plano de seu telefone em alívio. O que ela não disse a ele era que muitas vezes era difícil conseguir um sinal aqui, mas com alguma sorte, a ameaça seria suficiente.

— Ok, ok. — Ele disse e levantou as mãos novamente. — Eu realmente sinto muito. Eu não sabia que alguém estava morando aqui. Eu estou bem caçando. Na verdade, você provavelmente não deveria gastar muito tempo andando sozinha até que tenhamos capturado a fera.

— A fera. — Ela repetiu.

O olhar que ela lhe deu claramente disse que ela estava esperando por uma boa explicação.

O cara fez uma careta. — É uma onça. Possivelmente ferido.

— Mmhm. — Ela não acreditou em uma única palavra de sua história.

Ela sabia que não havia onças aqui. Ela se sentiu um pouco insultada, na verdade, por ele estar tentando vender uma história tão maluca.

— Olha, é complicado. — Ele respirou fundo e suspirou. — E eu sou, hum. Eu me sentiria mais confortável com essa conversa vestido, e acho que você pode sentir o mesmo?

— Não se mova. — Repetiu Cleo com outro olhar feroz. — Se você der um passo em minha direção, eu juro que chamarei a polícia em você.

Com essa ameaça, ele deu uma risadinha. Ele estendeu a mão para afastar mais do cabelo molhado que caía em seus olhos.

— Na verdade, talvez você deveria. — disse ele com um sorriso de desculpas. — Eu não sou bom nisso. Explicações ou pessoas. Eu estou aqui apenas para caçar. Mas se você quiser ligar, é só chamar Chris Anders...

— O novo policial? — Cleo de repente se lembrou das fofocas que sua prima Sidney a tinha falado.

— Sim, esse é o único! — Ele deu um sorriso aliviado. — Ele é meu irmão, você vê! E é por isso que estou aqui. Porque havia aquela onça ferida e eu sou um caçador, então...

— Um caçador. De onças. — Repetiu ela e depois estreitou os olhos para ele.

— Como posso explicar isso? — O homem parecia envergonhado. A água continuava escorrendo pelo corpo dele. — Por um lado, ele não deveria estar aqui. Este não é o país das onças. E por outro lado, ele deveria estar trancado. Quero dizer, embora. Longe dos humanos!

— Humph. — Cleo fez outro som duvidoso.

Ela não conseguia afastar a sensação de que ele estava escondendo alguma coisa dela. Ela não voltava a Linden Creek há muito tempo, mas na infância, ninguém caçava onças naquela floresta. E por que diabos ele parecia tão nervoso?

— Tudo bem. — disse ela resolutamente. — Vou voltar para casa e ligar para a polícia para verificar sua história. E é melhor você se vestir e ir embora.

— Desculpe. — Ele disse novamente, olhando para ela com uma expressão ilegível.

Havia algo estranho em seus olhos. Eles eram marrons - um marrom profundo, como um pinheiro aquecido pelo sol. Olhar para dentro deles fez o calor se espalhar através dela. Foi difícil desviar o olhar. Com o sol em sua pele reluzente e a cachoeira atrás dele, por um momento ele parecia uma criatura selvagem da floresta.

Ele parecia... misterioso. Como se um animal estivesse olhando para ela do lago. Talvez um gato grande e ágil, como o que ele dizia estar caçando. Ou um grande e majestoso cervo, o rei da floresta.

Não, ela então pensou, engolindo quando sua boca ficou seca de repente. Como um urso. Como um urso forte e protetor, um guardião da floresta.

Que estranho. Ele era apenas um cara aleatório invadindo sua propriedade, assustando-a até a morte. Mas por um momento, ela poderia jurar que em vez dele, ela tinha visto aquele urso da pintura de sua avó.

Ele tem os olhos de um urso...

Novamente, seus dedos coçavam por um lápis, um pincel, qualquer coisa que permitisse colocar essas emoções estranhas em uma forma que talvez fizesse sentido. Em vez disso, ela se forçou a se virar e voltar pelo caminho que levava direto ao pátio de sua pequena casa.

Ela escutou o som dos passos. Ela ainda segurava a mão firmemente apertada ao redor do telefone.

Mas não havia som além do dos pássaros e do vento. Depois que ela conseguiu voltar, trancou a porta com força, e ligou para o número da polícia local.

CAPITULO DOIS

STEVEN

Steven Anders olhou com choque e constrangimento para o local onde a mulher mais linda que ele já tinha visto tinha acabado de desaparecer na floresta.

Parabéns, ela agora acha que você é um pervertido, Steven disse a si mesmo, então gemeu e cobriu o rosto com as mãos. Eu nunca deveria ter vindo aqui.

Eu não vou embora, o urso dele disse. Eu não vou sair nunca mais.

Steven apertou a mandíbula. Vamos sair assim que o trabalho terminar. Como sempre fazemos. Lembra? Um urso solitário, vagando por aí, caçando...

Eu mudei de ideia, seu urso resmungou em sua cabeça. Eu estava errado. Eu quero uma companheira agora. Eu quero...

— Não diga isso. — Steven avisou seu urso em voz alta.

Ela, o urso terminou, mal-humorado e determinado.

— Eu não quero ouvir isso!

Ela é nossa companheira. Eu não estou saindo.

— Isso não pode estar acontecendo. — Steven gemeu, e então olhou em volta mais uma vez em constrangimento repentino.

E se ela tivesse ouvido a conversa dele?

— Ótimo. Ela vai pensar que eu sou um pervertido e um lunático. — Ele murmurou. — Que ótima maneira de causar uma boa impressão.

Steven tinha ido ao bosque de Linden Creek porque seu irmão Chris tinha tido problemas com um bando de shifters criminosos de onças. Chris lidou com eles e dois shifters estavam atrás das grades agora.

Mas uma onça solitária e ferida escapou para a floresta. E um shifter feroz, talvez ferido, talvez enlouquecido, era um problema que Chris não queria por perto.

Steven era o tipo de shifter que era chamado em situações como esta: grande, forte e consciente de como se comportar em uma luta. E ele sabia como evitar problemas com autoridades que não eram mutáveis.

Não que isso fosse um problema tão grande, com o irmão de Steven encarregado da aplicação da lei nesta pequena cidade. Mas Chris só recentemente se estabeleceu com sua nova companheira. Uma onça selvagem que atacava turistas era a última coisa de que precisava, e Chris não podia simplesmente tirar semanas de seu trabalho para caçar um shifter feral nas infindáveis colinas e vales cobertos de madeira da região.

Eu não podia viver assim, Steven pensou e olhou em volta. Toda essa responsabilidade. Não há liberdade para decolar e correr. Como isso é diferente de ser enjaulado?

Tudo estava quieto. Ele respirou fundo.

O ar cheirava a limpo - limpo como a água caindo em cascata pela rocha na lagoa. Folhas sussurravam acima de sua cabeça. O sol brilhava na pequena clareira. O céu azul brilhante refletia-se na superfície da lagoa.

Enquanto Steven observava, um pequeno lagarto escorregou de uma rocha para a água. Uma abelha zumbiu, lenta e carregada de pólen.

A floresta cheirava convidativa. A escuridão sob as árvores o chamava. Havia cem caminhos diferentes para explorar. Havia cavernas para encontrar, bagas para devorar, mel para roubar, pedras para escalar. Ele queria correr por horas, até encontrar um lugar onde o vento cheirasse diferente, e onde novos caminhos o levariam a lugares diferentes com novas aventuras esperando por ele.

Ele queria rolar no musgo, ou encontrar uma clareira aquecida pelo sol para se enroscar e tirar uma soneca. Essa era toda a felicidade que ele precisava desde que ele era criança. Por que isso deveria mudar agora?

Ele tinha mudado. Ele podia sentir isso.

Algo havia mudado desde que seus olhos encontraram os dela, todos amplos e chocados. Seus lábios se separaram por um pequeno suspiro. Seus olhos pareciam olhar diretamente para o coração dele, verde como a floresta e emoldurados por cílios longos e escuros. O vento brincara com mechas de cabelo, cachos ruivos que brilhavam à luz do sol, brilhantes e suaves. Ele nunca quis nada mais do que ele queria escovar aqueles cachos fora de seus olhos naquele momento.

Sua companheira. Seu urso achava que ela era sua companheira.

Steven esperava que isso nunca acontecesse, porque o que ele tinha para oferecer a uma mulher? Ele gostava de correr livre. Ele gostava da solidão da floresta. A vida que ele levara deixara suas marcas em sua pele.

E lá estava ela, macia onde ele estava marcado, o corpo dela de uma deusa, todas as curvas deliciosas que ele não conseguia parar de pensar.

Mas os olhos dela, ele pensou novamente. Havia algo em seus olhos. Como se ela estivesse me vendo. O verdadeiro eu.

Isso era impossível, ele sabia disso. Seu irmão lhe dissera que não havia outros shifters em Linden Creek. Ninguém além de seu irmão e a companheira de seu irmão sabiam a verdade sobre Steven.

Ela não pode saber. Ela teria corrido se me visse se transformar em um urso.

Mas então, o que foi que ele viu no rosto dela naquele momento final? Ela poderia ter sentido a mesma ligação que ele? Ela poderia tê-lo reconhecido como seu companheiro também?

Isso é complicado demais para um simples caso de pegar uma onça, ele pensou, e então franziu a testa para o que estava ao seu redor.

Ainda havia a questão da onça. Ele o perseguia há algum tempo e, até agora, sem sucesso. Mas onde quer que a onça estivesse escondido, não poderia estar muito longe. Ele encontrou impressões de pata aqui, e uma ou duas vezes, ele pegou seu cheiro.

Seu covil deve estar perto. É por isso que ele continua voltando. O que significa que ela está em perigo.

Talvez ele devesse deixar Chris lidar com isso. Afinal, esse era o trabalho de Chris. Com um pouco de sorte, ela até acreditaria na história da onça se Chris confirmasse o que Steven lhe dissera.

Você deveria dizer a ela que ela não precisa se preocupar, seu urso resmungou. Nós vamos mantê-la segura. Nós vamos proteger a nossa companheira!

Eu não acho que isso vá bem, Steven respondeu silenciosamente. E eu não sou bom com humanos. Veja que bagunça já fizemos disso.

Eu acho que ela gosta de nós, seu urso bufou.

Steven teve que rir. — Eu gostaria de ter seu otimismo. — Ele murmurou, e então finalmente saiu da piscina para se vestir.

Talvez Chris lhe pagasse uma visita. Steven não gostava da ideia de andar pela cidade. Na floresta, ele sentia em seu elemento. Às vezes ele achava que seria mais feliz se simplesmente nunca voltasse à sua forma humana.

Mas agora você tem alguém para ser humano, seu urso sussurrou em sua cabeça. Ele parecia suspeitosamente presunçoso.

Steven fingiu que ele não tinha ouvido. Mas ele não conseguia parar de pensar no jeito que ela olhava para ele. Ela não recuou. Ela até o ameaçou.

Isso foi muito corajoso.

Ainda. Ele tinha visto como os relacionamentos poderiam dar errado. Ele não podia fazer isso com ela.

Ele não faria isso.

Ha, seu urso resmungou novamente.

***

Dois dias depois, Steven estava andando pela estrada que levava de volta ao lago, onde o cheiro da onça continuava aparecendo, quando um carro diminuiu a marcha e parou ao lado dele. Steven estava meio preparado para fugir para a floresta, porque a última coisa que queria era conversar com outra pessoa. Mas então a janela desceu, e ele se viu mais uma vez cativado por familiares olhos verdes.

— Oi. — disse a mulher ruiva.

Sua companheira. Mais uma vez ele sentiu aquela atração irresistível.

Ela deu-lhe um pequeno sorriso. — Então, hum. Eu só queria dizer que chamei a polícia, e seu irmão me disse que você não inventou uma história maluca sobre uma onça. Desculpe eu não acreditei em você, mas...

— Está tudo bem. — disse ele, resistindo à vontade de se aproximar um pouco mais. — Parece uma história maluca, mas a onça é real. E ele ainda está por perto. Você já pensou em voltar para a cidade por um tempo, até que seja pega?

— Eu não vou a lugar nenhum. — Ela disse. Seus dedos bateram nervosamente contra o volante.

Chris provavelmente disse a mesma coisa, Steven percebeu. Droga.

E ela não tinha escutado.

— Olha. — Ele começou. — Eu sei que você acha que é apenas algum gato aleatório escondido em algum lugar aqui, mas...

— Estou segura o suficiente em casa, não é mesmo? — ela interrompeu. — E você não evacuou o lago inteiro, então por que deveria ser diferente para mim?

Porque você é nossa companheira, seu urso forneceu.

Steven mordeu o lábio para não dizer algo tolo.

— Enquanto você ficar dentro, você deve ficar bem. — Ele admitiu com relutância. — A onça está se escondendo. Desculpe, não quero te assustar; Ele está claramente se escondendo de todos os humanos. Eu

tenho caçado ele por um tempo agora. Mas você sabe como é. Um animal assustado se torna perigoso assim que pensa que está preso.

— Não há passeios na floresta para mim, entendido. — disse ela. — Embora eu tenha dito ao seu irmão que eu estou levando o barco para o lago, e nenhum onça está me impedindo disso.

— Você deveria estar bem no lago. — Por um momento, ele pensou se deveria se oferecer para manter sua companhia, se ela quisesse dar um passeio na floresta, afinal. Então ele se lembrou de como eles se conheceram. Talvez ele não devesse insistir, não depois daquele memorável primeiro encontro...

Covarde, o urso rosnou na sua nuca.

Algo pareceu tomar conta e fez Steven dar um passo à frente então - uma força que o atraiu para ela. Ele nunca se sentiu tão desamparado quanto quando olhou nos olhos dela.

Todos os seus antigos instintos diziam para correr, deixar para trás o que só poderia acabar com mais dor e a perda da liberdade que ele nutria acima de tudo.

Mas agora um novo instinto havia assumido. E esse instinto queria estar perto dela para admirar o calor de seus olhos quando ela sorria. Esse instinto puxou-o implacavelmente. Pela primeira vez em sua vida, havia uma nova necessidade que sobrecarregou até mesmo aquela velha necessidade de sua liberdade.

A necessidade de sua companheira.

Steven quase teve pena de seu irmão, cujo urso havia sido acorrentado pelo amor. Mas agora ele olhava nos olhos verdes dela, e o velho chamado da floresta havia perdido sua força.

Ele ainda queria correr, mudar e ser livre.

Mas ele queria estar perto dela também.

Quem precisa de novas florestas quando podemos ter uma floresta perto dela, disse seu urso suavemente.

Não, Steven pensou. Não, não, não. Eu não posso fazer isso. Eu sei como estas coisas acabam! Eu não sou meu irmão. Eu não sou como... Eu não sou um urso manso.

Ele se forçou a dar um passo para trás, e algo nos olhos dela pareceu se fechar. Ela sentou-se em linha reta em seu carro mais uma vez.

— De qualquer forma, eu deveria continuar. Eu tenho muito o que fazer. — Ela disse, então hesitou por um momento. — Eu sou Cleo, a propósito. E... Fiquei muito feliz por seu irmão ter confirmado que você não é um pervertido...

— Eu sou Steven. E sinto muito pela invasão. — Steven estremeceu, o constrangimento subindo nele mais uma vez pela memória. — Como eu disse, achei que a área estava deserta no período de entressafra, e as trilhas do animal continuam levando para este lago.

Ela deu-lhe um pequeno sorriso. — Está bem; eu falei com o seu irmão. E parece ser importante pegar essa onça antes que algo aconteça. Mas eu apreciaria se...

— Se eu não me banhasse mais em sua lagoa? — ele terminou para ela, e eles sorriram um para o outro. — Sim, eu prometo. Eu vou escolher um local diferente ao longo do lago. Não é todo seu, é?

— A maioria pertence a Jeremiah Higgins, na verdade. — disse ela, e por um momento uma carranca se estabeleceu em suas feições. — Ele comprou muitas terras aqui. No final, minha avó foi a única que não vendeu para ele. Embora ele não more aqui. Desde que tudo seja oficialmente

sancionado pela polícia, não acho que ele se importe. Ele está tentando refazer tudo isso em um resort de retiro de fim de semana de luxo.

— E você é…? — Ele apontou para os baldes de tinta no carro dela.

— Definitivamente, não o transformar em um resort de luxo. — disse Cleo com firmeza. — Por um lado, não tenho dinheiro. Além disso, a casa é perfeita do jeito que é. Espero poder alugá-la quando terminar - mas serão famílias com crianças que querem passar um verão no lago. Eu costumava amar verões aqui. Corríamos até o sol se pôr e meu avô iniciava uma fogueira. Ele iria grelhar peixe que ele pegava e nos contar histórias sobre os animais que vivem na floresta, e nós tentaríamos contar vaga-lumes...

— Parece uma infância perfeita. — Steven teve que engolir as memórias repentinas que haviam surgido - seu pai gritando, voltando para casa bêbado, fugindo sem uma palavra.

Esse era o urso nele, ele lembrou a si mesmo. Seu urso o fez correr. Assim como o seu faz. Ela não merece isso.

Cleo respirou fundo. — Foi. — Ela concordou depois de um momento. — Eu tive um pouco de azar ultimamente. Eu acho que é por isso que voltei. Para ver se eu poderia descobrir onde eu errei. É o que meu avô sempre dizia: se você se perder, volte para onde perdeu os outros e espere.

— Então você está esperando agora? — ele disse suavemente, estudando seu rosto com novo interesse súbito.

O que poderia ter acontecido a uma mulher como Cleo para levá-la a procurar consolo na floresta? Alguém a machucou?

Ninguém jamais vai machucá-la novamente, seu urso rosnou.

Por mais que Steven tentasse, ele não podia lutar contra a súbita onda de proteção.

Ele não conseguia se aproximar e machucá-la. Ele prometeu a si mesmo que nunca cometeria os erros que seu próprio pai cometera.

Mas enquanto ele estivesse na área para caçar a onça, com certeza não faria mal ficar de olho nela. Isso não era amor. Isso nem era amizade. Isso era simplesmente olhando para outro ser humano. Qualquer um faria o mesmo.

No fundo de sua mente, seu urso ria de novo. Continue mentindo para si mesmo!

Steven apertou a mandíbula em resposta.

— Estou esperando... e trabalhando. — disse Cleo com um profundo suspiro. — Eu ainda preciso lixar a varanda e dar uma nova pintura. De qualquer forma, é tão pacífico aqui quanto me lembro. Claro, não tivemos ameaças de onça quando eu era criança...

— Desculpe por isso. Eu estou fazendo o meu melhor para manter sua casa livre de onças. — disse ele.

Ela deu-lhe uma risadinha, suave e deliciada. — É melhor! Eu não poli o chão por horas para ter um gato grande arranhando tudo de novo.

Ele não podia desviar o olhar de onde uma onda avermelhada estava provocando contra seus lábios.

Por um momento, eles continuaram olhando um para o outro. Steven sentiu-se estranhamente sem fôlego. Era a mesma alegria que ele sentia quando corria por horas e finalmente chegava ao topo de uma montanha, ou quando ele conseguia atravessar um rio rugindo.

Não, não, não. Isso não está acontecendo, ele pensou novamente, impotente contra o calor que continuava subindo nele. Eu não posso fazer isso. É muito perigoso…

— De qualquer forma. Acho que devo ir polir e pintar um pouco mais. — Ela disse baixinho. — Boa sorte com a caçada.

Seus olhos brilhavam, o verde lembrando-o de folhas recém-desabrochando na primavera.

— Obrigado. — disse ele. Ele ainda não conseguia tirar os olhos dela. — E eu prometo, não mais encontros como aquela primeira vez que você me viu.

Ela deu-lhe outra pequena risada e suas bochechas coraram um pouco. Seu próprio rosto também estava quente. Por que foi tão perturbador falar com ela?

Era também fácil falar com ela, isso era o que estava errado. Nunca foi fácil falar com estranhos para ele. É por isso que ele evitava os humanos. É por isso que ele preferia correr livre.

Mas algo nela fazia com que ele se sentisse à vontade. Ele queria falar com ela. Ele queria saber o que a fazia rir. Ele queria ouvir mais dessas histórias de sua infância.

Não, ele disse a si mesmo novamente, observando impotente enquanto ela ligava o carro e continuava pela rua. Não importa o quão bom seja agora, sei que não acabaria bem.

Você não pode saber até que tente, seu urso disse, sua voz suave por uma vez.

Steven fingiu que não tinha ouvido.

***

A água escorria da cabeça de Steven e ele se sacudia como um cachorro, voando em todas as direções. Depois que ele viu Cleo pela última vez, uma semana se passou durante a qual ele não tinha falado com um único ser humano.

Apenas como eu gosto, ele pensou em seu urso, que estava amuado todo esse tempo.

Ele encontrou outra trilha nova há alguns dias. As pegadas tinham levado a outro pequeno riacho, mas ele perdeu o cheiro de onça na água novamente.

Era quase como se a fera estivesse provocando Steven. Ele o rastreava sem resultado durante dias, e então, justamente quando ele pensava que a onça havia se mudado, haveria outra estampa de pata, ou outro perfume fresco, onde o gato grande se esfregou contra uma árvore.

Ele não pode se esconder para sempre. Mais cedo ou mais tarde eu vou pegá-lo. Tem que haver uma razão para ele ficar perto desse lago. Ele deve ter um covil escondido em algum lugar...

Um pássaro emitiu um som de raiva, repreendendo-o do ponto de vista de um galho bem acima dele.

Steven sorriu e tirou o cabelo molhado dos olhos e então se concentrou.

Mudar vinha tão facilmente quanto respirar para ele. Desde a infância, ele preferia a forma de seu urso. Isso significava que ele não tinha que ouvir seu pai gritando ou sua mãe chorando. Ele não precisava sentir medo, ser pequeno ou desamparado.

A forma de seu urso lhe dera força naquela época. Ele tinha escondido com o animal sempre que podia. E assim que ele estava velho o suficiente, essa era a vida que ele escolhera: a vida de um urso errante, nunca se estabelecendo, sempre encontrando novas aventuras. O estranho trabalho de rastrear um shifter que causava problemas não era exatamente lucrativo, mas era dinheiro suficiente para alguém como ele que não precisava de muito.

Tudo o que ele precisava era da floresta, musgo sob as patas e céu azul acima da cabeça.

Steven inalou profundamente. Os aromas da floresta encheram seus sentidos: pedras úmidas, folhas velhas, frutos maduros, o aroma claro e agudo de agulhas de abeto liberando seu aroma onde ele pisou em galhos caídos.

Quando ele exalou, todas as sensações cresceram de repente em intensidade. Um choque como um relâmpago percorreu seu corpo enquanto tudo parecia se expandir. Seu nariz se contraiu, reconhecendo três diferentes e antigos rastros de cervos. Seus ouvidos ouviam o farfalhar de um rato num arbusto e os gritos famintos de pássaros recém-nascidos em uma das árvores próximas.

Ele mudou, tão facilmente quanto isso.

Como toda vez que ele retornava a esta forma, uma louca alegria o enchia. Suas patas coçavam para correr. Este era quem ele deveria ser. Esta era a sua casa: a floresta, o céu, o deserto, onde ninguém tinha expectativas.

Era a liberdade e era toda dele.

Um rugido alegre escapou dele, e então ele partiu para o norte, circulando mais uma vez todos os pontos onde ele havia encontrado impressões da onça antes.

Ele correu e correu, parando de vez em quando para farejar pontos de interesse particular - mas hoje, não havia novos odores para exigir sua atenção. A onça tinha um aroma muito distinto, agudo e chocante, mas mesmo que Steven revistasse todos os pontos onde encontrara traços do shifter esfregando-se contra as árvores ou escalando pedras, hoje ele não teve sucesso.

Levou várias horas e, no final, Steven circulou o lago inteiro. Ele ainda não conseguia fazer a rima ou a razão dos lugares onde a onça continuava reaparecendo, mas a única coisa que eles tinham em comum era que ele nunca parecia se afastar muito do lago e da floresta que o rodeava.

O que por sua vez o lembrou mais uma vez de Cleo.

Ele derrapou até parar quando naquele momento, um cheiro familiar chamou sua atenção.

Cleo!

Agora que ele olhou ao redor, ele podia ver que ele estava perto de sua casa. Perto demais para o conforto - embora tivesse certeza de que seu irmão encontraria algum tipo de explicação se Cleo chamasse aflição porque não havia apenas uma onça, mas um urso adicional perambulando do lado de fora de sua casa.

Melhor não arriscar tal coisa. Já era ruim o suficiente que sua caça o tivesse levado tão perto dela. Ele pode não estar nu dessa vez, mas certamente o fato de que ele era um urso também não funcionaria a seu favor.

Cuidadosamente, ele seguiu em frente. Ele deixou suas roupas não muito longe. Ele circulou o lago uma vez; Era talvez a meia hora daqui até o pequeno afloramento rochoso onde ele encontrara uma alcova

minúscula e natural para deixar seus pertences. Ele só teria que passar pela casa de Cleo com segurança.

Seu nariz se contraiu quando ele inalou o ar mais uma vez. Seu perfume era mais distinto agora... e um momento depois, ele ouviu o som de pés descendo um caminho.

Steven estava bem escondido em um emaranhado de arbustos espinhosos a mais de um passo da margem do lago. Não havia como ela conseguir vê-lo.

Ainda assim, a visão dela saindo da floresta no caminho que levava à sua casa foi o suficiente para sobrepujar o urso nele mais uma vez. Era como se simplesmente olhá-la fosse o suficiente para acalmar uma parte dele que sempre estivera inquieta e precisava correr. Quando ela estava perto, não havia nenhum desejo irresistível de escapar de tudo o que ameaçava acorrentá-lo. Em vez disso, tudo o que ele queria era continuar olhando para ela.

Ela era linda. A maneira como ela se movia, os quadris balançando, o cabelo despenteado pelo vento, fazia com que algo dentro dele ficasse sem fôlego. Ela estava tão em casa na floresta quanto ele. A solidão de sua casa à beira do lago não a incomodava.

Ela carregava uma vara de pescar em uma mão e um livro na outra. Seu nariz sensível conseguia distinguir o protetor solar com cheiro de coco. Enquanto ele observava, ela desceu o pequeno píer de madeira e depois subiu no pequeno barco amarrado ali.

Steven bufou de alívio.

Bom. No lago, ela estaria segura. A onça não a seguiria até a água. Parecia decidido a se esconder na floresta; ele nunca tinha visto nadar para o lago.

Além disso, isso significava que ele não tinha motivos para ficar por perto e assistir, porque ela tinha conseguido entrar com segurança no barco. Então, se ele a observasse para se certificar de que a onça não atacaria, isso significava que ele poderia seguir em frente e voltar para suas roupas...

Ou podemos esperar que nossa companheira retorne, sugeriu seu urso.

Steven ficou tenso com a palavra.

Estamos aqui para trabalhar, ele respondeu em silêncio e ignorou o rugido infeliz de seu urso.

Em vez disso, ele apontou as costas para o lago e, em seguida, começou a sair do matagal espinhoso do qual ele a observara. Ele ainda tinha um pouco de caminhada para onde suas roupas estavam escondidas. E ele não tinha absolutamente nenhum motivo para se demorar.

Ha, seu urso bufou mais uma vez.

CAPITULO TRES

CLEO

Cleo se espreguiçou preguiçosamente. Seu livro estava descansando em seu colo. Ela se sentia agradavelmente quente e relaxada. Ela passeara no lago por uma hora em seu barco, com a vara de pescar apoiada ao lado dela. Ela teve sorte imediatamente e tirou uma truta que planejava grelhar para o jantar mais tarde - mas desde então, nenhum peixe mordera.

Ela não se importava, no entanto. Ela decidiu ir pescar porque precisava de um descanso dos reparos intermináveis e da limpeza da casa. Uma hora ou duas no lago parecia a desculpa perfeita para ler um pouco e aproveitar o sol. E aqui fora, ela nem precisava se sentir mal por causa da onça.

— Eu me pergunto se ele já o pegou. — Ela murmurou, seus olhos se voltando para a costa.

Tudo estava quieto e pacífico. Havia árvores e colinas até onde ela podia ver. Do outro lado do lago, ela conseguia distinguir os pilares de madeira e os telhados das casas que Jeremiah Higgins comprara para transformar em refúgios de luxo.

Não havia sinal algum de que um animal perigoso andava pela floresta. Ela ainda não tinha certeza se acreditava realmente naquela história - mas, depois, a polícia havia confirmado isso.

Ela suspirou. — Melhor prevenir do que remediar…

E não era como se ela tivesse planejado fazer caminhadas de um dia inteiro pela floresta. Ela veio com a intenção de se esconder em casa e dar

tudo o que tinha em esfregar, pintar e polir o que precisava, e depois usar o tempo que restava para desenhar.

Até agora ela tinha feito muito esfregar, e quase sem desenho. A única vez que ela pegou sua caneta e seu caderno de desenho novamente, ela acabou desenhando o corpo nu do estranho em sua lagoa. Ele a envergonhava tanto que ela tinha esbofeteado o caderno de desenho com horror, assim que percebeu o que tinha feito.

Pelo menos é melhor que desenhar Walter...

Um som de espirro rompeu seus pensamentos.

Ela rapidamente pegou sua vara de pesca quando algo começou a puxar a linha. Levou vários minutos até conseguir pegar o barco - era outra truta, mas esta era quase duas vezes maior que seu primeiro peixe.

Suas mãos doíam com a força que o peixe tinha puxado. Ele lutou com ela por um tempo. Quando rompeu a superfície do lago, o corpo forte puxou com tanta força a linha, contorcendo-se para frente e para trás, que agora seus cabelos e sua camisa estavam úmidos de água. Ainda assim, ela estava rindo enquanto lutava contra o pequeno balde onde o outro peixe já estava esperando, sentindo-se triunfante. Todas as lembranças de ir pescar com o avô haviam retornado. Ele ficaria orgulhoso dela por puxar uma truta tão exemplar!

— É o suficiente para alimentar três. — Ela murmurou enquanto observava os peixes se contorcerem com raiva no balde. — Embora eu espero não ter uma onça como convidado.

Mais uma vez ela olhou para a margem, imaginando se Steven ainda estava na área. Ela não o via há uma semana. Ela estava quase curiosa o suficiente para ligar para seu irmão novamente e usar a onça como uma desculpa para descobrir mais sobre Steven, mas até agora ela tinha sido capaz de resistir.

Eu devo ligar para Sidney e perguntar se ela pode descobrir mais... Mas se eu disser a Sidney como o conheci, ela nunca vai parar de me provocar.

Pior, Sidney provavelmente tentaria convencê-la a convidá-lo para um encontro. E Cleo não tinha certeza se ela estava fazendo algo assim novamente.

Eu nem o conheço, ela disse a si mesma. Eu continuo pensando nele porque ele é incrivelmente quente e misterioso e o jeito que ele sorriu para mim foi...

Ela mordeu o lábio quando o calor correu para seu rosto, mesmo quando um calor semelhante se acumulou entre suas pernas. Ela se mexeu desajeitadamente.

Era impossível parar de pensar nele. E isso era um problema por si só, porque ela veio aqui para se curar de Walter e não para mergulhar de cabeça na próxima decisão terrível.

Primeiro jantar, ela decidiu quando a olhou seu balde pesado mais uma vez. E então talvez mais pintura. E não há mais pensamentos sobre - e se. Ele é apenas um estranho aleatório que vai seguir em frente em breve. Na verdade, talvez ele já tenha ido!

Determinada, ela pegou os remos e começou a remar de volta para a praia. Foi bom sentir a tensão de seus músculos; distraía-a de todos os pensamentos sobre coisas que ela não podia mudar.

O sol ainda estava brilhando sobre ela. O dia estava lindo. Estava quente o suficiente para que um banho no lago parecesse tentador agora.

E justamente com esse pensamento, ela viu uma cabeça na superfície do lago mais ao norte. Estava a uma distância segura de seu

próprio píer, mas ela reconheceu a cabeça com o cabelo molhado e molhado pendurado nos olhos do nadador imediatamente.

Steven!

Algo dentro dela se contraiu, o calor enrolando dentro de sua barriga mais uma vez quando ela se lembrou de como ele parecia em pé dentro de sua lagoa, os músculos firmes, coxas fortes, ombros largos, todos brilhando molhados na luz do sol.

Antes que ela pudesse pensar sobre o que estava fazendo, ela levantou a mão e acenou.

Steven hesitou por um momento, em vez de levantar a própria mão para acenar de volta.

Repentinamente determinada, ela agarrou seus remos com mais força e acelerou o passo, remando passando pelo píer e indo mais para o norte até que estivessem perto o suficiente para se ouvirem.

— Olá vizinho. — Ela gritou, incapaz de ajudar o sorriso que se espalhou por seu rosto.

Isso realmente não era como ela em tudo. E isso era definitivamente uma má ideia.

Mas ela não tinha vindo aqui para fazer uma pausa com quem ela tinha sido antes? Talvez ela devesse tentar ser o tipo de pessoa que fez escolhas como essa!

— Alguma sorte hoje? —Steven chamou de volta e acenou para o barco dela.

Ela riu e levantou o balde, depois percebeu que ele não podia ver o que havia dentro.

— Está com fome? — ela gritou. — Considere-se convidado para o jantar, se você está!

Por um momento, Steven apenas olhou para cá sem responder. Ela sentiu o coração afundar na garganta - tinha sido uma má ideia, ela sabia disso! Por que ele

Um borrão repentino a distraiu. Steven estava nadando em direção a ela, separando a água com golpes poderosos e certos. Ela teve que engolir novamente enquanto o observava. Ele parecia tão à vontade na água - era como assistir a um atleta de nível olímpico em seu elemento.

— Ei. — disse ele quando ele finalmente chegou a ela, sorrindo amplamente. A água pingava de seu cabelo. — Hum. Na verdade, não estou... quero dizer, desta vez estou usando shorts!

Cleo olhou para ele, e então ela começou a rir, ela não se conteve.

— Obrigada por me dizer. — disse ela, uma vez que ela foi capaz de se acalmar novamente. — Quero dizer, estou feliz!

Não, você não está, uma voz sussurrou dentro de sua cabeça, e ela não conseguia morder de volta um sorriso.

— De qualquer forma, eu peguei mais do que eu posso comer. — Ela continuou. — Então, caso você esteja com fome e não tenha outros planos... Na verdade, nunca perguntei. Onde você mora? Você sai da cidade todos os dias ou alugou uma das casas de Higgins?

— Oh, eu estou acampando aqui até que eu pegue aquela fera. — Steven não encontrou os olhos dela. Ele pegou o lado do barco dela com uma mão.

Fascinada, Cleo olhou para os dedos. Sua mão era grande e, apesar da vida que ele devia levar para cá, estava limpa e sem arranhões ou hematomas.

Mas havia cicatrizes nele. De repente, ela se lembrou das longas cicatrizes nas costas dele. Teria sido um animal selvagem que ele estava caçando, como a onça?

— Bem, se você se sentir como um churrasco hoje à noite, como eu disse, você está convidado. — De repente, ela não conseguia encontrar seus olhos também.

Seu olhar permaneceu em seu ombro. Havia outra cicatriz ali, velha e pálida.

— Obrigado. — Sua voz era suave. Seus dedos se apertaram ao redor da madeira. — Eu acho que gostaria disso. Se você tem certeza que não se importa...

Finalmente seus olhos se encontraram. Cleo pensou ter visto a incerteza na dele. Ele ficou tão surpreso com suas ações quanto ela?

Ela sentiu a familiar coceira nos dedos novamente. Ela queria pegar uma caneta e esboçar a maneira como a pele dele brilhava à luz do sol. Ela queria estender a mão e tocar a mão dele, traçar aquelas cicatrizes para descobrir as histórias que contariam.

Em vez disso, Cleo se endireitou e respirou fundo para acalmar seu coração acelerado. Algo sobre ele a perturbou. Não era apenas o fato de que ele era incrivelmente sexy - e ela era a melhor juíza disso, já que ela já tinha visto todos aqueles músculos incríveis.

Não, algo mais a atraiu para ele. Era como se ele fosse uma pintura apenas esperando para ser colocado no papel. Algo dentro dela reconhecia que ele queria dizer alguma coisa, mas ela ainda não conseguia descobrir o que era.

Talvez eu deva atraí-lo. Realmente desenhá-lo, não apenas um esboço rápido. Talvez eu pense mais claramente se puder tirar tudo da minha cabeça e colocar no papel...

Naquele momento, um rugido subiu da floresta diante deles. Foi um som misterioso, raiva e solidão torcida em um grito que subiu e desceu.

Cleo estremeceu instintivamente.

— A onça! — ambos disseram ao mesmo tempo.

— Eu tenho que... — Steven começou.

Cleo assentiu rapidamente. Se ela tivesse duvidado dele antes, ela já não o fazia. Aquele som definitivamente vinha de um animal grande e zangado. — Claro. Vou voltar para casa e trancar a porta. Não há passeios na floresta, prometo.

— Desculpe pelo jantar. — Ele deu-lhe um olhar de desculpas, e então suas mãos soltaram o barco.

— Outra hora, então. — Ela gritou atrás dele, observando-o deslizar pela água com golpes poderosos.

Tanto para seu primeiro encontro depois de Walter. Talvez simplesmente não tenha sido feito para ser.

Mais uma vez os olhos dela se ergueram em direção às colinas arborizadas que margeavam o lago. Tudo parecia pacífico. O sol ainda estava brilhando intensamente. Uma brisa havia surgido e ondas suaves batiam em seu barco, balançando-a gentilmente, como se o lago quisesse embalá-la para dormir.

Mas em algum lugar lá fora, uma onça selvagem estava vagando, e Steven se dedicara a caçá-la.

Ela estremeceu apesar do calor. Então ela pegou os remos mais uma vez para remar rapidamente para seu próprio píer.

Espero que ele esteja seguro...

***

Na manhã seguinte, Cleo acordou com o nascer do sol. Ela teve uma noite desconfortável. Ela acordou várias vezes e ouviu o vento uivar em torno de sua pequena casa, imaginando como Steven estava indo.

Ele já havia pego a onça? A onça lhe escapou de novo? Pior: e se Steven fosse ferido?

Ela pressionou o rosto contra a janela. Lá fora tudo estava quieto. As árvores balançavam suavemente na brisa. Ela observou dois esquilos correndo pelo caminho que levava de sua casa até o lago.

Com um suspiro, ela finalmente se afastou da janela e começou a fazer café. Mas uma vez que ela segurou a caneca fumegante em sua mão, ela se viu atraída para a janela mais uma vez.

Eu deveria ter pedido o seu número. Ou dado a ele o meu. Ele poderia pelo menos ter me dito que ele está bem assim. Se ele ainda tem um telefone...

Ela supôs que poderia chamar seu irmão em Linden Creek e ver se ele ouvira alguma coisa, embora o pensamento a envergonhasse.

— Talvez se eu fizer parecer que estou preocupada com a onça, e não esperando um encontro com seu irmão. — Ela murmurou para si mesma, e então tomou um gole de café.

Um dos esquilos veio correndo por uma árvore enquanto ela observava, tagarelando alto e irritado.

Um momento depois, ela pôde ver o que o incomodava: um estranho entrara no território do esquilo.

Não, não um estranho. Steven!

Ela deu um suspiro de alívio ao vê-lo se aproximar.

Ele parecia bem: sem feridas que ela pudesse ver. Ele usava calça jeans simples e uma camisa branca que ele tinha apenas meio abotoado. As pontas do cabelo ainda estavam escuras e úmidas, como se ele tivesse lavado antes de vir visitá-la.

Seu coração batia mais rápido em seu peito. Poderia ser...?

Ela correu para a porta e abriu-a antes de ele chegar ao seu pátio.

— Olá, vizinho. — disse ele em saudação, seus olhos brilhando para ela.

— Bom dia. — Ela respondeu, tentando se apoiar casualmente contra o batente da porta, embora não pudesse evitar o sorriso de resposta que se espalhou por seu rosto.

— Eu pensei em avisar sobre a onça. No caso de você estar preocupada.

— Eu estava preocupada! —Ela deu-lhe um olhar de pesquisa: sem arranhões, sem marcas de mordida que ela pudesse ver. — Você conseguiu?

Steven sacudiu a cabeça e suspirou. — Eu perdi o rastro dele na água novamente. Ele continua aparecendo e desaparecendo, como se estivesse me provocando.

— Você já pensou em trazer cães para rastreá-lo? — ela perguntou, seus olhos ainda se demorando no triângulo impressionantemente musculoso de seu peito que era visível.

Seus lábios se contraíram. — Eu sou muito bom em seguir. E eu trabalho melhor sem cachorros. Torna o acampamento mais fácil para mim também...

— Você viveu aqui todo esse tempo? Já faz mais de uma semana! —Agora ela ficou ainda mais impressionada. E mais preocupada.

Acampar era uma coisa. Ela às vezes passava um final de semana em uma barraca com seu avô também, explorando uma das pequenas ilhas no lago. Mas não havia onças selvagens naquela época...

— Só até eu pegar a fera. — Ele ainda estava sorrindo, embora uma de suas mãos se levantasse para afastar o cabelo ainda úmido de seus olhos.

— Nesse caso, você realmente deveria se juntar a mim para o jantar. — disse ela com firmeza.

Ele hesitou por um momento, mas depois respirou fundo. — Eu gostaria muito disso. E não só porque já estou cansado de aquecer latas de ravióli.

Seus olhos se encheram de calor quando ele olhou para ela, a luz da manhã brilhando em seu cabelo.

— Eu posso fazer melhor do que latas de ravioli, pelo menos. — Ela não conseguia parar de olhar para ele.

Como era possível ser tão cativada pelos olhos de alguém? O marrom a intrigou. Estava cheio de calor e, mesmo assim, evocava imagens de casca áspera, de agulhas de pinheiro - daquele retrato de um urso que sua avó pendurara na casa.

Que estranho. Ela nunca se sentiu tão atraída por alguém antes.

Talvez ela estivesse errada antes. Talvez esse encontro fosse exatamente o que ela precisava. Talvez conhecê-lo melhor a ajudasse a entender essa atração súbita e inesperada. O que havia nele que a chamava assim?

Talvez seja apenas o contrário de Walter...

— Eu volto à noite. — Ele disse, e então acenou para as colinas mais uma vez. — Até lá, vou procurar aquele riacho onde ele desapareceu. E vai ter cuidado?

— Eu ficarei dentro, ou no lago. Eu prometo. — Ela deu a ele outro sorriso, tentando lutar contra o calor que se acumulava em sua barriga, acumulando-se entre suas pernas.

Quando ela mudou, ela podia sentir que ela já estava úmida. Calor correu para o rosto dela.

Talvez isso tenha sido um erro.

Mas por tanto tempo ela tinha sido sensata, e no final descobriu-se que Walter tinha sido o verdadeiro erro.

O que quer que Steven fosse, pelo menos ela não achava que ele não a deixaria por fama e glória. Havia algo refrescantemente honesto sobre Steven.

Talvez por isso ela se sentisse atraída por ele. Ela não achava que ele mentiria para ela. Um homem que estava caçando uma onça selvagem em sua floresta não tinha razão para inventar mentiras malucas.

— Estou ansioso para isso. — Ele falou baixinho, sua voz baixa e íntima. Houve o menor indício de um grunhido nele. Não era ameaçador, mas um estrondo delicioso.

Ela pulsava entre suas pernas enquanto imaginava como seria tê-lo rosnando baixinho em seu ouvido. Como ela iria sobreviver ao jantar?

O café dela ficou frio, ela percebeu quando viu Steven desaparecer na floresta. Ela bebeu, no entanto, sentindo-se sem fôlego e oprimida. Ela não pôde deixar de pensar que isso poderia ser a melhor decisão ruim de sua vida.

***

Hoje, sua hora no lago rendera três trutas - nenhuma tão grande quanto a que ela pegou ontem, mas junto com os outros pratos que preparara, esperava que fosse suficiente até mesmo para um caçador de onças que não tivesse visto comida em semanas.

Cleo havia usado alguns dos mirtilos que reunira para assar muffins. Havia um pedaço de pão de milho esperando também, e ela preparou uma grande tigela de salada. Era bom que ela tivesse ido à cidade comprar mantimentos alguns dias atrás.

Ela ainda não conseguia acreditar que Steven estava acampando na natureza o tempo todo. Fazia mais de uma semana desde que ela topara com ele primeiro. E enquanto o tempo ainda estava quente o suficiente para dormir confortavelmente em uma barraca, ela tinha certeza de que ele estaria sentindo falta de comida de verdade agora.

Depois de alguma hesitação, ela também abriu uma garrafa de vinho. Ela nem mesmo sabia por que comprara. Agora, com os copos à espera da velha mesa, sentia-se um pouco ridícula. E se ele não pensasse nisso como um encontro? E se ele estivesse realmente apenas desejando alguma comida e conversa depois de muitos dias no deserto?

Conscientemente, ela olhou para o espelho. Ela usava um pouco de maquiagem - não o suficiente para ser perceptível, ou pelo menos era o que ela esperava, mas a fazia se sentir melhor sobre si mesma. Ela não tinha exatamente planejado ter algum encontro aqui, e ela não trouxe nada adequado para usar em um encontro. No final, ela colocou uma saia de linho branca simples e uma túnica verde que combinava bem com os olhos. Mais importante ainda, era um dos poucos itens que ela possuía que ainda não haviam sido pintados ou polidos.

Ela inclinou a cabeça, em seguida, alisou para trás um cacho de cabelo que continuava escapando de trás de sua orelha.

Ele está morando sozinho na floresta, ela pensou. Isso vai fazer. Tenho certeza que ele não espera nada extravagante...

No entanto, ela mais uma vez foi verificar o peixe. Ela o esfregara com sal e a mistura especial de ervas da avó para os peixes que o vovô tirara do lago: tomilho, sálvia, alecrim, estragão, menta e cebola, misturados com sal e óleo. Os peixes estavam descansando na mistura aromática por um tempo agora. Tudo o que eles teriam que fazer quando Steven chegasse era colocá-los no fogo.

Apenas quando ela foi verificar os muffins pela terceira vez, houve uma batida em sua porta, finalmente. Quando ela abriu, Steven estava sorrindo para ela.

Ele ainda usava a mesma camisa branca e limpa que ele usara mais cedo naquele dia e, mais uma vez, Cleo se viu totalmente cativada pelo triângulo de peito revelado.

— Desculpe, espero não ter feito você esperar! — ele disse. — Eu teria trazido vinho, mas é um pouco difícil de descobrir aqui. Eu espero que isso faça?

Ele estendeu uma pequena tigela que estava cheia até a borda com minúsculos morangos, todos eles vermelhos brilhantes.

— Morangos! Obrigada! — Cleo não conseguia esconder sua excitação quando segurou a tigela. — Nós costumávamos pega-los quando crianças, mas isso leva muito tempo porque eles são tão pequenos!

— Mas vale a pena, porque...

— ... eles são tão doces e deliciosos! — ela terminou para ele, e então ambos estavam rindo um do outro. — Muito melhor do que os grandes. Obrigada! Isso significa que estamos prontos para a sobremesa.

Ela mostrou a Steven o caminho para a cozinha - a casa era pequena, mas a cozinha era o lugar favorito de sua avó, e era grande o suficiente para cozinhar com um bando faminto de crianças sentadas à mesa.

Agora, Steven ajudou-a a levar a comida que preparara fora e depois ocupou-se em acender a fogueira.

Ainda não estava escuro. O ar ainda estava quente e uma brisa suave vinha do lago. Os pássaros cantavam à distância e, de vez em quando, Cleo ouvia a tagarelice familiar dos esquilos que pareciam morar ali perto.

Cleo se sentiu feliz. Ela percebeu com quase surpresa. Ela estava muito ocupada para se sentir triste desde que chegou aqui. Mas agora, sem nada para fazer além de observar as chamas e o peixe crepitante, com uma taça de vinho e um homem sexy e misterioso a seu lado, sentia-se feliz. Era a mesma felicidade que ela conhecera quando criança: aquela sensação de que tudo era como deveria ser, e que apenas coisas boas a esperavam.

— O que você está pensando? —Steven perguntou suavemente. — Você está sorrindo.

Ela sentiu-se corar. — Estou pensando nas aventuras que tivemos quando crianças. Tantas aventuras. Todo dia era emocionante. Nós escalávamos pedras perto do lago. Nós seguiríamos um dos riachos até a sua fonte. Nós tentaríamos pegar um lagarto sem cair na lagoa.

— E você já pegou algum lagarto? — Seus olhos estavam se enrugando quando ele sorriu para ela.

Steven também parecia à vontade. Antes, de vez em quando, ela sentia como se houvesse mais para ele. Algum mistério mais profundo - embora talvez tenha sido um pensamento positivo. Talvez estivesse apenas inventando razões, e teria se sentido assim com qualquer homem que fosse completamente diferente de Walter.

Não. Não, ela ainda não conseguia explicar nem para si mesma, mas ele a fazia se sentir bem. Steven podia ser um homem que acampava na floresta e caçava animais perigosos para ganhar a vida, mas nunca a tratou com nada além de respeito. Além disso, havia aquela faísca entre eles desde o começo. Ela nunca teve um homem olhando para ela como ele fazia. Seus olhos podiam se tornar intensos, o aquecimento marrom morno em âmbar e todo aquele calor estava focado nela. Como se ela fosse apenas um quebra-cabeças para ele como ele era para ela.

— Eu não tentei pegar um lagarto ainda. — Ela murmurou, provocando um pouco. — Na verdade, a primeira vez que fui ao lago, peguei uma criatura bem diferente...

Ele riu de prazer, embora ela também pudesse vê-lo enrubescer de vergonha. Não que ele tivesse alguma coisa para se envergonhar - mas ela não ia dizer isso a ele. Pelo menos ainda não.

Agora ela estava corando mais forte enquanto seus olhos se demoravam naquele vislumbre intrigante de peito musculoso revelado pelo V de sua camisa.

— Desculpe. — Ele disse suavemente. — Essa é a primeira vez que isso aconteceu. Mas pelo menos eu poderia avisá-la sobre a onça. Então, há uma coisa boa que saiu dessa surpresa...

O coração de Cleo estava agitado em seu peito. — Essa não foi a única coisa boa.

Deus, o que estou fazendo? E se ele não se sentir como eu faço? E se for cedo demais? E se...

Seus pensamentos se interromperam quando ele estendeu a mão e tocou a mão dela. O contato foi um choque - foi como ser atingida por um raio. Calor chiou através dela. Ela sentiu seu coração acelerar. Ela não conseguia desviar o olhar dos olhos dele.

Então, e se isso fosse uma má ideia? Ela tinha tanto direito quanto qualquer outra pessoa para tomar decisões erradas.

E não há nada de mal com Steven - absolutamente nada, sua mente suprida enquanto se lembrava da forma poderosa de seu corpo se banhando no lago.

— Eu estou... Eu normalmente não procuro as pessoas. — disse Steven, e engoliu. — Eu gosto da solidão. Eu não tinha nem falado com meu irmão há muito tempo antes de vir para cá. Mas você... Você facilita a conversa com você. Eu aprecio isso.

— Estou feliz que você veio hoje. — Cleo respondeu calmamente. Seu coração ainda estava batendo rápido.

Seus dedos estavam quentes contra sua pele. Sua mão era tão grande, cobrindo facilmente a dela. Ela podia sentir a força nele.

— Eu vim aqui porque queria a solidão. — Ela admitiu depois de um longo momento. — O homem que eu achava que amava havia terminado comigo. Eu senti - não consigo nem encontrar palavras para isso. Como se a vida que eu tive fosse tudo mentira. Eu confiava nele. Eu acreditei nele quando ele disse que me amava. Mas no final, eu não importava para ele, e isso me fez sentir...

— É difícil confiar. — Steven murmurou. — E quando você confia, e depois tem essa confiança traída...

Cleo assentiu. Por um momento, ela lutou contra as lágrimas enquanto pensava no apartamento que eles tinham - uma verdadeira casa, ela sempre pensara.

Mas isso havia sido deixado tão facilmente como Walter a deixara para trás Cleo e a galeria.

— Então, agora você sabe por que eu decidi passar algumas semanas aqui sozinha na floresta. — Ela fungou um pouco e depois enxugou os olhos com a mão.

Não era bem assim que imaginara esse encontro, mas Steven continuava olhando para ela com a mesma intensidade, os olhos escuros de emoção. Ele estava escondendo uma mágoa semelhante? Era por isso que ele se escondeu na floresta também?

— Me desculpe por ter me intrometido em sua solidão. — Steven deu-lhe um pequeno sorriso. Sua mão ainda estava tocando a dela, e agora ele apertou suavemente.

— Você sente mesmo? — ela perguntou, seu batimento cardíaco ecoando em seus ouvidos.

Ele riu e depois sacudiu a cabeça. — Não, eu não. Tenho que te avisar sobre a onça, por um lado. E gosto de comida deliciosa depois de uma semana de ravióli em lata.

— E? — Ela se atreveu a provocar, encorajada pela maneira como seus olhos estavam agora brilhando para ela.

O calor mais uma vez subiu por seu pescoço, aquecendo suas bochechas - mas não era mais um constrangimento que a fez corar. Seu toque despertou um calor diferente dentro dela. Ela não conseguia parar de pensar sobre como seria passar as próprias mãos sobre o corpo viril e duro que ela uma vez viu brilhando na água.

— E eu tenho que conhecer você. — Ele disse, sua voz baixa.

Onde antes seu olhar era intenso, agora ela pensava que o calor em seus olhos iria queimá-la. Calor correu por suas veias. Cada batida do coração a fazia palpitar de vontade. Seus mamilos doíam contra o tecido rendado de seu sutiã.

Sua mão deslizou lentamente para cima. As pontas dos dedos dele acariciaram o sensível ponto dentro de seu pulso. Ela mal conseguia respirar; ela estava tão excitada que parecia que cada toque suave fazia novas ondas de necessidade pulsarem através dela. Sua calcinha já estava úmida. Ela imaginou aqueles dedos arrastando o interior de suas coxas, aquele corpo forte contra o dela, pele a pele.

Ela não podia acreditar que isso era possível. Eles mal se tocavam, e ela já o desejava mais do que alguma vez desejara alguma coisa ou alguém em sua vida.

Ele estava respirando pesadamente. Ela podia ver os músculos do peito dele passando por baixo de sua camisa.

— Diga-me se você não fizer. — Ele começou, a expressão em seus olhos quase impotente.

— Eu quero. — Cleo respirou.

Não precisava de mais explicações. O desejo que os unia era uma força irresistível. Ela podia ver isso em seu rosto, assim como ela podia sentir o jeito que corria através de seu próprio corpo.

Quando Steven se levantou, ela também se levantou - e então eles estavam nos braços um do outro.

As mãos de Steven apertaram seus braços. Ela poderia ter gemido, ela não podia dizer, porque a necessidade dele era muito forte - mas então seus lábios encontraram os dela, e todo o pensamento se afastou.

Seus lábios estavam quentes contra os dela. A sensação foi incrível. Ela gemeu no beijo, suas mãos deslizando por suas costas quando sua boca se abriu para ele.

Sob seus dedos, ela podia sentir os músculos e tendões flexionando e apertando. Ele fez um som suave que era quase um grunhido, e a vibração enviou uma nova onda de excitação através dela.

Seus braços se apertaram ao redor dela. Ela engasgou quando foi puxada para mais perto, seus mamilos roçando seu peito, ansiando por um toque. Ela cravou os dedos nos poderosos músculos de suas costas, gemendo novamente com a incrível sensação daquele corpo forte pressionado firmemente contra ela.

Ela queria mais. Ela queria vê-lo nu novamente. Ela queria localizá-lo com os dedos, aprender a forma dele com as mãos. Ela precisava memorizar seus músculos e depois colocá-lo no papel, porque era por isso que ela trabalhava por tanto tempo.

Ela queria criar beleza. Ela sempre sentiu a necessidade de colocar seus pensamentos e sentimentos no papel, e essa era a sensação mais intensa que todos sentiam. Calor escaldante que percorreu seu corpo com o rugido de uma tempestade e, ao mesmo tempo, sua força a prendia de tal forma que se sentia segura.

Isso era arte de verdade, uma tempestade de emoção e desejo que varreu todo o resto.

Seus lábios se moveram para descer por sua garganta, e todos os pensamentos de lápis e papel desapareceram com o toque.

— Vamos lá. — Ela engasgou. — Eu quero...

Um gemido escapou quando a ponta de sua língua tocou o oco de sua garganta. Ela estremeceu. Sua calcinha estava molhada com a necessidade dele, e de repente ela não podia esperar mais.

Isso não era mais sobre Walter. Isso não era sobre o passado, ou sobre confiança, ou tentando ser alguém novo e diferente.

Isso era sobre ela. O desejo dela. Sua necessidade. E o calor que ela via nos olhos de Steven.

— Podemos. — Steven começou, sua voz rouca.

Sua mão percorreu sua cintura, os dedos acariciando, e ela precisava sentir os dedos contra sua pele nua.

— Quarto? — ele perguntou, muito impaciente para formar uma frase completa.

— Sim! — Ela estremeceu com a sensação de seus lábios contra a pele, seus dedos cavando em seus braços.

Ele estava duro, ela podia sentir isso. Ela o queria dentro dela, enchendo-a; ela queria a boca dele em seus seios, aquele corpo lindo e forte lutando contra o dela enquanto ele encontrava seu prazer.

— Vamos. Por aqui. — Sem fôlego, ela puxou o braço dele.

Eles tropeçaram em seu quarto, nem dispostos a libertar o outro.

Ousada, Cleo pegou sua camiseta e puxou-a. Imediatamente, ela foi recompensada por um gemido, as mãos de Steven deslizando para cima até que seus dedos encontraram seu sutiã.

Desta vez, ela foi quem gemeu quando ele soltou. De alguma forma, eles acabaram na cama. A boca de Steven estava em seu peito, respirando o ar quente contra o mamilo dolorido enquanto ela se contorcia de necessidade.

— Eu estou tomando pílula. — Ela engasgou quando seus lábios se fecharam ao redor do mamilo dolorido, provocando-a gentilmente com os dentes. — Então, se você quiser...

— Você quer? — ele perguntou, olhos vidrados com necessidade.

Ela fez um som impaciente e impotente e então pegou sua calça jeans, abrindo o botão. — Pare de provocar. Por favor, Steven, eu preciso de você para...

— Eu preciso de você também. — Sua voz estava rouca de desejo quando ele olhou para ela. — Eu nunca precisei de alguém assim antes. Deus, você é linda!

Ela se esparramou na cama diante dele, ruborizando a maneira como seus olhos se demoraram nela. Então ele se moveu para ela mais uma vez, os olhos aquecidos e concentrados.

— Eu poderia olhar para você o dia todo. — Ele murmurou e deu um beijo no joelho dela.

Suas mãos seguraram sua saia e a puxaram. Ela levantou os quadris para ajudá-lo, então ofegou quando em seguida, ele pressionou um beijo em seu clitóris através do tecido encharcado de sua calcinha.

Ela estremeceu de impaciência. — Você pode olhar tudo o que quiser mais tarde.

Suas mãos acariciaram suas coxas, atiçando a necessidade. Ela queria tanto que doía. Dentro dela, tudo pulsava de desejo. Seu beijo foi o suficiente para enviar ondas de excitação através dela. Ninguém mais a fazia se sentir assim. Seu primeiro namorado na faculdade nem sabia como fazer seu orgasmo. E Walter geralmente estava exausto demais depois de seu próprio clímax para se importar se ela tinha vindo ou não. E ele nunca usou sua boca nela...

— Eu vou te segurar nessa promessa. — Steven fez outro grunhido sexy em algum lugar no fundo do peito quando ele tirou a calcinha.

— Deus, você está tão molhada para mim. — Ele então respirou, olhos arregalados. — Você é incrível!

Ele se inclinou. Ela gemeu quando a língua dele a tocou.

A língua de Steven estava quente e úmida contra sua pele sensível. Ele lambeu as dobras dela enquanto ela tremia. Ela podia sentir mais umidade saindo dela.

Seu dedo deslizou dentro dela enquanto sua língua lambia mais para cima, circulando seu clitóris, e ela se apertou ao redor dele com outro gemido indefeso. Tudo dentro dela estava pulsando com a necessidade dele. Ninguém jamais a fazia se sentir assim antes, trazendo-a tão perto da beira com apenas o toque dele, e de repente não era mais suficiente.

— Eu quero você - dentro de mim, agora! — Ela engasgou, e então gemeu novamente quando ele levantou a cabeça e olhou para ela de entre suas coxas.

Seus olhos estavam arregalados, escuros de necessidade, e ela podia ver a protuberância entre suas próprias pernas.

Ele levantou-se para tirar os jeans. Cleo assistiu, seu coração batendo mais rápido quando ela finalmente o viu nu mais uma vez. Sua memória não a tinha traído - ele era verdadeiramente lindo, músculos firmes como uma antiga estátua, os ombros largos, o queixo firme e quadrado. E ele era grande.

Ela teve que engolir enquanto olhava para sua ereção, imaginando tudo dentro dela, enchendo-a completamente...

Ela gemeu novamente quando ele se juntou a ela na cama. Sua pele estava quente enquanto deslizava contra a dela. Sua boca deixava beijos sobre seus seios quando ele se estabeleceu entre suas coxas, e então ele deslizou dentro dela.

Foi incrível. Ela arqueou contra ele, subjugada pela sensação. Ela não podia falar, só podia ofegar para respirar enquanto ele deslizava mais e mais fundo, enchendo-a tão deliciosamente que ela queria que isso nunca acabasse.

E então ele puxou um pouco e empurrou de volta para dentro.

Com um grito suave, ela arqueou contra ele. Cada impulso enviava novos impulsos de desejo através de seu núcleo. Ela estava tão molhada que ela poderia levá-lo facilmente, mas ela ainda queria mais e mais, e ele deu-lhe mais até que ela estivesse se contorcendo debaixo dele.

Ela colocou os braços ao redor de seus ombros fortes, seus músculos flexionando sob seu toque toda vez que ele empurrava dentro

dela. Ele estava ofegante contra a garganta dela, então acariciando para cima até que eles pudessem se beijar mais uma vez.

Cada impulso a enviava mais abaixo numa espiral de calor e prazer.

Ela apertou as coxas ao redor de sua cintura, choramingando no beijo enquanto tentava atraí-lo ainda mais fundo. Com cada impulso, ele se esfregou contra o clitóris dela agora para que ela gemesse sem fôlego no beijo. Agarrando-se a ele, ela rezou para que isso nunca acabasse - e então o prazer a invadiu, o calor irrompendo de algum lugar para inundar todo o seu corpo com um êxtase mais intenso do que qualquer coisa que ela tivesse conhecido antes.

Continuou e continuou enquanto ele gemia, seus quadris empurrando para frente. Ela podia sentir o calor de sua própria liberação transbordando dentro dela enquanto ela se apertava impotente ao redor dele com cada pulso forte de seu orgasmo.

Finalmente, oprimida, sua cabeça caiu de volta no travesseiro. Ela estava suada e exausta, cada nervo de seu corpo ainda era sensível. Quando ele saiu dela, ela engasgou novamente.

Por fim, Steven se acomodou ao lado dela e a puxou para seus braços. Seu coração ainda batia rápido; ela podia sentir isso contra seu próprio peito. Sua pele estava quente.

Ela nunca se sentiu tão incrível em toda a sua vida.

Ela suspirou contra seu ombro, seus olhos se fecharam enquanto Steven ainda estava acariciando sua garganta.

CAPITULO QUATRO

STEVEN

Na manhã seguinte, Steven não conseguia tirar os olhos de Cleo quando ela andava pela pequena casa vestindo apenas uma camisa enorme.

Te avisei, o urso dele exultou.

Steven descobriu que, desta vez, ele não tinha uma resposta brusca.

Você estava certo, ele admitiu em silêncio. *Ela é minha companheira*. *Eu nunca me senti tão atraído por outra pessoa antes.*

Mas seria o suficiente? Por muito tempo, ele escolheu a solidão. Enquanto crescia, ele teve uma experiência em primeira mão sobre o dano que um pai negligente e solitário poderia fazer.

E se eu acabar me sentindo preso também? E se eu estalar com ela e a incomodar quando acabar fugindo dela?

Você quer fugir dela? Seu urso perguntou pacientemente.

Depois de um momento de hesitação, Steven admitiu a derrota. *Não. Eu quero ficar perto dela. Por quanto tempo ela me deixar.*

Veja, seu urso disse com profunda satisfação.

Ainda assim, não era tão fácil. Steven não podia esquecer o que a natureza do urso de seu pai tinha feito à sua família. Steven queria estar perto de sua companheira agora - mas e se isso mudasse mais tarde, quando fosse tarde demais? Quando Cleo confiava nele, o jeito que ela confiava no último homem que tinha quebrado seu coração?

— Café. — Cleo disse e se aproximou, sorrindo para ele com a luz do sol brilhando em seu cabelo. Ruivo, castanho-avermelhado, vermelho-escuro e reflexos de laranja, onde a luz bateu - todas as cores da floresta no outono.

Com gratidão, Steven pegou a caneca da mão dela. Ele pressionou outro beijo em sua nuca quando ela se juntou a ele no sofá, aconchegando-se contra o seu lado.

Era estranho como ele se sentia à vontade com ela. Ele evitava humanos há anos e só conversava com outros shifters quando um trabalho exigia isso. Depois de ontem, ele pensou que se sentiria fora de sua profundidade aqui em sua casa. Ele esteve sozinho por tanto tempo. E Cleo era uma mulher linda e inteligente que amava sua arte, que morava em uma cidade em um lindo apartamento e teve seu coração partido, enquanto ele passeava pela floresta usando a forma de seu urso, caçando mirtilos.

Eles eram completamente opostos, e, no entanto, ele nunca se sentiu tão à vontade como ele se sentia agora, com a caneca fumegante de café em sua mão e Cleo relaxando ao seu lado, bocejando e seu cabelo todo despenteado do sono.

Não se sentiria como cativeiro para acordar com isso todas as manhãs...

E, no entanto, certamente seu pai também pensara assim uma vez.

Cleo tomou um gole de café, a cabeça encostada no ombro dele. Depois de um momento, ela ficou tensa e levantou-se para pegar um envelope da lareira.

— Você tem explorado muito a área ao redor do lago, não é? — Ela disse pensativamente.

Steven acenou com a cabeça, sua curiosidade despertou quando ela se acomodou contra ele novamente e então tirou uma folha de papel dobrada. A camisa que ela usava era tão grande que o corte de seu decote revelava os topos de seus seios generosos, e ele sentiu uma súbita sacudida de desejo quando se lembrou de como ela se sentia abaixo dele, todas as lindas curvas maravilhosamente suaves tremendo de necessidade.

— Aqui, você pode entender isso? — Ela estendeu a carta para ele ver.

Não era uma carta, ele agora via. Era um mapa. Ele conseguia distinguir o contorno do lago e a forma das várias ilhas minúsculas.

— Minha avó deixou isso para eu encontrar. — Cleo levantou a carta. — Não tinha explicação. Meus pais nunca mencionaram isso para mim também, então eu acho que ela deve ter dito a eles que eu deveria encontrá-lo sozinha...

— Ela provavelmente sabia que você voltaria aqui mais cedo ou mais tarde. — Steven respondeu enquanto estudava o mapa.

Havia uma pequena casa perto da praia - a casa de Cleo. Havia mais símbolos espalhados pelo mapa. E lá...

— O X marca o local. — Cleo parecia intrigada. — Não parece um mapa do tesouro para você? Apenas minha avó sabia que eu não sou mais uma criança. Então eu não tenho ideia do porque ela me deixou um mapa do tesouro!

Steven arrastou o dedo da casa para o símbolo mais próximo. Esse tinha que ser o lago onde Cleo o surpreendeu quando ele estava tomando banho.

— Talvez. — Ele disse lentamente. — Ela pensou que quando você finalmente voltasse para cá, precisaria de uma pausa na sua agitada vida na cidade. Então ela te deixou uma aventura como um presente junto com a casa.

Cleo suspirou. — Talvez. Eu só queria que ela não fosse tão misteriosa! Eu não consigo nem descobrir o caminho para o X.

— Esta é a lagoa. — Steven murmurou, apontando para o pequeno desenho. — E isto...

— Essa é uma árvore dividida que uma vez foi atingida por um raio; eu sei como chegar lá. — O dedo de Cleo apontou para uma árvore sem folhas cortada quase em dois. — Mas então...

Steven olhou para os outros marcadores no mapa. Depois da árvore tinha o que parecia quase um pequeno castelo, só não havia castelos aqui.

— Eu conheço esse! — De repente, uma lembrança veio a ele. Uma vez, ele foi forçado a encontrar uma maneira de contornar uma grande rocha que ficava em uma colina, cercada por arbustos. — Rochas que parecem um forte quando você olha para elas! É talvez meia hora de sua lagoa.

— Oh. — Cleo respirou em excitação. — Eu sei! Nós fomos escalar lá como crianças! O que significa que isso... — Ela apontou para o que parecia ser um V com algumas linhas onduladas para Steven. — É uma ravina não muito longe daquelas rochas. Há partes onde você pode ver as diferentes camadas de pedra - eu posso te mostrar!

Sua excitação era contagiante. Com os olhos brilhantes e o rosto animado, Steven sentiu uma súbita e impotente onda de desejo. Ele queria beijá-la. Ele queria ouvi-la suspirar ao seu toque mais uma vez.

E ele também queria segui-la para qualquer aventura que viesse chamando. Afinal, a floresta era a casa do seu urso. Quando se tratava de seguir uma trilha, ele era definitivamente o especialista.

— A onça. — Steven de repente se lembrou de por que ele estava aqui em primeiro lugar. E por que não foi uma boa ideia para Cleo explorar a floresta?

Cleo assentiu. — Eu sei. Eu prometi que não sairia andando sozinha. Mas se você vier comigo, com certeza estaremos em segurança?

Depois de um momento de hesitação, Steven assentiu também. — Enquanto nós formos juntos.

A onça não atacou ninguém até agora, afinal de contas. Depois de fugir do irmão, tentava se esconder. Não havia sequer avistamentos, além das pegadas que Steven continuava encontrando.

Não, a onça não estava caçando. E enquanto Steven estivesse ao lado de Cleo, ele a manteria segura, não importava o que acontecesse.

Ela ainda não sabe que sou um shifter, ele então pensou. Ou que a onça é um também.

Mas que bem faria para contar a ela agora? Talvez isso não durasse mais do que a semana ou duas que levaria para finalmente pegar a onça. Talvez depois disso, eles continuariam seguindo seus caminhos diferentes.

O pensamento fez algo em seu peito doer, como se alguém tivesse enfiado uma faca em seu coração.

Por mais que ele estivesse tentando negar, ele sabia que não seria tão fácil soltá-la novamente...

***

Eles fizeram o seu caminho em torno das grandes rochas. De seu ponto de vista na parte inferior da colina, eles realmente pareciam um forte. Um emaranhado de arbustos impedia que subissem em direção às rochas, mas, mesmo assim, estavam obviamente no caminho certo.

Depois de alguns minutos de caminhada, Cleo parou para limpar a testa, depois bebeu um gole de água.

— O desfiladeiro é o próximo. Vamos esperar que eu ainda me lembre do jeito. — Ela murmurou e olhou em volta.

Havia um par de desfiladeiros que Steven havia descoberto na área quando ele corria pela floresta com quatro patas, mas não conseguia se lembrar de uma com paredes íngremes mostrando diferentes camadas de pedra.

Cleo gesticulou em uma inclinação que estava fortemente coberta de grandes samambaias. — Lá embaixo, eu acho. E então, se continuarmos andando, chegaremos a um pequeno vale. Vá direto para o vale e, eventualmente, ele se transformará na ravina.

Steven pegou a mão de Cleo enquanto eles desciam lentamente entre as samambaias. O chão era macio e elástico aqui, uma camada pesada de agulhas secas de abeto amortecendo seus pés. De vez em quando, galhos mortos rachavam sob suas botas. Uma vez, o som colocou um esquilo correndo em uma árvore enquanto os repreendia ruidosamente.

Algumas vezes, quase tropeçavam quando raízes velhas e torcidas estavam escondidas sob as folhas largas das samambaias. Toda vez, eles

ficavam agarrados um ao outro. Quando chegaram ao fundo, estavam rindo sem fôlego.

— Talvez o esquilo seja um espião para a sua onça. — disse Cleo, levantando uma sobrancelha quando o esquilo fez outro som irritado de um galho em algum lugar acima.

— Oh, você acha que sua avó deixou você um tesouro mágico guardado por uma onça? —Steven não pôde deixar de provocar. — Isso não faria de mim o vilão que veio roubar seu tesouro?

Cleo riu um pouco e depois puxou seu braço para segui-la pelo vale. — Sinto muito, mas nesse caso, você é um vilão terrível. Você sabe que você não deveria se banhar nu em lagoas?

— O que, vilões não conseguem se banhar? — Suavemente, Steven riu. — Na verdade, eu acho que nos contos de fadas, é a princesa que se banha e é espionada pelo vilão.

— Oh, então eu sou a vilã agora? — Cleo parou e fingiu olhar para ele, as mãos em seus quadris.

De repente, sua expressão severa se transformou em alegria quando ela apontou para algo atrás dele. — Lá, olhe! Venha, ajude-me a limpar essa hera!

Demorou apenas um momento para descobrir o que o verde havia escondido. Lá, assim como Cleo prometeu, a rocha crua estava escondida. As paredes da ravina se estreitaram e formaram a forma de um V aqui. Quando Steven curiosamente passou a mão pela rocha, sob a terra, encontrou uma camada de pedra vermelha, mudando abruptamente para a rocha cinzenta. Quando ele estendeu a mão para afastar mais sujeira e poeira, descobriu outra camada de uma pedra marrom mais escura.

— Estamos definitivamente no caminho certo para o seu tesouro. — disse Steven, dando um passo para trás para inspecionar a parede.

Os estranhos rabiscos no mapa agora começavam a fazer sentido - o V tinha a forma do desfiladeiro e os rabiscos mostravam como as camadas de pedra eram reveladas na rocha íngreme.

— O próximo passo é... eu não tenho certeza do que é isso. — Cleo desdobrou o mapa novamente.

Seu dedo apontou para o próximo símbolo. Parecia um pouco como uma árvore, mas Steven não tinha certeza do que eram as decorações adicionais.

— Isso é uma árvore de Natal? — ele perguntou em descrença. — Não, isso não faz sentido.

— Realmente não faz. — Cleo olhou para o papel. — Mas acho que você está certo. É uma árvore. Eu não sei o que mais poderia ser...

— Uma árvore que parece… estranha de alguma forma. — Steven murmurou. — Bem, pelo menos sabemos o que estamos procurando.

— Não deve ser difícil de encontrar. — Com outra carranca no mapa, Cleo guardou novamente.

Enquanto seguiam, as paredes da ravina se aproximaram. Finalmente, chegaram a um ponto onde ficou tão estreito que tiveram que se espremer por uma laje de pedra caída e pela parede. Mas uma vez que eles conseguiram passar, antes deles, as paredes caíram e a ravina se abriu em outro vale coberto de fetos e abetos.

— Certo. — Steven deu às árvores um olhar duvidoso. — De acordo com o mapa, nós teremos que ir para o norte a partir daqui e, eventualmente, encontraremos sua árvore de Natal.

Cleo bufou. — Não duvide do mapa da minha avó! Encontramos todos os outros marcos até agora.

Steven olhou as árvores ao redor deles, mas elas não deram nenhuma pista sobre o tipo de árvore que eles estavam procurando. Ao redor deles, pinheiros cresciam, farfalhando suavemente ao vento. O chão estava coberto de agulhas secas. De vez em quando, uma árvore caída, com seus galhos murchados e quebrados, barrava seu caminho.

Parecia qualquer outra floresta que Steven havia explorado em sua vida. Ele coçava com o instinto do urso, ansiando por colocar o nariz no chão e farejar pistas para o misterioso destino deles - mas ele não podia mudar agora. Cleo ainda não tinha ideia de que ele era um shifter de urso.

E como ele explicaria tal coisa para ela? Ele nunca pensou que um dia, ele estaria na situação em que ele teria que dizer a sua companheira que ele poderia se transformar em um enorme urso peludo.

E pior, mesmo se Cleo pudesse aceitar isso - ele também teria que dizer a ela que havia uma boa chance de que Steven fosse exatamente como seu pai. Que ele a machucaria. Que ele correria.

Por que nós fugiríamos da nossa companheira? Seu urso perguntou pacientemente.

Steven queria sacudir a cabeça. Lembrava-se da gritaria, das noites como uma criança pequena que passara se escondendo sob as cobertas, tentando não chorar quando as discussões se transformavam em gritos e terminavam com o som da porta se fechando. Seu pai estaria ausente por dias ou semanas - às vezes até meses.

Eu não posso fazer isso com ela. Eu não posso.

Então não faça isso. Eu certamente não farei isso com ela, o urso resmungou em sua cabeça.

Steven o ignorou.

Cleo segurou a mão dele novamente. Eles estavam subindo outro declive íngreme agora. O chão estava tão escorregadio com agulhas mortas e folhas que eles tinham que continuar agarrando-se um ao outro para não escorregar por todo o caminho.

Cleo estava sem fôlego; havia um pouco de sujeira no nariz. Steven sorriu e estendeu a mão para limpá-la com o dedo. Por um momento, eles se entreolharam, e isso foi tudo o que precisou para o desejo de se levantar de novo, como se bastasse olhar para ela para colocá-lo em chamas.

Ele se inclinou para beijá-la, sentindo falta de ar. Sua mão subiu para cobrir seu rosto, seu polegar acariciando suavemente sua bochecha enquanto ela suspirava aprovação contra sua boca e então ela gritou. Ambos deslizaram rapidamente para baixo, lutando para encontrar um aperto até que a mão de Steven finalmente se fechou em torno de uma raiz.

— Não solte. — Ele engasgou. Lentamente, ele puxou os dois para cima até que seus pés encontrassem a beira da encosta mais uma vez.

Cleo riu impotente quando ela finalmente deu outra olhada nele, então estendeu a mão para limpar um pouco de sujeira do nariz dele desta vez.

— OK, vamos tentar de novo. Cuidado desta vez. — Ela ordenou, mantendo uma mão sobre ele e outra em outra raiz.

Lentamente, eles voltaram para cima. Desta vez, eles passaram pelo local onde primeiro haviam descido. Ambos estavam respirando pesadamente quando finalmente chegaram ao topo - mas a vista mais do que compensou a aventura.

— Eu acredito que é a sua árvore de Natal. — Cleo informou presunçosamente.

Steven ficou boquiaberto e começou a rir. — Desculpa! Parece que sua avó estava certa!

Na frente deles, um pinheiro caído descansava no chão. Deve ter sido muito antigo, pois o tronco era grande e largo. Além disso, agora se transformara em um novo lar para cogumelos que haviam crescido em todo o tronco e nos grandes galhos que restavam.

— Então, essas são nossas bugigangas de Natal - eram cogumelos o tempo todo! — Ele cutucou uma das grandes saliências. O cogumelo estava seco e esponjoso sob os dedos.

Agora que ele sabia o que deveria mostrar, o pequeno desenho de repente fez sentido.

— Tenho certeza que ela vai te perdoar. — disse Cleo, ainda sorrindo quando ela puxou o mapa mais uma vez. — Tudo bem, vamos ver o que vem a seguir!

Descobrir a misteriosa árvore de Natal havia restaurado seus espíritos após o esforço de subir a encosta. Eles estavam muito próximos do X agora. Foi cercado por um conjunto de pequenos desenhos. Nenhum deles reconheceu qualquer um dos marcos de suas explorações da floresta, embora alguns dos esboços fossem suficientemente claros.

Havia duas cachoeiras pelo menos. Os outros desenhos eram mais misteriosos - um parecia muito com uma cama.

— Vamos procurar por uma cachoeira. — Cleo decidiu. — Eu acho que é mais fácil.

— E devemos ouvi-la se nos aproximamos - ao contrário de uma cama. — Steven franziu a testa para o mapa mais uma vez.

Uma cama dentro de uma montanha, se era mesmo o que o mapa mostrava? Não fazia sentido - mas nem a árvore de Natal a princípio.

Eles andaram por um tempo. Eles seguiam para o leste, como o mapa exigia, mas depois de quinze minutos de caminhada, eles ainda não conseguiam ouvir nenhum som.

Na verdade, a floresta estava estranhamente quieta. As árvores acima deles estavam farfalhando e rangendo, mas nenhum pássaro estava cantando. Não havia nem mesmo esquilos fazendo barulhos raivosos em sua intrusão.

Eles continuaram por mais dez minutos, examinando a área ao redor deles em busca de qualquer sinal de água. Finalmente, quando queriam desistir e voltar para a árvore de onde haviam partido, havia um súbito e distinto coaxar em algum lugar ao longe.

Eles se entreolharam com prazer.

— Um sapo! — Cleo apontou animadamente para a direção da qual o som havia chegado. — E lá - água!

Quando se apressaram, encontraram um pequeno riacho serpenteando entre as árvores gigantes e velhas e suas raízes. Eles seguiram até que se juntou a outro riacho. Por mais alguns minutos, eles andaram rio abaixo. Por fim, outro pequeno barranco se abriu diante deles.

Aqui, a água jorrava sobre a pedra para cair onde formava um pequeno lago no desfiladeiro abaixo. O sapo que ouviram antes deu outro grasnido, como se quisesse parabenizá-los.

Eles pararam e olharam um para o outro.

— Acho que conseguimos! — Steven disse. Ele estava sorrindo; ele nem sabia porque estava tão excitado. Ele não tinha ideia do que a avó de Cleo poderia ter escondido para ela.

Mas eles tiveram uma aventura juntos, e isso era o motivo suficiente. Um dia explorando segredos na floresta com sua companheira era todo o tesouro que ele poderia querer.

Mas ela nem sabe sobre companheiros. Ela ainda iria querer ir caçar tesouros comigo se soubesse...?

— Vamos, vamos descer! — Cleo puxou sua mão, abertamente rindo agora.

Suas bochechas estavam avermelhadas pelo vento e pelo esforço. Seus olhos brilhavam de prazer e os fios de cabelo continuavam caindo em seu rosto.

Ela era incrivelmente linda, e o coração de Steven doía novamente quando ele olhou para ela. Como ele poderia deixar isso para trás? Ela o fez rir. Ela o fazia feliz. Ele sempre estivera contente o suficiente com sua própria companhia - mas, então, ele não sabia que poderia ser assim. Seu sorriso foi o suficiente para fazer o calor se espalhar dentro de seu peito. E o toque dela...

Ele rapidamente teve que focar sua atenção na pequena cachoeira novamente quando sentiu os primeiros movimentos de desejo.

Não agora, ele disse a si mesmo. Depois...

Cuidadosamente, eles desceram em direção ao lago. Eles tiveram que fazer um pequeno desvio, mas acabaram encontrando um local onde a ravina se alargava. Aqui, as paredes íngremes de pedra se transformavam em um declive mais suave. Alguma tempestade havia derrubado algumas árvores anos atrás, e agora havia troncos nus e galhos secos para segurar enquanto desciam lentamente.

O sapo ainda estava sentado em uma pedra no fundo da lagoa quando eles finalmente retornaram. Ele olhou para eles e resmungou consternado.

— Se isso fosse um conto de fadas, nos daria uma dica. — disse Cleo e estreitou os olhos para o animal.

O sapo resmungou de novo, parecendo quase ofendido. No momento seguinte, desapareceu, mergulhando na água com um esguicho.

Steven sorriu. — Ele disse ser menos preguiçoso e fazer nossa própria pesquisa.

Cleo deu-lhe um olhar incrédulo. — Você fala com sapo?

— Claro. — Steven disse facilmente.

— Algum outro talento que eu não conheça? — As sobrancelhas levantadas de Cleo mostraram claramente que ela não acreditava em uma única palavra.

— Eu acho que você já viu os mais importantes. — Steven murmurou.

Cleo corou em resposta, depois riu.

— Eu acho que eu fiz ontem à noite, sim. — disse ela e sorriu para ele. — Ainda assim, para ter certeza, talvez eu precise de outra demonstração assim que conseguirmos voltar?

Steven sentiu o desejo retornar à memória da noite passada. — Do meu conhecimento da língua de sapo?

Cleo deu uma risadinha e encaixou levemente o braço dele. — Não provoque! Você sabe exatamente o que eu quero dizer!

— Eu acho que sim. — Ele disse com um pequeno grunhido, os olhos demorando no modo como suas curvas pressionavam sedutoramente contra sua blusa.

Eles estavam perto agora de onde o X estava marcado no mapa. Logo eles encontrariam o que sua avó tinha escondido para Cleo - talvez alguma lembrança de infância?

Pelo que Cleo lhe dissera, ele não achava que encontrariam uma caixa cheia de ouro. Mas sua pequena caça ao tesouro fez Cleo rir. E para uma avó, provavelmente não havia um tesouro maior do que a felicidade de um neto.

— Lá, olhe! O sapo! — Cleo engasgou e apontou para onde o pequeno animal tinha ressurgido agora.

Rastejou sobre uma borda de pedra enquanto observavam, exatamente onde a água caía de cima. E então o sapo simplesmente pulou atrás da cachoeira. Não voltou, mesmo enquanto esperavam.

— Eu acho que há uma caverna atrás da cachoeira! — A voz de Cleo estava sem fôlego de excitação. — É como um filme. Deve ser onde o tesouro está escondido!

Steven olhou a lagoa. A borda corria ao longo da parede que a ravina havia formado. Havia algumas pedras grandes no caminho, mas quando ele curiosamente se aproximou, viu que as pedras levavam até onde a borda começava.

— Venha, vamos ter que escalar essas primeiro! — ele disse, excitação começando a pegá-lo também.

Ele pegou a mão de Cleo. Cuidadosamente, eles passaram pelas pedras escorregadias, segurando um ao outro enquanto procuravam por pontos de apoio.

Uma vez que eles chegaram na borda, ficou mais fácil. A rocha estava lisa e úmida do borrifo da cachoeira, mas era fácil o suficiente para avançar com uma mão na parede para manter o equilíbrio.

Steven hesitou quando chegou à parte em que a água do riacho descia jorrando de cima.

— Nós vamos nos molhar! — ele gritou por causa do barulho que a água fez. — Mas definitivamente há uma abertura. Eu posso ver isso!

— Vamos fazer isso! — Cleo gritou de volta, apertando seu ombro em excitação. — Piratas não tem medo de um pouco de água!

Steven riu em resposta. — Aye, Aye capitão!

Ele respirou fundo e depois foi para a frente, passando rapidamente pela água corrente. Por um momento, ele não pôde ver. O rugido da água o cercou, e o frio veio como um choque.

Mas então acabou, e quando ele abriu os olhos, ofegante, viu que havia de fato uma pequena caverna se abrindo diante dele.

Então Cleo esbarrou nele. — Com frio! — Ela cuspiu e sacudiu o cabelo.

Gotas de água o atingiram. Ele riu e colocou os braços ao redor de sua cintura para estabilizá-la.

— Conseguimos! Isso tem que estar onde o mapa de sua avó deveria nos levar!

— Uma verdadeira caverna secreta atrás de uma cachoeira! — Cleo parecia maravilhada. Ela soltou Steven para olhar em volta. — Eu gostaria que ela tivesse nos contado sobre este lugar quando éramos crianças!

— Talvez ela só tenha encontrado depois. — Steven apontou. — Ou ela estava com medo que você se perdesse ou se machucasse.

— Você provavelmente está certo. — Os olhos de Cleo estavam brilhando quando ela se virou para absorver tudo. — Deus, isso é incrível! Eu teria tentado fugir para explorar este lugar o tempo todo!

A luz foi ofuscada pela cortina de água que descia ruidosamente sobre a abertura da caverna. A parte de trás da caverna estava escondida na escuridão, e Cleo agora deu um passo em direção à escuridão.

— Estou tão feliz por ter trazido minha lanterna. — Ela murmurou enquanto colocava a mão no bolso.

Steven a seguiu mais fundo na pequena caverna. Ele descansou uma mão nas costas dela enquanto estudava as paredes ao redor deles. Eles ainda não sabiam o que estavam procurando.

Talvez não houvesse um tesouro real. Talvez nem houvesse uma caixa velha segurando um brinquedo de infância favorito...

Steven franziu a testa enquanto Cleo usava sua lanterna para brilhar na parede. Não foi suficiente para iluminar toda a caverna, mas o cone de luz focado foi o suficiente para eles explorarem as paredes de pedra.

— Eu não posso acreditar que encontramos uma caverna secreta. — Sussurrou Cleo novamente.

Steven baixou a mão um pouco, curvando-a ao redor de sua cintura para segurá-la perto.

Ele sentiu uma repentina picada entre as omoplatas. O cabelo em sua pele subiu, como se a temperatura na caverna tivesse caído de repente. Seus instintos mudaram para um estado de alerta súbito - e aquela batida do coração de desconforto foi toda a advertência que ele recebeu antes que uma grande sombra rugisse para eles do nada.

Cleo soltou-o e gritou.

Ela deu um passo para trás quando Steven abriu os braços e pulou na frente dela, já sentindo a pressa da mudança se aproximando dele enquanto seu corpo se preparava para mudar...

E então Cleo tombou e caiu.

Steven não teve tempo para pensar. Ele agiu com puro instinto, jogando-se para a frente para agarrar a mão dela. A forma do urso foi abandonada. Ele precisava de suas mãos para se agarrar a ela.

Havia trevas bocejando diante deles. Abaixo deles, um túnel se abriu de repente. Cleo estava pendurada, sustentada apenas por sua força - e então a respiração da onça veio quente contra seu pescoço. As garras morderam a pele de sua perna e Steven sentiu-se perder o equilíbrio.

Com um grito de dor, ele derrapou para frente e depois caiu no túnel também.

Cleo gritou mais uma vez. Em algum lugar acima deles, houve um rugido furioso - e então eles caíram.

Depois de um longo momento, eles bateram pedra. O impacto o fez gemer.

Cleo ainda estava segurando a mão dele, a gravidade puxando os dois. Em meio a uma chuva de cascalho e pedras, eles deslizaram rapidamente por um declive íngreme.

Por vários segundos, não havia nada além da sensação aterrorizante de velocidade e pedras contundentes. Estava completamente escuro lá embaixo. A mão de Cleo ainda estava em seu próprio caminho quando eles desceram.

Não deixe ir. Não deixe ir, seu urso estava rugindo para ele, furioso e assustado por sua companheira.

Então o chão caiu abaixo deles, e eles caíram mais uma vez, sem pedras ou paredes para agarrar.

CAPITULO CINCO

CLEO

Cleo estava gritando. Ela ouviu sua voz ecoar na escuridão quando ela caiu. Seus dedos ainda seguravam a mão de Steven, apertando-o com tanta força que seus dedos doíam, e ela os apertou ainda mais, segurando a única coisa que havia deixado na escuridão...

E então eles atingiram a água.

Com um forte estrondo, eles mergulharam em um lago. O instinto a fez chutar seus pés mesmo quando a gravidade os puxou para dentro da água. Ela prendeu a respiração, usando as duas pernas e o braço agora para lutar pelo caminho de volta para o ar, mas ela ainda segurava Steven.

Ela podia sentir o corpo dele trabalhando ao lado do dela, seus membros poderosos lutando contra o peso da água - até que finalmente quebraram a superfície.

Ar!

Cleo engasgou para respirar, cuspir e tossir. Tudo estava escuro. Ela ainda não conseguia ver nada.

— Você está bem? — Steven perguntou com voz rouca.

Então seus braços vieram ao redor dela, e Cleo se agarrou a ele, chocando as lágrimas em seus olhos.

— Eu estou... Eu acho que estou. — Ela engasgou. — Oh Deus, onde estamos?

— Não deixe ir. — A voz de Steven era áspera. — Aconteça o que acontecer, não deixe ir! Nós não podemos nos separar aqui!

A mão de Steven roçou sua bochecha, depois apertou a mão dela mais uma vez. Juntos, eles começaram a nadar, movendo-se muito lentamente na escuridão.

A sensação era aterrorizante. Cleo continuou estendendo a mão para ter certeza de que não estavam nadando em nenhuma pedra. Tudo era preto. O pensamento da onça silenciosamente esperando por eles na escuridão a fez tremer, mas a água estava tão fria que logo, o único pensamento que restou foi a necessidade de escapar desse lago subterrâneo.

Por fim, suas mãos em busca encontraram pedra.

— Cuidado. — Steven disse sem fôlego.

Eles se agarram à beira do lago por um momento, reunindo suas forças. Finalmente, movendo-se muito devagar, arrastaram seus corpos doloridos para as rochas que haviam encontrado.

Tremendo, Cleo imediatamente se enrolou no abraço de Steven.

Tudo ficou em silêncio. A escuridão que os rodeava parecia impenetrável. Até que ponto eles caíram? Quão profunda abaixo da terra eles estavam?

— Oh Deus. — Ela sussurrou novamente, o choque finalmente recuando o suficiente para que ela percebesse o horror total da situação deles. — Nós estamos perdidos na escuridão, e há uma onça selvagem em algum lugar aqui conosco!

Os braços de Steven se apertaram ao redor dela. Ele pressionou um beijo no topo da cabeça dela. Suas mãos fortes a esfregaram quando ela estremeceu miseravelmente em seus braços.

— Podemos estar perdidos, mas estamos juntos nisso. — Ele disse, sua voz ecoando estranhamente. — E a onça não caiu. Ainda está em algum lugar acima.

Cleo tentou se aproximar ainda mais, depois gemeu. Seu corpo inteiro estava dolorido.

— Estou toda machucada. — Ela murmurou. Seus quadris doíam onde eles descansavam na pedra fria, e todo o seu ombro esquerdo estava dolorido por deslizar pela inclinação.

— Nós vamos sair daqui. — Prometeu Steven. Seus lábios roçaram sua bochecha, frios da água, mas ainda reconfortantes.

Ela suspirou suavemente e tentou se aproximar ainda mais. Por longos minutos, eles descansaram um contra o outro, tentando recuperar o fôlego.

Ainda parecia irreal. A excitação de sua pequena caça ao tesouro se transformou em horror tão rapidamente.

— Você acha que a onça estava esperando por nós? — Cleo finalmente perguntou.

A mão de Steven acariciou sua nuca, brincando com os fios agarrados a sua pele molhada.

— Eu não penso assim. — ele disse lentamente. — Devemos ter surpreendido ela. Lembre-se, eu tenho acompanhado isso por um tempo, e eu sempre perdi sua trilha na água? Estou achando que encontramos seu covil por acidente.

Cleo estremeceu novamente, então se apoiou em seus braços. Ela não podia ver o rosto de Steven na escuridão, mas quando ela estendeu a mão, seus dedos encontraram o queixo dele. Havia uma pitada de barba nele, e ela permitiu que sua mão se curvasse em torno de sua bochecha.

— Há muita água aqui embaixo. Um lago inteiro. — Ela murmurou. — E se essa onça continuasse desaparecendo perto da água...

— Pode haver mais de uma entrada para a caverna. — A voz de Steven estava rouca.

Cleo passou a ponta do polegar no canto da boca dele, depois se inclinou para beijá-lo.

Por um momento, ela se permitiu esquecer o verdadeiro horror da situação deles quando os braços dele surgiram ao redor dela. Seu corpo estava quente contra o dela, seus músculos duros. Ele a beijou gentilmente, mas insistentemente, sua língua quente contra a dela quando ela estremeceu de novo, mas não do frio.

Ela se sentia segura e aquecida em seus braços.

E eles podem estar perdidos, mas não estavam sozinhos. Ela ainda tinha Steven. Ela tinha Steven, e ambos estavam ilesos, exceto por algumas contusões...

De repente, lembrou-se da maneira como a onça-pintada atacou e o grito agonizante de Steven.

— Você está bem? A onça te machucou? — Ela recuou um pouco, uma mão ainda no braço de Steven enquanto ele se sentava lentamente.

Seu gemido de dor foi resposta suficiente, e seus dedos se apertaram em preocupação.

— Estou bem. — disse ele. — Mesmo. Suas garras pegaram minha perna, mas são apenas arranhões. Eu prometo que vou ficar bem.

Cleo sentiu o coração disparar em seu peito. A escuridão parecia sufocante. Steven poderia estar sangrando agora, e ela nem saberia...

— Espere! — ela de repente respirou, os olhos se arregalando.

Seu quadril doía. Parecia machucada - mas não era apenas a dureza da pedra contra a qual ela descansara.

Lá, no bolso dela, o metal de suas chaves tinha sido espetado em seu quadril. E no pequeno chaveiro dela...

Ela se atrapalhou com os bolsos. O tecido estava molhado e agarrava-se à sua pele, mas depois de um momento, seus dedos se fecharam ao redor do metal frio. Ela tirou as chaves. Seus dedos tremeram quando ela sentiu ao longo do pequeno anel que os conectava.

Lá!

Um pedaço pequeno e redondo de plástico, com um pequeno botão no topo.

Por favor funcione. Por favor...

Ela apertou o botão. De repente, houve luz.

Ela quase soluçou de alívio quando finalmente conseguiu distinguir o rosto de Steven na escuridão.

— Eu mantenho uma pequena luz com as minhas chaves, apenas no caso... — ela disse, em seguida, parou. Ela reprimiu outro soluço e esfregou os olhos, depois sentiu uma risada súbita surgir.

— Isso não é bem o que eu achei que fosse precisar, mas... Estou feliz. — Novamente ela passou as mãos sobre os olhos, depois respirou fundo e se endireitou.

Tudo aconteceu tão depressa. Ela ainda não tinha superado o choque. Mas havia luz agora, e isso era o que importava.

Steven gentilmente apertou sua perna. — Quanto tempo duram as baterias?

— Não faço ideia. — Ela admitiu. — É uma luz LED, não são aquelas que deveriam durar para sempre? Eu só usei uma ou duas vezes para encontrar o buraco da fechadura quando cheguei em casa no escuro...

— Talvez durará o suficiente para que possamos encontrar uma saída. — Steven olhou para o minúsculo aparelho com a testa franzida, depois cerrou os dentes e se levantou.

Quando ele engasgou, Cleo moveu a luz para que ela pudesse dar uma olhada melhor em sua perna. As garras da onça deixaram marcas; três longas barras se destacaram contra sua panturrilha. A água lavara a maior parte do sangue, mas, enquanto observava, o sangue ainda escorria lentamente de duas feridas.

— Apenas arranhões. — Steven disse gentilmente e segurou a mão dela para ajudá-la a se sentar. — Eu tenho todas as minhas, eu prometo. Vem com o trabalho. E eu me curo muito rápido.

— Realmente. — Cleo disse e franziu o cenho, mas depois cedeu. — Suponho que não podemos nos preocupar com isso até encontrarmos uma saída. Mas vou te arrastar direto para um médico depois!

— Se nós encontrarmos uma saída, você pode fazer comigo o que quiser. — Steven murmurou, sua voz baixa e rouca.

Acordou um pulso súbito de necessidade no fundo de Cleo. Ela se lembrava de seu corpo forte se movendo sobre ela, sua voz profunda gemendo de prazer. Ela estremeceu, depois se forçou a se concentrar na tarefa em mãos.

— Não é justo. Não me distraia! — ela reclamou. — E só por isso, eu vou te segurar com essa promessa!

— Espero que você faça. — Os olhos de Steven brilharam para ela na luz fraca.

Ela não pôde ajudá-la a sorrir. Por mais terrível que a situação parecesse, ela estava feliz por Steven estar aqui com ela. Suas brincadeiras a acalmaram um pouco. E era muito mais agradável pensar no que eles poderiam fazer quando encontrassem uma saída, em vez de imaginar o que a onça poderia estar fazendo na escuridão...

Cleo se sacudiu para se livrar desse pensamento intrusivo. — Devemos seguir a água. Tem que deixar esta caverna em algum lugar.

Steven assentiu. — Essa é provavelmente a nossa melhor chance. Enquanto ficarmos perto da água, não nos perderemos.

Novamente Cleo deu a sua pequena luz um olhar preocupado. Quanta bateria ela tinha? Eles teriam que encontrar uma saída rapidamente. Provavelmente não duraria mais do que algumas horas no máximo.

— Você pode andar? — Ela brilhou a luz na perna de Steven mais uma vez.

— Vai ficar tudo bem. Eu já passei por pior. — disse ele e descansou a mão nas costas dela.

Cleo de repente se lembrou das cicatrizes que ela tinha visto. Parecia uma história escandalosa. Um homem que caçava feras perigosas na floresta? Isso era algo que você assistiu na TV, não algo que aconteceu nas florestas e vales pacíficos de Linden Creek.

Mas agora ela tinha visto a onça em primeira mão. E ela viu Steven adquirir o que certamente se tornaria outro conjunto impressionante de cicatrizes.

Eles seguraram um ao outro enquanto avançavam lentamente. A luz de seu pequeno aparelho era fraca; Era para encontrar um buraco de fechadura, não para servir como uma lanterna em uma exploração de caverna subterrânea. Ainda assim, era uma melhoria na escuridão aterradora que os engoliu quando eles caíram.

A luz iluminava o chão na frente deles, para que pudessem ver onde pisavam e fugir de pedras escorregadias. Eles mantiveram o lago à direita enquanto avançavam.

Em algum lugar ao longe, ouvia-se o som de água em movimento. Era um som suave e apressado, e eles não conseguiam entender de onde vinha. Ainda assim, isso lhes deu esperança.

Eles andaram por um bom tempo. Meia hora poderia ter passado antes que eles encontrassem o caminho barrado por uma parede. O lago ainda estava à direita deles.

Cleo brilhou sua pequena luz nas rochas. Ela tentou manter o pânico de sua voz. — Chegamos ao fim da caverna, eu acho.

E se não pudermos encontrar uma saída?

Steven voltou seu olhar para a água. Depois de um momento, ele rasgou um pequeno pedaço de tecido de onde sua camisa tinha rasgado durante a queda. Ele jogou no lago.

— O que você est...? — Cleo começou a perguntar, mas depois ficou em silêncio, seguindo a sucata com a pequena luz.

Mexeu-se. Estava flutuando na água, primeiro devagar, depois mais rápido, como se alguma corrente o tivesse captado.

Mais rápido e mais rápido, agora foi puxado para onde a água encontrava a parede da caverna - e então foi arrastada para baixo e desapareceu.

Steven fez um som pensativo.

— Espere aqui um minuto. — Ele disse e rapidamente tirou suas próprias roupas.

— Steven, você não pode. — Cleo protestou quando percebeu o que ele iria fazer.

Steven sorriu para ela. — Eu prometo que vou voltar. Eu só quero verificar se há uma abertura.

— E se você for arrastado para dentro? E se você... eu não quero que você se afogue na escuridão. — Ela disse, seu coração batendo com medo repentino quando ela imaginou isso.

— Você viu a corrente - não é forte. Mas isso significa que a água está deixando esta caverna em algum lugar, e eu quero saber onde. — Steven estava nu agora. Ele deu a ela um olhar sério, então a puxou para perto.

— Ei. Vai ficar tudo bem. Prometo. — Ele murmurou em seu cabelo.

Ela pressionou os lábios no ombro dele, lutando contra o terror repentino. Sua pele estava quente contra a dela, seu batimento cardíaco forte.

Ele tem razão. E não temos escolha, ela disse a si mesma.

— Tenha cuidado. — Foi tudo o que ela disse quando finalmente conseguiu libertá-lo.

— Eu prometo. — Ele disse novamente e a beijou levemente. Então ele se virou e deslizou na água.

Mais uma vez, Cleo seguiu-o com sua luz. Ele nadou até onde eles tinham visto o pedaço de tecido desaparecer. Uma vez que ele alcançou a parede, ele respirou fundo. Então ele mergulhou.

Cleo sentiu seu coração pular uma batida. Sua mão que segurava a luz tremia; ela apertou os dedos até que as chaves entraram em sua pele.

Deixe-o em segurança, ela implorou silenciosamente.

Ansiosamente, seus olhos examinaram a superfície. As ondulações que Steven causou quase se aquietaram novamente. A caverna estava em silêncio. Ela imaginou que podia sentir o peso das rochas acima deles.

Quão pior seria para Steven, que estava sozinho na escuridão sem ar para respirar?

Os segundos passaram. Ela desejou que ela tivesse pensado em começar a contar. Quanto tempo Steven tinha ido embora?

Parecia minutos. Seu coração estava agitado em seu peito.

Por favor volte, ela rezou. Por um momento, ela pensou em pular atrás dele.

Ela costumava ser uma boa nadadora. Quando criança, ela passara verões inteiros no lago perto da casa dos avós. Certa vez, ela e Walter tinham viajado para a Flórida e enfrentaram as ondas e a água salgada quente. Mas o mar quente perto de um resort de praia não era nada comparado a uma caverna subterrânea fria, com água fluindo através de túneis secretos.

Ela engoliu em seco, uma mão subindo para sua camisa. E se ele estivesse ferido lá embaixo?

Então, resmungando, Steven ressurgiu. Gotas de água fria a atingiram quando ele balançou a cabeça.

— Há uma abertura debaixo d'água. — Ele suspirou. — Não é um mergulho longo. Eu passei e havia ar do outro lado!

— Nós vamos ter que mergulhar então? — Ela sabia que parecia hesitante - ainda não tinha conseguido abalar o terror de estar perdida na escuridão. A única coisa que tornaria isso pior seria ficar presa debaixo d'água sem luz.

Então ela deu a sua luz um olhar cético. — Essas coisas foram feitas para funcionar na água? — Ela não podia ver nenhuma abertura onde a água pudesse entrar no minúsculo aparelho, e ele havia sobrevivido a sua primeira queda no lago, mas ainda assim...

— Temos pouca escolha. — disse Steven suavemente. — Eu também não gosto disso, mas você só precisa mergulhar por alguns segundos. Não há corrente real. A água está se movendo muito lentamente, mas está se movendo, e devemos tentar encontrar o lugar onde ela sai dessas cavernas.

— Eu não consigo pensar em nenhuma cachoeira na área. — Cleo murmurou quando ela entregou as roupas de Steven. Ela decidiu manter suas próprias roupas; elas se encaixavam bem o suficiente para que ela pudesse mergulhar neles.

— Eu estive pensando o mesmo. — Steven franziu a testa um pouco. — Eu nunca pensei em explorar esses riachos de volta à sua fonte quando eu rastreei a onça. Eu não sabia que a água era a chave para o seu covil secreto!

— Eu nunca ouvi rumores de cavernas secretas. Eu acho que nós podemos ser os primeiros a explorar este lugar. — Então ela bufou. — Bem, eu acho que sua onça ganha essa honra.

— Ou sua avó. — Steven apontou. — Eu me pergunto...

— De jeito nenhum. — disse Cleo com firmeza. — Vovó não iria rastejar através dos túneis escuros. Vovô, por outro lado...

Esse é o segredo? Eles descobriram algo aqui e deixaram para mim?

Cleo balançou a cabeça para se livrar desses pensamentos. — De qualquer forma, temos outras coisas para focar. Como sair.

Steven a puxou para perto quando ela deslizou na água. Embora o lago estivesse frio, sua pele estava quente contra a dela. Seus lábios roçaram os dela. Ela ainda estava segurando a pequena luz acima da água enquanto o seguia até a parede de pedra. Ela podia senti-lo em torno de seus pés agora, o lento puxão de uma corrente enquanto a água corria através da abertura abaixo.

— Não se preocupe. — Steven disse novamente, com os olhos atentos. — Segure minha mão. Eu não vou deixar ir, prometo. E haverá ar depois de alguns segundos.

Cleo engoliu em seco e assentiu. Mais uma vez, ela roçou os lábios contra os dele. Então desligou a luz e empurrou-a de volta no bolso. O tecido molhado grudou em sua pele, e ela rezou para que ela não perdesse.

— OK pronto? — Steven perguntou.

Cleo respirou fundo. Sua mão encontrou o de Steven. Seu aperto era forte e reconfortante.

— Pronto. — Ela respondeu, e então eles mergulharam.

Cleo nunca teve medo de água. Ela costumava chegar ao chão do lago para trazer pedras brilhantes ou brinquedos caídos ou algas viscosas para atirar em um primo.

Mas mergulhar na escuridão total e absoluta era a coisa mais horripilante que já fizera. Por um momento terrível, ela não sabia onde estava. Em pânico, ela imaginou que a qualquer momento, ela teria batido em uma pedra, ou que ela se encontraria presa em algum lugar, incapaz de voltar para o ar...

Os dedos de Steven apertaram os dela, e ela forçou o medo de volta.

Apenas alguns segundos, ela lembrou a si mesma. E ele conseguiu passar antes. Nós ficaremos bem.

Agora Steven gentilmente puxou a mão dela, e com outra oração sem voz, ela seguiu. Uma mão permaneceu em seu alcance, com a outra que ela sentia por pedras na frente deles. Ela usou as pernas para se impulsionar para frente - e então seus dedos encontraram a rocha.

A parede, ela pensou mesmo quando a mão de Steven a puxou para baixo.

Mais uma vez ela seguiu. De repente, suas mãos encontraram a abertura - a parede dando lugar a nada. A água se movia lentamente, preguiçosamente puxando-os. Com um último feito determinado de força de vontade, ela derrotou o medo e seguiu Steven pelo túnel.

A abertura era ampla. Esse foi o primeiro pensamento dela. Isso trouxe alívio - ela não ficaria presa lá embaixo. Sua mão nem sequer tocou o lado da abertura, e ela podia nadar facilmente ao lado de Steven.

A mão de Steven ainda estava apertada ao redor da dela. Na escuridão, ela ouviu a batida assustada de seu coração.

Thud, thud, thud, disse. Ela não podia ver. Ela não conseguia respirar. Ela se sentia sem peso - mas o toque de Steven a ancorou.

Ela confiava nele com sua vida. Mesmo aqui, quando se sentia tão aterrorizada e desamparada como nunca antes, não duvidava que pudesse depender dele.

Steven não iria embora. Ele disse que estaria bem ao meu lado - e ele estava.

E então a mão de Steven puxou-a novamente. Ela se sentiu puxada para cima.

Os segundos já haviam passado? Teria sido apenas segundos? Ela perdeu todo o sentido do tempo. Mas agora ela usava as pernas novamente, chutando-as para cima e, finalmente, elas atravessaram a superfície.

Havia ar. Ela respirou em ganância, e então ela colocou os braços ao redor dos ombros fortes de Steven e o beijou. Ela estava tremendo. Ela teve que segurar as lágrimas. Mas sua boca era quente e real sob a dela.

Ele era a única coisa que parecia real na escuridão, e ela continuou se agarrando a ele.

Ele não saiu. Ele ficou bem ao meu lado. Ele não é como Walter em tudo.

Ela se sentiu tola por todos os seus medos anteriores. Ela deveria saber disso. Steven nunca mentiu para ela. O que ele prometeu, ele sempre manteve.

O que Walter teria feito? Provavelmente pegado minha luz e me deixado na escuridão, ela pensou.

De repente ela estava rindo através das lágrimas que ela nem percebeu que estavam correndo pelo seu rosto.

— Isso é mais uma aventura do que eu queria. — Ela finalmente fungou. Então ela enxugou os olhos e tirou a luz do bolso mais uma vez.

Houve outro segundo de medo - Será que ainda funciona?

Mas quando ela apertou o botão no topo, mais uma vez o pequeno brilho do único LED iluminou a caverna.

Os olhos de Steven estavam brilhando para ela. Seu cabelo molhado pendia em seus olhos, e ele ainda estava segurando suas roupas molhadas pressionadas contra seu corpo com um braço.

— Nós conseguimos. — Ele murmurou, seu sorriso se alargando enquanto ele olhava em volta.

À esquerda, havia uma saliência de pedra. Era fácil de escalar. Uma laje de pedra se projetava para o lago, que eles poderiam usar para se levantar.

Uma vez fora da água, eles descansaram um contra o outro, tremendo. Cleo tirou as próprias roupas molhadas, fazendo uma careta pelo jeito que elas se agarravam à sua pele gelada. Juntos, eles tentaram tirar a água do tecido tão bem quanto podiam.

— Eu não vim preparado para explorações de cavernas. — Cleo reclamou, seus dentes batendo um pouco. — Eu gostaria que tivéssemos trazido um cobertor.

Steven riu baixinho. — Isso também estaria molhado agora. Venha aqui, eu sei algo quase tão bom.

Quando Cleo se aproximou mais, Steven passou os braços ao redor dela. Seu corpo estava quente e ela suspirou de alívio.

— Você é como um forno! — Com um som agradecimento, ela se aconchegou em seu abraço.

Sob sua bochecha, ela podia sentir o coração dele batendo. Suas mãos grandes esfregaram suavemente suas costas em círculos lentos. Suas próprias mãos se arrastaram sobre o peito, traçando ociosamente as cristas definidas e os vales de seus músculos duros.

Ela ainda estava com frio, e o chão abaixo deles era duro, mas a cada segundo que passava nos braços de Steven, a memória terrível de mergulhar na escuridão recuou um pouco mais.

— Estou muito feliz por você estar aqui comigo. — Ela finalmente sussurrou contra o peito dele. — Eu não podia imaginar alguém com quem eu preferisse ficar preso.

— Porque eu posso te manter aquecido? — Sua voz retumbou deliciosamente de algum lugar no fundo de seu peito.

Cleo fez um som ronronante de aprovação e se aconchegou mais perto. — Isso também! Mas apenas... Você está aqui comigo. Através de toda essa bagunça. Desculpe se eu não fizer sentido. — disse ela em um pedido de desculpas. — Mas nem todo mundo teria feito isso. Você é muito especial, espero que você saiba disso.

Por um momento, Steven congelou, então ela começou a se perguntar se tinha falado demais. Mas então seus lábios roçaram o cabelo dela.

— Não, você é a única que é especial. — Ele murmurou, sua voz rouca. — Eu gostaria de poder te dizer o quão especial.

Seu coração batia contra o dela. A sensação era reconfortante, uma lembrança constante do fato de que ela estava segura, de que não estava sozinha.

Que Steven estava aqui e não a abandonaria.

Suas mãos ainda acariciavam suas costas. Lentamente, o calor estava se infiltrando em seus membros, a exaustão finalmente alcançando-a.

— Não, é você. — Ela murmurou cansadamente, sua bochecha acolchoada em seu ombro enquanto ela escapava para o sono exausto.

CAPITULO SEIS

STEVEN

Quando Steven abriu os olhos, tudo estava escuro. Cuidadosamente, ele procurou a pequena luz. Ele desligou antes para economizar bateria. Agora, quando ele encontrou e apertou o pequeno botão, Cleo começou a se mover em seus braços, fazendo uma careta quando os músculos doloridos protestaram.

Eles cochilaram por talvez uma hora, Steven pensou. Era difícil dizer o tempo aqui embaixo na escuridão, mas os instintos de seu urso eram finamente sintonizados; ele não precisava do sol para entender o que o rodeava.

Na verdade, seu urso teria muito mais facilidade em explorar essas cavernas escuras.

Cleo não entenderia. Como eu explicaria a ela que posso me transformar em um urso?

Seu irmão conseguiu bem com sua companheira, a voz rouca de seu urso apontou.

Silenciosamente, Steven sacudiu a cabeça. Este não era o momento certo para uma revelação como essa. Eles estavam molhados e frios, e uma vez que ele disse a ela sobre shifters, ele também teria que explicar sobre outras coisas...

Como companheiros, seu urso disse.

Escolhendo ignorar sua voz, Steven lentamente se obrigou a ficar de pé, depois ajudou Cleo também.

— Eu não posso acreditar que eu adormeci. — Ela murmurou e esfregou os olhos.

— Nós dois precisávamos de um momento de descanso. — Ele lhe entregou a luz, depois verificou as roupas que haviam espalhado na pedra. — E precisaremos de toda a nossa força para sair daqui. Uma hora de sono não fará diferença.

Eles ainda estavam úmidos e frios. Com saudade, ele pensou na pele quente de seu urso, então forçou esse pensamento para longe.

Agora não. Um pouco de frio não vai me matar.

Ao lado dele, Cleo fez uma careta de desgosto quando ela vestiu as calças molhadas.

— A primeira coisa que vou fazer quando estiver de volta é tomar um banho quente. — Ela estremeceu, então entrou na camisa que se agarrava a sua pele úmida. — Espero que não haja mais túneis subaquáticos.

Steven olhou para a água à direita. O eco de suas vozes lhe disse que eles estavam em uma caverna menor desta vez. A luz não chegou muito longe, mas os sentidos mais agudos de seu urso o fizeram ter certeza de que a água ainda estava se movendo em algum lugar. Este não era outro grande lago. Eles entraram em uma bacia rasa, e pelo pouco que a luz revelou, parecia mais um rio que se movia lentamente aqui, que fluía através de um longo túnel.

— Vamos continuar seguindo o rio e descobrir. — disse ele.

Ele passou o braço em torno de Cleo enquanto andavam. A pedra era lisa, como se, no passado, o rio tivesse sido grande o suficiente para encher todo o túnel e polir a pedra à medida que ela se precipitava. Agora, a água estava baixa, enchendo apenas o fundo do túnel, com espaço

suficiente para que eles pudessem facilmente seguir seu caminho. Em algum lugar ao longe, ele ainda conseguia distinguir o som suave da água em movimento.

Estamos caminhando em direção a uma cachoeira? Ou talvez haja outro túnel como este, do outro lado dessa parede?

Eles caminharam por mais uma hora. A luz na mão de Cleo permaneceu forte. Uma vez, chegaram a um ponto em que parte da muralha se rompera e escorregava para o rio, barrando o caminho. Eles tiveram que percorrer cuidadosamente o caminho, pisando em pedras escorregadias no rio enquanto se agarrava à laje de rocha.

Quando eles finalmente puderam continuar do outro lado da barricada, as calças deles ficaram molhados mais uma vez.

— Da próxima vez que eu for procurar um tesouro, vou levar roupas impermeáveis. E uma lanterna real. E comida. — Cleo murmurou enquanto eles se arrastavam.

Como se estivesse no comando, o estômago de Steven soltou um rugido faminto. Eles se entreolharam e começaram a rir.

— Esta é realmente a pior caça ao tesouro que eu já estive. Desculpe. — Ela disse e riu impotente.

— Não se desculpe! — ele brincou. — É a melhor caça ao tesouro que eu já estive!

— Porque é a primeira! — Cleo estava sorrindo amplamente. Seu cabelo havia secado em pequenos cachos que se projetavam em todas as direções. Suas bochechas estavam avermelhadas pelo frio.

Podemos estar perdidos em algum lugar abaixo da terra, mas pelo menos ela não estava sozinha. Eu tenho que tirá-la daqui ele pensou novamente.

Estamos exatamente onde deveríamos estar, disse seu urso com firmeza. Com a nossa companheira. Protegendo-a.

Steven sorriu para si mesmo. Seu urso estava certo. Poderia ser pior. Pelo menos Cleo não estava sozinha.

Se ele não tivesse escutado a insistente atração que o atraiu de volta para ela de novo e de novo, o mapa poderia tê-la levado para a caverna sozinha. Ela teria perturbado a onça em seu covil.

Eu te disse desde o começo, seu urso disse novamente, soando um pouco impaciente agora.

Steven reprimiu um suspiro.

Você estava certo, ele admitiu em silêncio. Feliz agora? Você estava certo sobre ela. Sobre tudo.

— Steven! — De repente, Cleo agarrou o braço dele em excitação.

Ela gesticulou para frente, e quando ela levantou a mão que segurava a luz, Steven viu que na penumbra diante deles havia uma abertura.

Na parede à esquerda, um túnel diferente se abria. Este túnel era menor, e nenhuma água jorrava dele. De fato, quando eles entraram, a luz revelou que este túnel se inclinava para cima.

Em algum lugar ao longe, Steven ainda podia distinguir o rugido da água. Parecia vir de algum lugar na frente deles - em algum lugar na direção que o túnel levava.

— Este leva para cima. — disse Steven, hesitando por um momento. Foi uma boa escolha abandonar o rio?

Mas precisamos subir para voltar à superfície...

— Vamos explorar o novo túnel. Contanto que não encontremos nenhuma outra encruzilhada, será fácil voltar aqui. — disse Cleo. Sua voz era tensa, como se o túnel a tivesse lembrado do peso da pedra e do solo acima de suas cabeças.

Eles deram as mãos enquanto exploravam o túnel. A inclinação suave logo se transformou em uma inclinação mais íngreme, mas eles não reclamaram. Cada passo os aproximava da superfície agora. E um túnel que corria tão perto do chão certamente mais cedo ou mais tarde se abriria para a luz do sol em algum lugar...

— É estranho. — Cleo murmurou agora enquanto passavam por um local particularmente íngreme. — É quase como uma escada...

Steven olhou para baixo. Era verdade. Seus pés continuavam encontrando a compra em lajes convenientemente localizadas de rochas planas, que descansavam firmemente sobre uma camada de cascalho e terra. Isso ocorreu naturalmente?

— Eu não sou um especialista. — Ele disse enquanto seguiam subindo a estranha escada. — Mas talvez não sejamos as primeiras pessoas aqui.

— Vovó não iria construir túneis em alguma caverna suja. — Cleo murmurou, sem fôlego quando eles finalmente chegaram a uma área mais nivelada. — Mas talvez eles tenham descoberto todo esse sistema de cavernas por acidente. Talvez quem construiu isso tenha deixado anos atrás. Talvez meus tataravôs estivessem procurando ouro...

Steven riu. — Nesse caso, sua avó pode ter te deixado um verdadeiro tesouro afinal!

Cleo enxugou um fio úmido do rosto enquanto dava a ele um olhar cheio de calor. Mais uma vez seu coração se apertou com o conhecimento instintivo de como ela estava certa. Ele nunca se sentiu assim antes.

Ela era sua companheira. Ele queria protegê-la, sim.

Mas ainda mais do que esse instinto natural, ele se sentia em casa toda vez que estava perto dela. Ele não esperava isso.

Ele esteve sozinho por tanto tempo, sempre impulsionado por sua inquietação. Ele pensou que se conhecia bem o suficiente para saber que nunca poderia ter um companheiro. Como uma mulher poderia ser suficiente quando o coração de seu urso ansiava por novas montanhas e florestas para explorar sempre que ele ficasse em algum lugar por mais de uma semana?

Mas então ele conheceu Cleo. E não foi apenas o seu urso que reconheceu sua companheira. Pela primeira vez, Steven se sentiu em paz. Ele não precisava de novas florestas. Tudo o que ele queria era andar pela floresta com Cleo ao seu lado. Isso seria o suficiente.

Seria mais que suficiente.

— Eu acho que eu já encontrei meu tesouro aqui. — Ela disse suavemente.

Seus olhos brilhavam com o mesmo calor que enchia seu peito. Ele não pôde evitar; ele teve que puxá-la para perto novamente e beijá-la, apreciando o modo como suas curvas enchiam seus braços enquanto ela suspirava contra seus lábios.

— E eu vou ter certeza que você vai escapar deste lugar com segurança com o seu tesouro. — ele finalmente sussurrou de volta.

Então a luz deu um primeiro e pequeno tremor.

Eles se olharam com medo. Por um longo momento, ficaram em silêncio, congelados de pavor. Se a luz deles apagasse agora, eles estariam perdidos aqui...

A luz continuava brilhando. Mesmo assim, o incidente serviu como um aviso.

Steven se endireitou. — Nós deveríamos nos apressar. Não sabemos quanto tempo sobrou. Se formos muito azarados, teremos que voltar todo o caminho até o rio abaixo...

Cleo sacudiu a cabeça. — Não, escute! Eu posso ouvir - é mais alto aqui. Há água em algum lugar perto, movendo-se rapidamente.

Com uma careta, Steven olhou em volta. Cleo estava certa, ele também podia ouvir, agora que ele se concentrava nisso. Era um som apressado, um rugido suave...

Havia uma abertura nas proximidades, onde a água escapava para o exterior?

Até onde eles andaram? O túnel poderia levá-los até um penhasco com uma abertura, ou talvez outra entrada escondida perto de uma cachoeira?

Ele descansou a mão contra a parede. A pedra era lisa e empoeirada. Ele podia sentir a menor sugestão de uma vibração.

Quando ele pressionou o ouvido contra a pedra, o rugido aumentou de volume.

— Vamos em frente. — disse ele depois de um momento. — Temos que tirar o máximo proveito dessa luz. Tem água e está perto.

Cleo continuou iluminando o caminho enquanto se apressavam. Onde antes do túnel tinha levado, agora ficou nivelado. Uma vez, eles tiveram que passar por outra pedra grande, e mais uma vez os dois notaram, de maneira suspeita, que ocos e bordas colocavam seus pés e mãos.

— Não é o trabalho de uma onça, com certeza. — Resmungou Cleo.

Ela parecia sem fôlego; Steven ficou atrás dela quando ela passou pela pedra final, pronta para pegá-la se ela escorregasse.

Então Cleo engasgou.

— O que há de errado? — O coração de Steven estava acelerado.

Seu urso estava rugindo para ele mudar, para proteger sua companheira - mas Cleo permaneceu em silêncio.

— Venha rápido! — ela finalmente chamou um segundo depois, excitação em sua voz em vez de medo. — Depressa! Eu acho - acho que encontramos a saída!

Suas palavras deram nova força a Steven e, um momento depois, ele se viu ao lado de Cleo, no que parecia uma antecâmara natural na rocha.

E na frente deles havia uma porta na parede.

Uma porta de verdade, feita de madeira resistente.

— Oh meu Deus! — Cleo respirou quando ela estendeu a mão para o cabo. — Conseguimos! Isso tem que levar para fora...!

Quando ela puxou a porta, nada aconteceu. Ela tentou novamente, desta vez usando mais força, mas depois de um momento teve que desistir.

— Está trancada. — Cleo fez o malabarismo novamente. — Droga! Eu não posso acreditar nisso!

Steven se adiantou. — Deixe-me tentar.

Ele não conseguia ver o buraco da fechadura, mas mesmo assim a porta não dava nem um centímetro, não importava o quanto ele empurrasse ou puxasse.

— Eu não acho que está trancada. — Ele finalmente disse. — Eu acho que é bloqueada por fora. — Ele pressionou o ouvido contra a madeira da porta, depois usou a mão para bater forte.

Soava oco. Ele soltou um suspiro de alívio.

— Alguém fechou, mas há um quarto atrás. Ou outro túnel, talvez.

Cleo deu à porta um olhar ansioso. — Temos que passar de alguma forma! Este é o mais próximo que chegamos de qualquer coisa que pareça uma saída! Talvez possamos derrubá-la se usarmos uma pedra?

Eu posso ajudar, a voz do urso de Steven roncou. Você sabe que eu posso.

Espere, Steven pensou de volta, passando as mãos pela madeira.

A poeira se instalou em pequenas imperfeições. Deve ter sido anos desde que foi usada pela última vez. Infelizmente, a madeira ainda parecia forte. Steven não encontrou nenhuma fraqueza.

Quando ele correu os dedos ao longo da parte de baixo da porta, ele pensou ter sentido um gole.

Ar do lado de fora, seu urso disse ansiosamente. Deixe-me dar uma cheirada...

Eu não posso, Steven respondeu silenciosamente.

Então a luz voltou a piscar e ele apertou a mandíbula.

Cleo empalideceu. Ela estava olhando para o pequeno aparelho em sua mão com pavor. Steven podia sentir seu medo - o mesmo sentido que

lhe dizia que ela era sua companheira agora lhe dizia que sua companheira estava com medo. Foi um puxão em seu coração, uma sensação de urgência que ele não podia ignorar. Ele tinha que proteger sua companheira, não importava o custo!

Droga, ele amaldiçoou silenciosamente. E se ela entrar em pânico se eu mudar? E se ela fugir?

Ela é nossa companheira, seu urso resmungou em segurança. Ela não vai te odiar.

Steven respirou fundo. Então ele se levantou, dando um passo para trás da porta.

— Cleo, eu preciso que você escute agora. — Ele pegou as mãos dela nas dele. — Isso vai soar estranho, mas eu nem sei como explicar isso.

Cleo deu-lhe um olhar questionador. Apesar de seu medo crescente, seus olhos eram de um verde profundo e verdejante - não era o brilho de uma pedra preciosa, mas algo mais precioso: o verde dos lugares secretos da floresta que sempre lhe pertenceram.

Steven sentiu-se cada vez mais calmo quando olhou nos olhos dela e sentiu aquele puxão dolorido em seu peito se transformar em um contentamento caloroso.

— Eu sou um shifter urso. — Lá, ele disse isso. — Isso significa que eu posso me transformar em um urso.

— Transforme-se em... o quê? — Os olhos de Cleo se estreitaram. Ela não recuou, mas de repente pareceu mais cautelosa. — Este não é o momento para piadas. Vamos apenas passar por aquela porta primeiro.

Steven deu-lhe um sorriso irônico. — É o que estou tentando fazer. Não podemos abri-la, mas essa porta não é forte o suficiente para conter

um urso adulto. Eu sei que isso parece loucura! Eu sei que você não acredita em mim! Mas eu preciso que você se lembre disso: não há necessidade de ter medo. Sou eu. Eu nunca te machucaria.

— Steven... — Cleo engoliu em seco e deu um passo para trás, sua mão escorregando da dele.

Ela claramente não acreditava em uma única palavra que ele disse, mas não havia tempo agora para longas discussões. Steven só podia esperar que ela confiasse nele o suficiente para lembrar o que ele havia dito.

— Cuidado. — Ele disse suavemente quando ele rapidamente tirou suas roupas. Então ele inalou, concentrando-se no som de seu batimento cardíaco.

Um arrepio percorreu-o, seus sentidos se expandiram enquanto ele se movia tão facilmente quanto isso. A força do urso o enchia, aquela consciência familiar de músculos que eram feitos para correr e lutar, suas garras e dentes que podiam rasgar e rasgar.

Ele levantou a cabeça.

O aroma de Cleo encheu os sentidos afiados de seu urso, de modo que uma onda de prazer passou por ele. Era como cheirar o primeiro pedaço de mirtilos maduros da estação ou se deparar com uma colmeia selvagem pingando mel dourado.

Ela cheirava a beleza, liberdade e sol, e o coração de seu urso que por tanto tempo estava inquieto repentinamente não conseguia suportar a ideia de nunca mais deixá-la.

— Oh meu Deus... — Cleo respirou e cambaleou alguns passos para trás.

Ele podia sentir o medo dela. Ele não se atreveu a dar nem um passo em sua direção. Ele só podia esperar que ela lembrasse do que ele lhe dissera.

Agora para a porta.

Quando ele se virou para olhá-la com os olhos do urso, não parecia mais tão resistente. Ele cheirou, mas não conseguiu distinguir qualquer traço distinto de um perfume. Fazia muito tempo desde que foi usada.

Mas ele podia sentir o cheiro do ar fresco. De algum lugar, uma corrente de ar entrava e levava consigo o cheiro de água e folhas e o céu.

Steven bufou, depois se apoiou nas patas traseiras e atacou a porta com um poderoso golpe de suas patas.

A porta sacudiu nas dobradiças, mas não se moveu.

Com um grunhido suave, Steven atacou novamente, usando mais força agora. Suas garras encontraram a porta, arranhando riscos profundos na madeira, e ele a atingiu de novo e de novo.

A maioria de seus ataques estavam agora centrados perto da maçaneta da porta. Com cada golpe poderoso, suas garras cavaram mais fundo na madeira e, finalmente, se fragmentaram.

Ainda assim a porta não se abriu, mas agora estava chocalhando a cada ataque. Por fim, Steven cessou seus ataques, ofegando de boca aberta enquanto olhava para a porta. Ele deu alguns passos para trás e então atacou, seus músculos impulsionando-o para a frente com tanta força que ele bateu na porta com todo o seu peso. A porta deu uma chuva de farpas.

Em meio a madeira quebrada, ele caiu no chão. Seu ombro doeu um pouco do impacto, mas não houve outro ferimento.

— Oh meu Deus. — Cleo murmurou novamente em algum lugar atrás dele, soando atordoado.

Lentamente, ele se levantou, então se virou para ela e se afastou com um sorriso tímido. — Como eu disse. Eu posso me transformar em um urso.

Ele tentou continuar sorrindo, embora a preocupação aumentasse quando Cleo continuou olhando para ele, os olhos arregalados de choque.

Depois de um momento, ela começou a tremer, os ombros tremendo. Finalmente, ela entrou em risada súbita e chocada.

— Oh meu Deus! Você se transformou em um urso! — ela ofegou. — Você realmente se transformou em um urso!

— Eu fiz. — Steven deu um passo cuidadoso mais perto, estendendo as mãos - exatamente como na primeira vez que se encontraram. — Você não está sonhando, se é isso que você pensa. É real!

— Você pode se transformar em qualquer animal? — Cleo o observou se aproximar. Ela ainda parecia cautelosa, embora não se afastasse mais.

— Não, só o urso. — disse Steven, e então ele estava perto o suficiente para tocar suavemente o braço dela. — Veja, ainda sou eu. Me desculpe se eu te assustei.

— Está tudo bem - não, não está! Você se transforma em um urso, como isso pode ficar bem? Eu quero saber... — Ela parou de repente e respirou fundo. — Fuja primeiro. Mas você tem muitas perguntas para responder agora!

Steven assentiu, um pouco deprimido. Ele sabia que seria diferente uma vez que ela soubesse. Mas ela ficaria satisfeita se ele lhe desse as respostas que ela exigia? Agora que ela o viu como uma fera, ela poderia

olhar para ele com nada além de calor em seus olhos, ou confiar sua vida nas mãos dele como na água?

A luz cintilou de novo - e então saiu.

Cleo gritou quando eles foram engolidos pela escuridão mais uma vez.

— Está certo; estou aqui. — gritou Steven, dando mais um passo em frente.

As mãos de Cleo encontraram o braço dele. Seus dedos apertaram ao redor dele, e então eles estavam nos braços um do outro, ambos segurando firmemente. Steven podia sentir as batidas do coração de Cleo no peito dele.

— Nós quase conseguimos. — Ele disse, para se acalmar como ela. — Essa porta deve levar para fora. Por que alguém colocaria uma porta em...

— Lá! Veja! — A voz de Cleo tremia de excitação.

De repente, Steven percebeu que ele podia distinguir o brilho de seus olhos. A escuridão já não era tão completa.

Quando se voltaram para a porta destruída, viram que a escuridão não era tão profunda ali. Em algum lugar além daquela porta havia luz, acenando para eles.

— Nós fizemos isso. — Sussurrou Cleo. — Nós encontramos o caminho. Nós não vamos morrer aqui!

Steven podia sentir ela tremendo em seus braços. Eles continuaram agarrados um ao outro por um longo momento, enquanto o pânico e o terror davam lugar a um alívio esmagador. Então começaram a avançar lentamente, abrindo caminho com cuidado entre a madeira e as rochas

lascadas. Depois de passarem pela porta, a luz ganhou intensidade, de modo que puderam distinguir as formas escuras das rochas e mover-se um pouco mais depressa. Era outro túnel - mas um túnel onde o ar cheirava mais fresco.

Sol, o urso de Steven forneceu ansiosamente. Céu azul. O vento. E... Perigo!

A última palavra surgiu como um rugido na mente de Steven. Mesmo antes que o aviso de seu urso parasse ressoando em sua cabeça, ele empurrou Cleo para fora do caminho e mudou.

Um instante depois, a onça veio rosnando para ele da escuridão.

Era tarde demais para Steven tentar evitar o ataque. Presas afiadas entraram em sua pele. Steven rugiu de dor, erguendo-se nas patas traseiras, mas a onça não soltou.

Com as garras do shifter tentando cortar seu estômago desprotegido, Steven deu alguns passos para trás. A mordida ardeu como fogo. A sorte fez a onça perfurar seu ombro em vez de sua garganta, mas mesmo assim a dor do ataque o distraía.

Mais uma vez as garras da onça cravaram-se na pele de seu estômago - mas agora Steven conseguiu passar suas próprias garras pelo traseiro inteiro da besta.

Com um grito de dor, a onça o soltou. Desta vez, quando Steven se sacudiu, o gato grande perdeu o golpe. Steven atacou com outro golpe de sua pata assim que bateu no chão, mas a onça foi rápido e rolou para fora do caminho.

— Steven! — Cleo gritou em terror repentino.

Nossa companheira, seu urso rugiu quando viu que a onça-pintada havia se levantado de novo - a poucos metros de onde Cleo estava agachada, encostada contra a parede.

A onça rosnou. Sua cabeça girou, como se estivesse tentando decidir quem era a maior ameaça.

Mesmo com seu medo por Cleo, Steven não pôde deixar de pensar no comportamento do shifter. Ele tinha se ferido na verdade? Ele havia passado tanto tempo na pele de seu animal que não se lembrava mais que era humano?

Mais uma vez a boca da onça se abriu, exibindo presas afiadas pingando sangue.

Ele assobiou para Steven, mas então os olhos raivosos focaram em Cleo. O corpo do gato ficou tenso, a cauda chicoteando de raiva - mas desta vez, foi Steven quem atacou primeiro.

O túnel era estreito. Eles atingiram a parede juntos, a apenas alguns centímetros de onde Cleo estava agora freneticamente tentando sair do caminho.

Os rugidos de raiva e dor da onça encheram os ouvidos de Steven. Garras atravessaram a parede para que ele pudesse ver as faíscas acenderem, mas Steven não soltou.

Ele tinha uma pata na garganta do gato agora, sua mandíbula poderosa apertando em torno de uma das pernas da onça para evitar que as garras lhe cortassem o rosto. Por um longo momento, eles lutaram, em um impasse. Steven rosnou, respirando o cheiro do gato feroz, sentindo o gosto do ferro de seu sangue em sua língua. Seu ombro ainda doía com uma dor ardente e quente, onde as presas haviam perfurado sua carne.

A onça estava assobiando enquanto lutava em suas mãos.

Eu tenho que chegar em sua garganta, Steven pensou, mesmo quando a fera mais uma vez se contorceu em suas mãos, quase conseguindo se soltar...

E então houve um baque alto.

No mesmo momento, a onça ficou frouxa embaixo dele.

Quando Steven olhou para cima, ele viu Cleo se agachando diante dele, uma grande pedra em sua mão enquanto ela ofegava. Ela estava muito pálida. Havia luz suficiente para que ele pudesse ver que seus dedos estavam brancos e trêmulos, onde eles se apertaram ao redor da rocha - mas ainda assim, apesar do perigo e do terror dela, ela conseguiu derrubar a onça.

Ele mudou e a puxou para seus braços, segurando-a com força por um momento.

— Você fez isso! — ele sussurrou em seu cabelo. — Você o pegou! Estamos a salvo agora.

Um segundo depois, a forma da onça se confundiu e se transformou no corpo inconsciente de um homem na casa dos 40 anos, barbudo e sujo.

Cleo engasgou em choque. — Ele é um de vocês!

— Eu sinto muito. Eu não poderia te dizer mais cedo. — Steven sentiu a familiar apreensão retornar.

Ele mentiu para ela sobre a verdadeira razão pela qual ele estava caçando a onça. Ela poderia perdoar seus segredos?

— Você tem tantas perguntas para responder... — Cleo finalmente soltou a pedra. Seus dedos ainda estavam tremendo quando ela roçou um cacho atrás da orelha. — Mas primeiro vamos para casa.

Silenciosamente, Steven recuperou suas roupas, ignorando a dor de suas feridas. Quando ele foi forçado a mudar tão inesperadamente, suas roupas haviam sido rasgadas. Agora ele usava faixas de sua camisa para amarrar o shifter onça inconsciente. Ele ligaria para o irmão assim que chegasse à casa de Cleo, e então este capítulo de sua vida finalmente terminaria.

Novamente seu olhar voltou para Cleo.

Nós não estamos deixando nossa companheira, seu urso disse a ele, gentil, mas firme.

Steven apenas suspirou em resposta. Vamos ver o que ela tem a dizer sobre tudo isso...

Mas primeiro eles tinham que encontrar uma saída.

O túnel diante deles pareceu ficar gradualmente mais brilhante. Uma vez que o shifter foi amarrado, Steven e Cleo continuaram se movendo para frente. O chão do túnel era liso, como se tivesse sido usado recentemente.

A onça deve ter se escondido aqui todo esse tempo, Steven percebeu. Se existem várias entradas, isso explica como ele sempre conseguiu me escapar...

Uma ou duas vezes, mais túneis se abriram, o que pareceu levar mais fundo a esse sistema de cavernas. Cleo e Steven estavam tão cansados e exaustos a ponto de ignorá-los. Eles continuaram seguindo a luz.

Finalmente, o túnel virou uma esquina e depois se abriu em direção a uma grande caverna. A pedra aqui era pálida, brilhando na luz que caía - e no outro extremo da caverna, outra cortina de água saía rugindo.

— A saída! — Cleo disse em emoção. — Eu me pergunto o quão longe nós andamos! Parece que passamos dias lá embaixo!

— Espero que não estejamos perdidos no topo de uma montanha. — Steven seguiu-a para onde a água bloqueava a visão do que estava fora da caverna.

Cleo riu. — Não há montanhas nas proximidades, apenas colinas. Venha, vamos ver!

Ela agarrou a mão dele e puxou-o junto. Havia outra borda que corria por trás da cortina de água caindo. Steven sentiu as gotas baterem em sua pele enquanto ele e Cleo se moviam lentamente para frente.

Quando eles fizeram vários metros ao longo da parede, com pedra à sua esquerda e água à sua direita, a borda de repente deu uma guinada para a esquerda novamente, longe da água. Curiosamente, eles seguiram.

Levou-os a uma ravina, com a saliência se transformando em um pequeno caminho escondido sob duas paredes íngremes de pedra. O rugido da cachoeira ficou mais suave enquanto eles caminhavam ao longo do caminho. Do alto, o sol brilhava sobre eles, aquecendo a pele, e Steven respirou fundo.

O cheiro da floresta encheu seus sentidos. Vento, flores, folhas verdes e musgo. Tudo estava como deveria ser.

Quando a ravina chegou a um fim abrupto, encontraram outra escada de aparência natural escondida debaixo do musgo. As rochas haviam descido há muito tempo - ou talvez tivessem sido colocadas como um meio de acesso fácil por quem primeiro descobrira essas cavernas secretas.

As pedras estavam escorregadias, mas haviam sido colocadas a uma distância conveniente, de modo que pudessem subir uma após a outra como uma escada.

Uma vez que chegaram ao topo, ofegando, Cleo protegeu os olhos do sol enquanto olhava ao redor.

— Há o lago! — Steven apontou para o trecho de azul diante deles.

Eles estavam perto da costa.

— E aí, olhe! — Havia alegria na voz de Cleo. — Você não pode ver minha casa daqui, mas você vê o cais lá ao norte?

— Isso é talvez uma caminhada de uma hora. — disse Steven, alívio inundando-o.

Eles realmente conseguiram sair. Tudo o que restava era uma caminhada de uma hora, se andassem devagar - mas depois da aventura que haviam acabado de sobreviver, ambos mereciam uma pausa.

— E depois vamos conversar. — Os olhos verdes de Cleo brilhavam perigosamente enquanto ela olhava para ele, o vento brincando com seus cachos vermelhos.

A boca de Steven ficou seca. O que ele faria se ela lhe dissesse que nunca mais queria vê-lo? Ela não era shifter. Ela poderia entender sobre os companheiros?

Ela vai entender se você explicar direito, seu urso resmungou para ele.

Steven não estava tão certo de que pudesse.

CAPITULO SETE

CLEO

Uma hora depois, Cleo tropeçou no caminho que levava à sua casa, suada, sem fôlego e ainda machucada pela queda nas cavernas. Steven estava seguindo logo atrás, mancando um pouco. Ela checou suas feridas novamente à luz do sol. Embora a mordida parecesse ruim, ela havia parado de sangrar. De qualquer forma, não havia outra alternativa a não ser tentar voltar para sua casa o mais rápido possível.

— Você pode pegar raiva de um shifter? — ela perguntou, experimentando aquela palavra desconhecida em sua língua. Ela ainda não podia acreditar que era verdade.

Ela viu isso acontecer. Ela tinha visto os dois mudarem bem diante de seus olhos - mas ainda não parecia real.

Steven riu. Ele estava machucado e ferido, e ainda assim Cleo sentiu o calor familiar em sua barriga quando se virou para olhá-lo. Ele ainda estava nu. Um leve brilho de suor fazia sua pele brilhar à luz do sol. Eles haviam lavado a poeira e a sujeira no lago e, exceto pelas feridas deixadas pela luta, ele não parecia nada mal.

Preocupada, Cleo mordeu o lábio, observando os músculos do peito dele se agitarem enquanto ele se esticava para alcançá-la pelo telefone. Ela ouviu quando ele ligou para seu irmão para contar sobre o shifter inconsciente amarrado na caverna.

Algo estava incomodando em sua mente, tinha sido por todo o caminho de volta. Ela estava muito envolvida no mistério de ver um homem se transformar em um urso bem diante de seus olhos - mas agora, de repente, as peças começaram a se unir.

— Seu irmão sabe! — ela disse acusadoramente, assim que ele terminou a ligação. — É por isso que ele ligou para você. Porque ele sabia que a onça não era uma verdadeira onça.

Steven respirou fundo. Por um momento, ele parecia muito cansado, e Cleo sentiu uma dor aguda no peito.

É este o momento em que outros segredos sairão? Outras mentiras?

Mas Steven salvou sua vida. Por mais estranho que fosse, apesar de tudo, ela ainda confiava nele.

Ela corou um pouco enquanto seus olhos deslizavam ao longo de suas coxas poderosas, até onde seu eixo estava aninhado.

Deus, como todas as partes dele são tão bonitas?

Precisava pulsar entre as pernas mais uma vez quando se lembrou da sensação dele deslizando dentro dela.

— Eu te disse que eu responderia todas as suas perguntas. Assim. Pergunte. — Steven deu-lhe um pequeno sorriso, embora seus olhos estivessem apreensivos.

— Sente-se primeiro. — Mais uma vez os olhos de Cleo percorreram seu corpo até que descansaram em suas feridas. — Você vai falar, e eu vou pegar o kit de primeiros socorros.

— Eu vou ficar bem amanhã. — disse Steven, embora ele obedientemente foi em direção ao seu sofá. — É uma coisa shifter. Nós nos curamos muito rápido.

Cleo fez um som distraído enquanto arrastava o velho kit de primeiros socorros da prateleira mais alta da cozinha. Ela franziu o nariz para a poeira que se levantou.

Quando ela voltou para o sofá, Steven se sentou, sua perna ferida esticada na frente dele.

Ela gentilmente cutucou a pele sem ferimentos. — Então é daí que todas as suas cicatrizes vêm?

O desinfetante parecia muito familiar. Ela esperava que ainda não fosse a mesma garrafa que sua avó usara nos joelhos arranhados há muito tempo.

Eu provavelmente deveria procurar um kit de primeiros socorros atualizado na próxima vez que eu estiver na cidade...

Steven estremeceu quando ela começou a limpar suas feridas.

— A maioria delas. — respondeu ele. — As grandes cicatrizes são todas de lutas com outros shifters. É o que eu tenho feito a maior parte da minha vida.

— Então você é um policial shifter? — Ela inclinou a cabeça, curiosa agora. — E seu irmão…

— Meu irmão é um shifter também. — Algo no rosto de Steven pareceu apertar. — Ambos os meus irmãos são. Como é meu pai. Eu não sou um policial embora. Eu só... eu só caço.

— Você é um caçador de shifters. Um urso caçador? — Ela olhou para ele, tentando imaginar anos desse tipo de vida.

Ele encolheu os ombros, depois estremeceu com a picada do desinfetante. — Tipo isso. Não é realmente um trabalho real que vem com uma descrição do trabalho.

Cleo se viu encarando as cicatrizes mais uma vez. — Então você gosta… da emoção disso? Ou a vida difícil na floresta?

Certamente não era uma vida fácil. Ele era um daqueles caras que se viciou em perigo? Talvez ela estivesse errada sobre ele depois de tudo. Talvez ele estivesse viciado em brigas, do jeito que Walter era viciado em fama...

Steven apertou a mandíbula. — Eu gosto da floresta. Meu urso gosta de correr. E... Ele ficou em silêncio.

Cleo observou atentamente. A dor lançara uma sombra repentina em seu rosto. As linhas ao redor de sua boca se aprofundaram e, por um momento, todo o calor desapareceu de seus olhos.

Havia outra coisa. Ela podia sentir isso.

Ela sentiu como se estivesse assistindo a um desenho tomar forma em sua cabeça: das primeiras linhas desenhadas com um lápis macio para traços mais ousados, preenchendo os detalhes, finalmente enxugando rajadas de cores brilhantes. Uma tela cheia de histórias, destaques e sombras iluminando uma cena completa.

Novamente ela sentiu vontade de pegar os lápis e desenhá-lo. Havia um enorme desejo de esboçar aqueles músculos que pareciam ainda mais perfeitos do que as estátuas que a professora mandou copiar em visitas a museus na faculdade.

Mas ela estava tão perto de ver a imagem completa agora. Era como o mapa do tesouro que ela encontrou. Os símbolos e as linhas ainda não faziam sentido - mas eles iriam, uma vez que ela descobrisse o que os conectava.

— E? — ela exigiu enquanto alisava a pomada sobre sua ferida. — Eu acho que mereço a história completa agora.

Steven engoliu em seco. Quando ele falou, sua voz era áspera. — Meu pai não era um ótimo pai. Ele era muito urso. Ele correria de novo e

de novo. Quando ele estava por perto, minha mãe e ele entravam em brigas. E eu sou o mesmo que ele. Meu urso é inquieto. Eu ando por aí e saio para novas florestas o tempo todo. Somente agora…

— Agora? — ela repetiu suavemente, uma pequena esperança desabrochando em seu coração.

— Só agora eu não quero mais sair. — Ele admitiu depois de um momento tenso. — Mas eu não posso fazer com você o que meu pai fez. Eu não posso fazer isso com minha companheira.

— Companheira? — Cleo perguntou.

O que Steven disse soava um pouco assustador, embora ela não tivesse certeza se acreditava nele. Por mais forte que Steven fosse, uma parte dele sempre parecia tão nervosa quanto um animal selvagem para ela. Ela podia acreditar que ele correria, mesmo que o mero pensamento doesse. Ela não podia acreditar que ele sempre gritaria com ela, como seu pai tinha.

Ele salvou minha vida. Não só isso - ele me deu conforto e esperança lá embaixo na escuridão.

— Nós shifters temos companheiro para a vida. Quando nós encontramos a pessoa designada para nós, nós sabemos. Nós apenas sabemos. E eu... — Ele levantou a cabeça.

Seus olhos brilhavam como âmbar, um marrom quente e profundo com a luminosidade de uma antiga joia.

— Eu soube assim que te vi. — Ele terminou. — Você é minha companheira, Cleo. Você é linda, eu não me canso de você. Mas é mais que isso. É muito mais.

— É isso? — ela perguntou. Sua voz estava tremendo um pouco. Ela se sentia cruel por continuar pedindo mais - mas as palavras que ele disse

foram um choque para ela. Ela precisava de tempo para lidar com o que ele disse.

Companheiros... É por isso que ele se sentiu tão bem desde o início? Mas eu nem sou um deles! Como isso pode ser real?

— Estou sempre inquieto, mas com você… me sinto em casa. Você me faz rir. Você é muito sexy e muito inteligente. Você é apaixonado e tão determinado. — Steven respirou fundo antes de continuar. — E lá embaixo nas cavernas, você confiou em mim. Havia apenas nós dois e a escuridão, mas a cada segundo lá embaixo, eu estava feliz por você estar ao meu lado.

Cleo engoliu em seco. Lentamente, ela começou a enrolar uma bandagem limpa em torno de sua panturrilha.

Tudo o que ele disse soou como se pertencesse a um livro ou a um filme. Essas coisas não acontecem com mulheres como ela! Ela era apenas Cleo, que já tinha tido sua confiança traída uma vez, que mal tinha dinheiro sobrando para arrumar sua pequena casa à beira do lago.

E ainda. Cada palavra que ele falou tinha inflamado o calor em seu peito.

Em algum lugar no fundo dela, ela mais uma vez sentiu aquele estranho puxão em direção a ele. Ela pode não querer acreditar no que ele disse, mas uma parte dela já sabia que era verdade. A parte que tinha colocado a mão na dele e depois o seguiu até a água.

Ela confiava nele com sua vida. Ela ainda confiava nele com sua vida, embora soubesse agora que ele era um urso.

Desamparada, ela balançou a cabeça. Tudo começou a fazer um tipo estranho de sentido. Foi por isso que ela tinha visto a visão de um urso selvagem em seus olhos?

Talvez ele estivesse certo. Talvez companheiros existissem.

Ela sentia como se tivesse visto uma parte de sua alma. De alguma forma, ela conhecia o urso antes mesmo de ver Steven mudar pela primeira vez.

Com os golpes profundos que as garras deixaram, ela se moveu para o ombro dele. Para isso, ela se sentou no sofá ao lado dele.

Steven ainda estava distraidamente nu. Ela podia sentir os músculos dele se deslocando sob a pele quando ela começou a limpar as marcas da mordida.

— Quantos de vocês existem? — ela perguntou, tanto por curiosidade quanto para distraí-lo.

— Nesta cidade? Apenas meu irmão. Fora desta cidade, provavelmente mais do que você pensa. — Steven fez um som de assobio na picada do desinfetante. — É por isso que eu fico longe das cidades. Há sempre uma ou duas matilhas de lobos criando problemas.

— Lobos? — Cleo quase derrubou a pomada. — Você quer dizer que lobisomens são reais?

Steven assentiu. — Eles são shifters lobo, como se eu fosse um shifter urso. Existem todos os tipos de shifters, embora alguns sejam mais raros do que outros. Você não quer saber sobre o dia em que eu surpreendi um shifter...

Cleo torceu o nariz.

— Eu ainda não posso acreditar que isso é real, mas eu vi vocês dois mudarem com meus próprios olhos... — Ela balançou a cabeça, em seguida, deu outra olhada nas feridas que os dentes da onça tinham deixado.

Eles pareciam doloridos, embora não tivessem sangrado tanto quanto os cortes rasgados pelas garras. A pele estava inchada e avermelhada ao redor da área onde as presas da onça tinham perfurado sua carne, mas Steven não emitiu nenhum som quando ela começou a alisar a pomada em suas feridas.

Ele estava tenso sob as mãos dela. Seus músculos eram duros como pedra, seus tendões como cordões de ferro sob sua pele.

Ele lutou para me proteger, ela pensou. E ele mentiu para mim..., mas ele estava preparado para ficar limpo quando sua mudança pudesse nos salvar.

Ela suspirou. Ela ainda não sabia o que pensar.

— Isso é muito para receber, você sabe. — Ela disse baixinho. — Acho que preciso de algum tempo para me acostumar com a ideia de lobos e homens nus em minha lagoa que podem se transformar em ursos.

— Ei. — disse Steven, sua voz áspera, embora ele estivesse tentando sorrir. — Eu espero muito que não haja outros homens nus tomando banho em sua lagoa.

Cleo bufou, então relutantemente retornou seu sorriso. — A essa altura, acho que vou ter que ficar feliz se não houver lobos na minha lagoa.

— Não há lobos ao redor. — disse Steven prontamente. — Apenas a onça, e nós cuidamos disso.

O sorriso de Cleo se alargou. — Nós definitivamente fizemos.

Ela ainda não conseguia acreditar no que havia feito. Ela nocauteou um shifter onça. Uma onça!

A traição de Walter a deixara sem valor. Foi bom lembrar seus pontos fortes. Ela era mais do que apenas alguém para usar e deixar para trás. Ela era mais do que Walter jamais vira nela.

Ela pode não ser um urso, mas sabia como se defender.

E sou artista também. Walter não pode tirar isso de mim.

Ela olhou para os arranhões e cicatrizes na pele de Steven. Eles formaram um mapa próprio. Eles não levaram ao tesouro, mas a algo mais precioso: contavam a história da vida de Steven. Elas mostravam o que fez Steven quem ele era.

Ela coçava para pegar uma caneta ou um pincel e pintar uma foto daquele mapa. Ela já podia ver isso tomar forma em sua mente: as sombras lá na clavícula dele. As linhas quadradas de sua mandíbula. As cicatrizes que cruzavam seu peito. A firmeza de sua boca que poderia inflamar tal paixão nela…

Mais uma vez ela sentiu a familiar falta de ar subir. Ela se moveu, mais uma vez consciente de sua nudez e do desejo que surgira nela.

Ela estava molhada por ele, doendo por seu toque. Quando ela pousou a mão no peito dele, pôde sentir o batimento cardíaco dele, o ritmo calmante dos baques fortes e lentos sob os dedos. Quando seus olhos finalmente se encontraram, quase lhe tirou o fôlego.

Suas pupilas eram tão largas que seus olhos pareciam quase negros. Havia um poder em seu olhar; ela sempre sentiu isso. Agora, pela primeira vez, ela achava que entendia. Havia algo antigo em seus olhos, algo poderoso.

Era a mesma sensação que sentiu quando entrou na floresta. Era a sensação de estar a horas de distância de qualquer outra alma viva, sem nada ao redor, a não ser árvores com raízes que penetravam fundo na

terra. Árvores que podem ter crescido lá por séculos. E ele foi feito para esses lugares. Ele foi feito para governar os lugares secretos da floresta.

Deveria tê-la assustado, mas em vez disso, provocou uma sensação de excitação através dela.

Lentamente, ela se inclinou para frente. Quando seus lábios tocaram os dele, ele gemeu. Suas mãos subiram e deslizaram em seus cabelos, segurando-a no lugar enquanto ele aprofundava o beijo.

O calor de sua língua contra a dela a fez gemer. Ele preencheu todos os seus sentidos, subjugou-a até que nada existisse a não ser o êxtase de seu toque.

— Eu quero você. — Ele respirou contra seus lábios. — Meu companheiro.

Ele era duro como uma pedra contra sua coxa, totalmente ereto. Ela sentiu mais umidade penetrar em sua calcinha já molhada.

— Você está ferido. — Ela apontou, mesmo que ela já estivesse se sentindo tonta com a necessidade.

Apesar de seu protesto, ela se levantou e saiu de suas calças ainda úmidas. Então Steven estendeu a mão para ela, puxando para baixo sua calcinha também. Seus olhos estavam escuros de desejo quando ele a puxou de volta em seus braços.

— Eu me curo rapidamente. — Ele rosnou contra seu pescoço, seus dentes roçando sua pele. — Nós vamos ter cuidado.

Ela engasgou, arqueando contra ele quando sua camisa foi retirada também. Então seus dedos soltaram seu sutiã e ela gemeu. O ar estava frio contra seus mamilos sensíveis. Eles já estavam tensos, e quando Steven passou o polegar contra eles, tudo dentro dela ficou tenso de desejo.

— Você é linda. — Steven gemeu contra sua pele. — Perfeita. Sexy. Minha.

Seu grunhido possessivo fez com que mais umidade escorresse dela. Ela ofegou por ar.

Ela precisava dele. Aqui. Agora.

— Cuidado. — Ela engasgou quando ele a puxou para baixo.

Seu eixo duro roçou suas dobras molhadas e um tremor percorreu-a. Ela se forçou a resistir à necessidade - só por um momento, só para ter certeza de que não havia peso em sua perna ferida.

Ela apoiou um travesseiro embaixo e depois passou os braços ao redor de sua cintura.

— O suficiente. Eu tenho outra coisa que dói. — Ele respirou contra seu ouvido.

Mais uma vez ela estremeceu. Sua respiração era quente, e tudo dentro dela pulsava com necessidade por ele.

Ela arrastou a mão pelo peito dele, sentindo cada um dos músculos tensos sob seu toque. Quando ela colocou a mão em torno de sua ereção, finalmente, ele gemeu novamente. Corajosamente, ela acariciou-o algumas vezes, excitada pela maneira como ele se sentia em sua mão: duro como aço, enorme, quente contra a palma da mão.

Suas mãos deslizaram pelas costas dela. Sua boca estava quente e úmida contra sua clavícula, os dentes arranhando sua pele.

Então suas mãos seguraram seus quadris.

— Chega de provocação. — disse ele sem fôlego.

Cleo fechou os olhos, gemendo quando se permitiu ser puxada para baixo no grande eixo. Apesar de seu tamanho, ela estava tão pronta para ele que deslizou dentro dela facilmente. Ele guiou seus quadris até que ele estivesse completamente dentro dela, e ela gemeu novamente com a sensação. Foi incrível. Nada nunca tinha sido assim.

Ele começou a se mover nela com estocadas rasas, e cada movimento a fez tremer. Faíscas de desejo inflamavam toda vez que ele empurrava dentro dela. Ela estava gemendo, agarrando seu ombro não ferido e o sofá.

— Espere. — Steven engasgou.

Ele se virou um pouco, mudando o máximo que era possível enquanto ainda dentro dela, e ela seguiu. A mudança de pressão forçou outro gemido de necessidade de sua garganta, e ele envolveu seus braços ao redor dela, puxando-a firmemente contra ele.

Eles se acomodaram em seus lados. Não havia muito espaço no sofá, mas nessa posição, foi um pouco mais fácil para Steven se mexer.

— Assim. — ele sussurrou contra sua boca. — Não se segure. Deixe me ouvir você.

Seu primeiro impulso forçou outro gemido dela. Ela envolveu uma perna ao redor de sua cintura, sentindo-o deslizar ainda mais fundo dentro dela. O calor dentro de seu corpo subiu até que ela não conseguia respirar. O prazer era quase demais, suas paredes internas apertando em torno dele, querendo ainda mais...

Então ele empurrou a mão entre seus corpos, e seus dedos encontraram seu clitóris.

Ele circulou gentilmente, de novo e de novo, a almofada áspera de seu dedo escorregadio com sua própria umidade, e finalmente ela gritou.

Seu corpo se convulsionou. Prazer correu através dela, seu clímax tão poderoso quanto uma tempestade, e ainda ele continuou acariciando-a, implacável em suas demandas enquanto ela pulsava em torno dele.

Então seus dentes se fecharam em sua pele. Seu gemido abafado estava quase desesperado quando seus quadris se moveram para frente. Ela podia sentir a liberação dele dentro dela, uma onda de calor enquanto ele latejava dentro dela, e ele a acariciou através disso também, seu clímax estendido enquanto ela tremia e se apertava ao redor dele mais uma vez.

Quando finalmente se acalmou, ela se sentiu fraca de exaustão. Sua pele estava molhada de suor, seu cabelo estava uma bagunça. Seus joelhos estavam tão fracos que ela não conseguia se mexer. Ela tinha certeza de que ele havia deixado um chupão em sua garganta.

Ela nunca se sentiu tão feliz.

Ela se preocuparia com tudo amanhã, ela decidiu enquanto se aconchegava no abraço de Steven. Agora, ela sobreviveu a uma caverna do tesouro perigoso e um ataque de shifter onça.

Tudo o que ela queria era cochilar nos braços de Steven. O mundo poderia esperar até amanhã.

Capítulo Oito

Steven

Estamos aqui há um bom tempo. A voz do urso de Steven soou suspeitamente inocente.

E daí? Steven pensou de volta*. É verão. Eu quero aproveitar o sol aqui por um tempo.*

Eu só estou dizendo, o urso continuou. *Nós nunca ficamos em um lugar tanto tempo.*

Eu não acho que eu goste de onde isso está indo, Steven respondeu silenciosamente.

É verão. Nós encontramos nossa companheira. Deveríamos começar a fazer os preparativos para o inverno... Ela poderia usar mais madeira, apontou o urso.

Steven franziu a testa em resposta, mas depois rapidamente se concentrou em relaxar seu rosto novamente.

— Eu nunca vou terminar se você continuar se movendo! — Cleo prontamente reclamou, embora ela estivesse observando-o com uma expressão afetuosa.

Ambos estavam estendidos em seu pátio. Cleo tinha um grande caderno na mão. Ele raramente a via sem isso nos dias de hoje.

— Você deve ter cem desenhos de mim agora. Quando eu vejo um? — Ele demandou.

— Quando eu terminar, estou realmente satisfeita. — Ela sorriu e mostrou a língua para ele. — O que não vai acontecer se você continuar se movendo.

Steven suspirou teatralmente, mas depois não conseguiu segurar o sorriso que veio com muita facilidade ultimamente.

Cleo sempre o fazia sorrir. Apenas estar perto dela encheu-o de alegria e contentamento.

Como deveria ser. Ela é sua companheira, afinal, o urso resmungou para ele.

Steven o ignorou mais uma vez. Era um lindo dia de verão. Ele não tinha intenção de desperdiçá-lo com os mesmos velhos argumentos.

Um mês se passou desde que eles escaparam das cavernas. O shifter havia sido preso por seu irmão e levado para a prisão, juntando-se a outros shifters sentenciados com quem cometera uma longa lista de crimes nos últimos anos.

Cleo havia se recuperado rapidamente da provação, embora as horas nas cavernas a tivessem deixado abalada. É claro que sua avó não poderia saber que um dia, um shifter onça usaria sua cachoeira secreta como seu covil. Mesmo assim, Cleo não estava inclinada a visitar a cachoeira e a caverna por trás dela novamente, agora que a surpresa de sua avó estava ligada a todas essas lembranças ruins.

Mas tudo isso foi no passado agora. Os vales e florestas de Linden Creek estavam mais uma vez tão pacíficos quanto sempre estiveram. Steven e seu irmão Chris eram os únicos shifters restantes.

E certamente a qualquer momento agora, Steven sentiria a necessidade antiga e urgente de fugir que herdara de seu pai...

Com um chilro curioso, um esquilo desceu de uma das árvores e correu para o pátio. Deu-lhe um olhar inexpressivo quando ele olhou para ele.

Um momento depois, ele pulou para a mesa onde tomaram café da manhã juntos mais cedo. Cheirou algumas migalhas e espiou um pedaço de pão. Com um trinado, ele pegou o pão, enfiou-o na boca e correu de volta para a árvore, rápido como um raio.

Steven riu baixinho. — Você acha que eles não roubariam um urso.

— Talvez eles tenham decidido que você é inofensivo agora. — Cleo baixou o caderno de desenhos e lançou lhe um olhar crítico. — E você se moveu de novo!

— Desculpa. — disse Steven e sorriu para ela, parecendo sem remorso enquanto ele se esticava no pátio, a camisa alta.

Cleo franziu os lábios. A última vez, ela o fez tirar a roupa e esboçou por meia hora, suas bochechas vermelhas. Ela não o deixou ver os resultados disso também, mas a hora que eles passaram no quarto depois tinha mais do que compensado por isso.

— Não está terminado, obviamente. — disse Cleo e franziu a testa para o desenho dela mais uma vez. — Mas você pode olhar para este, se quiser. Eu acho que este está realmente se transformando em algo real.

— O que você quer dizer com real? — Steven estava curioso.

Ele não sabia muito sobre desenho, embora tivesse gostado bastante disso. Principalmente porque uma hora de Cleo olhando fixamente para ele, mastigando um lápis, geralmente levava a atividades mais divertidas depois.

— Venha e veja por si mesmo! — Cleo esticou e inclinou o caderno para ele em convite.

Quando Steven foi em sua direção para dar sua primeira olhada em um dos muitos desenhos dele, a imagem que ele encontrou o deixou sem fôlego.

Havia a lagoa onde eles se conheceram. Ele reconheceu imediatamente.

Ela de alguma forma conseguiu capturar a atmosfera perfeitamente. Embora fosse um simples esboço a lápis, os padrões de sombra e luz na superfície ondulante da água relembravam para ele o verde dourado e verde daquela clareira secreta na floresta.

E lá, no meio da lagoa, Steven se viu.

Ela o desenhou perfeitamente. Ela havia tirado dele. O verdadeiro ele.

Steven não podia dizer como ela tinha feito isso, mas era como se ela tivesse desenhado duas figuras de uma só vez.

Lá estava o homem, Steven, olhando para fora da foto. Ele parecia cauteloso e calmo, como se desconfiasse de qualquer intruso naquele lugar calmo no coração da floresta, mas sabia que era o governante daquele lugar. E lá, no mesmo lugar, o urso também estava em pé, com membros fortes e corpo poderoso sempre vigilante, um verdadeiro protetor da floresta.

— O que você acha? — Cleo perguntou. Sua voz era suave e incerta.

Steven teve que procurar palavras. — É... — Ele balançou a cabeça, sem palavras. — É como se você tivesse desenhado o meu verdadeiro eu. — Ele finalmente disse, ainda impressionado.

Como ela fez isso? Era como se ela tivesse olhado em sua alma e colocado isso no papel. Ali estava ele, o homem e o urso, à vontade e em casa, na floresta que os rodeava.

— Você gosta disso? — Havia alívio visível no rosto de Cleo. — É um primeiro passo, mas isso... Eu quero transformar isso em uma pintura. Ouro e verde e marrom. Luz e sombra e os segredos das árvores antigas. Eu não mostrarei para ninguém se você não quiser, mas isso...

Ela engoliu, e quando ela olhou para ele, ele podia ver a sugestão de lágrimas brilhando em seus olhos.

— Foi a primeira vez desde que deixei a cidade que senti a necessidade de desenhar novamente. Você não sabe como é. Eu pensei que tinha perdido, mas está tudo voltando. Como uma fonte que está transbordando. Há muita coisa que quero desenhar e, finalmente, parece certo. Isso parece certo.

Steven olhou para a foto mais uma vez. Era assim que Cleo o via? Ele não acreditou que era possível.

Seu urso era um solitário, ou assim ele sempre pensara, e ele definitivamente era um solitário. Dependendo de outra pessoa, confiar em outra pessoa, só poderia levar a ferir a longo prazo. Como ele poderia esquecer as brigas entre seus pais quando ele ainda era criança, a maneira como seu pai o abandonou de novo e de novo?

Mas Cleo via. O verdadeiro ele. Não apenas o homem. Ela também entendia o urso. Ela o via como ele realmente era: a pessoa que mais se sentia em casa na floresta, a quilômetros de qualquer pessoa viva, que preferia um lago de floresta a um condomínio na cidade.

Claro que ela entende. Ela é nossa companheira, seu urso apontou mais uma vez. Você é seu companheiro também. Ela é certa para nós - e isso também significa que somos certo para ela.

Steven engoliu em seco.

— É perfeito. — Ele disse a Cleo, sua voz áspera. — E eu não me importo com quem você mostra. Não se preocupe comigo - as pessoas não acreditam em shifters. Ninguém vai suspeitar de nada.

Cleo deu-lhe um sorriso travesso. — Na verdade, meu antigo professor universitário elogiaria o meu uso simbólico do animal nesta foto.

— Eu sou um símbolo agora? — Steven levantou uma sobrancelha.

Ambos começaram a rir ao mesmo tempo. Cleo colocou seu caderno de desenho no pátio e, em seguida, colocou os braços ao redor do pescoço dele quando ele a puxou para um beijo.

— Meu símbolo favorito. — Ela sussurrou contra seus lábios e riu. — Agora pare de me distrair. Eu queria fazer mais alguns esboços de você.

— Meu urso vai ficar preguiçoso e vaidoso. — Steven passou as mãos pelo cabelo dela, depois se esticou novamente com um suspiro satisfeito. — Você pode me desenhar enquanto eu lanço mais algumas tábuas?

Cleo fingiu pensar por um momento. — Você pode fazer isso sem a sua camisa?

— Certo! — Sorrindo amplamente, Steven tirou a camisa.

— Combinado. — disse Cleo imediatamente, recuando um pouco e pegando seu caderno de esboços mais uma vez.

Estava quente ao sol, mas Steven não se importava. Este era o trabalho que ele gostava, mas raramente tinha a chance de fazer.

Com a onça capturada e enviada para a prisão, ele passou seus dias ajudando Cleo a reformar sua casa quando ele não estava na floresta. Ele

lixara e lubrificava a escada, repintava as paredes, revestia uma parte do banheiro onde os ladrilhos originais tinham rachado, e agora assumira o projeto de lixar e pintar novas tábuas para expandir o antigo pátio.

A casa parecia tão boa quanto nova.

Mais do que isso, parecia confortável. O trabalho de suas próprias mãos moldara-a - e ele gostara do trabalho. Era gratificante ver algo ganhar vida. Sabendo que ele fez todo esse trabalho para garantir que Cleo estivesse quente e confortável durante o inverno, isso o tornaria duas vezes mais recompensador.

Estou construindo uma casa para minha companheira, ele pensou, e se sentiu perturbado de novo porque o velho medo não estava mais lá.

Era muito mais fácil viver com Cleo do que ele jamais imaginou quando pensava em encontrar uma companheira. E ainda assim - era possível que seu pai tivesse sentido o mesmo há muito tempo?

Tudo isso é bom demais para ser verdade. E se eu a machucar depois de tudo? E se eu acabar como meu próprio pai? Eu nunca poderia me perdoar por machucá-la.

***

Steven levantou a cabeça do pedaço de frutas que encontrara. Seu urso o levou diretamente para o deleite, e ele tinha voltado à sua forma humana por tempo suficiente para pegar outra tigela de morangos doces e vermelhos para Cleo. Depois disso, seu urso tinha se deliciado, farejando até as bagas escondidas sob um arbusto ou atrás de uma árvore caída.

O ar tinha sido doce com o cheiro de frutas e flores maduras. Havia uma brisa suave que fazia as folhas acima dele farfalharem e lhe traziam o cheiro de lugares distantes. Por um momento, seu urso pensou em correr e explorar, mas depois focou sua atenção em outro pedaço de morangos.

Ele conseguiria esticar as pernas novamente quando voltasse para casa, para Cleo. Isso era exercício suficiente para o dia.

Ele fungou no tronco da árvore caída. Havia o mais leve indício de um aroma familiar e promissor - o cheiro de mel silvestre.

Ele quebrou um pouco da madeira morta com a pata, mas foi recebido com desapontamento. Havia uma colmeia selvagem escondida na árvore caída uma vez, mas as abelhas haviam se mudado há muito tempo. Não havia mais mel, apenas a lembrança de um cheiro para provocá-lo.

Com um mau humor, ele se afastou da árvore.

De repente ele ficou tenso. Ele levantou o nariz para o vento novamente. Ele cheirou, alerta agora, todos os seus sentidos alarmados.

Outro urso!

Steven geralmente evitava outros shifters, exceto pelos trabalhos que ele fazia para sobreviver. Seus instintos o fizeram se arrepiar com o cheiro de um rival em seu território - mas o cheiro era familiar.

Outro urso, sim - mas era seu irmão.

Um momento depois, um urso grande com pêlo marrom desgrenhado saiu da floresta e parou alguns metros à sua frente.

Steven não conseguiu reprimir um grunhido de aviso quando notou como Chris chegara perto da cesta com frutas que ele reunira para Cleo.

Chris inclinou a cabeça em resposta, a língua para fora, e então fez um som rouco e divertido que teria sido riso de um humano.

Um segundo depois, Chris mudou, sorrindo amplamente.

— Olhe para você. — Ele brincou. — Eu não posso acreditar que você ainda está por perto. Continuo pensando que você deve ter desaparecido de novo, e então saio para correr e ainda sinto seu cheiro. Você está em toda esta floresta!

— Você se importa? — Steven disse rabugento depois que ele se afastou.

— Não, é legal. Você pode manter essa parte da floresta. Se você quiser, é isso. — Chris levantou uma sobrancelha. Ele ainda estava sorrindo.

Deus, seu irmão sempre foi tão irritantemente feliz? Eles não se viam muito desde que Steven tinha idade suficiente para sair de casa. E nunca houve muita felicidade em casa, para nenhum deles...

— Eu gosto desta parte. Próximo ao lago. Pensei que poderia passar o verão. — Steven ofereceu, mudando desajeitadamente.

— Então, eu vi. — Chris ainda estava sorrindo. — Pode ter algo a ver com a mulher que mora na casa perto do lago?

Steven estreitou os olhos. Como diabos seu irmão sabia...

— Oh. Ela ligou para você quando me viu nu. — Ele murmurou, envergonhado agora que tinha esquecido sobre o incidente.

— Whoah! — Chris deu a ele um olhar escandalizado. — Ela não mencionou a parte nu!

— Eu não sabia que alguém estava morando lá! — Chris disse. — E eu me desculpei!

— Bem, parece que ela te perdoou. — Chris riu baixinho. — Talvez mais do que isso, considerando que você ainda está aqui...

Steven olhou para baixo. Isso era tão próximo de fraternidade quanto na última década. Aqui, com Chris tão perto, o impulso de correr e ficar livre de repente ficou mais forte - mas também havia o puxão agora familiar em seu coração. Aquele puxão que procurava levá-lo de volta ao seu companheiro.

Com um suspiro, Steven sentou-se na grama alta, encostado no tronco de uma árvore.

— Olha. — Ele disse um pouco rudemente. — Eu conheço você e não falo. Você tinha um emprego para mim e eu vim. Isso era tudo o que deveria ser. Você tem uma boa vida - um emprego e uma companheira e, em breve, você terá uma família para cuidar. Estou feliz por você. Mas isso não sou eu.

Curiosamente, Chris inclinou a cabeça. Ele foi esperto o suficiente para não tentar se aproximar, mas se acomodou na grama também.

— Você sabe que teria sido bem-vindo para visitar. — Assinalou Chris. — A qualquer hora no passado e agora também. Minha companheira gostaria de conhecer seu cunhado...

— Não. — disse Steven asperamente.

Em sua mente, mais uma vez ouviu a batida da porta, o grito e a atmosfera gelada do minúsculo apartamento. Chris era jovem demais para realmente entender. E Chris não era como ele. Chris poderia construir uma vida feliz e uma família feliz.

Mas Steven não era como o Chris. Por mais que odiasse admitir, Steven sabia que em seu sangue corria a maldição que seu pai lhe deixara. Ele era um solitário. Ele não podia suportar companhia. Um urso como ele estava sempre vagando e procurando novos lugares.

O fato de que ele se apaixonou por Cleo não mudaria isso. Não funcionou para o pai dele, então por que deveria funcionar para Steven?

— Eu só estou oferecendo. — disse Chris lentamente. — Olha, eu sei que nós dois temos lembranças ruins. Papai não nos deixou exatamente bons exemplos de como construir uma família. Mas isso não significa que tenhamos que continuar o que ele fez. Eu não quero viver assim. Eu tenho uma companheira. Queremos ter uma casa cheia de filhotes. E adoraria ter meu irmão de volta.

Steven teve que engolir. A foto que Chris pintou com suas palavras era tentadora. Era talvez a coisa mais tentadora que ele já havia sido oferecido.

Para ter uma família. Para ter sua própria companheira. Para acordar todas as manhãs com Cleo em seus braços, para trabalhar na luz do sol quente no pátio enquanto ela desenhava com o caderno no colo...

— Eu não posso. — Steven disse asperamente. — Eu não sou esse tipo de pessoa. Eu sou apenas... não, ok?

— OK. — disse Chris lentamente. Ele parecia desapontado; o sorriso anterior foi embora.

Então, o que, Steven disse a si mesmo. Não posso evitar; É como sempre fui. Melhor isso do que magoá-los mais tarde.

— Eu ainda acho que você não deveria desistir tão rapidamente. — Chris finalmente apontou.

Steven se arrepiou. — Desistindo?

Ele nunca desistiu! E ele ainda tinha as cicatrizes para provar isso. O que seu irmão sabia, quem tinha ido para a faculdade, quem planejou uma vida feliz para si mesmo e conseguiu exatamente o que queria?

Não era como se Steven quisesse solidão. Ele não escolheu isso! Era apenas... o melhor que ele poderia ter.

Querer mais feriria a todos a longo prazo.

Seu irmão está certo, seu urso finalmente falou. Você não quer sair agora, não é? Você quer ficar. Eu quero ficar. Então, se você sair agora, não é porque eu quero correr e ser livre. É porque você quer correr. Você está fugindo.

Furioso, Steven deu um pulo. Ele ignorou o grito de seu irmão para que ele esperasse. Ele mudou, sentindo grama e folhas sob as patas. O cheiro de seu irmão era forte assim.

O cheiro de seu irmão e sua companheira.

Mesmo como urso, era difícil ignorar o desejo repentino que ameaçava dominá-lo.

Não, foi ainda mais difícil, porque agora o seu urso mostrava-lhe imagens do que era que ele sentia falta, todas as coisas que queria e sabia que não poderia ter: uma companheira para regressar a casa de uma corrida na floresta, uma deslumbrante companheira que o fez rir e que sabia usar lápis e caneta para tirar sua alma e colocá-la no papel. Um lar para encher com calor e seus pertences. Filhotes para ensinar como pescar e onde encontrar as melhores frutas e assistir rolando pela grama…

Impossível, ele pensou novamente, e então correu, ignorando com determinação a decepção de seu urso.

CAPITULO NOVE

CLEO

Os esquilos estavam visitando novamente. Desta vez, Cleo havia deixado de fora algumas nozes para eles. Com um chilro ansioso, os dois animais pularam na mesa, e Cleo encostou-se à parede, com lápis e caderno na mão, e começou a desenhar.

Estava morno; ela estava vestindo uma camisa e uma saia hoje, e passou a manhã perseguindo Steven através da parte rasa do lago. Eles levantaram cedo e pintaram as janelas, e então decidiram que isso teria que ser trabalho suficiente em um dia tão lindo.

O trabalho na casa tinha progredido muito mais rapidamente do que Cleo esperava. Ela podia se dar ao luxo de ser preguiçosa de vez em quando. Com a ajuda de Steven, toda a limpeza e polimento que ela esperava realizar já estava pronta. E não só isso.

Steven sugerira várias melhorias para a casa e as levara para fora: ele lixara e polira a velha escadaria, que havia sido escondida sob o velho carpete cinza desde que Cleo conhecia a casa. Agora, sob as mãos habilidosas de Steven, a madeira velha brilhava em um belo e quente marrom com um padrão dourado.

Steven também começou a trabalhar no pátio, o plano era expandi-lo para o dobro do tamanho atual. Isso não estava na lista de melhorias de Cleo, mas como tudo que Steven precisava para sua tarefa era mais tábuas de madeira e ferramentas que eles haviam alugado de um amigo de Sidney, Cleo não dissera nada à sugestão. Qualquer melhoria tornaria a casa mais fácil de alugar no longo prazo.

E, claro, havia outro motivo. Havia o fato de que qualquer projeto adicional que Steven encontrasse em volta da casa significava que ele ficaria por mais tempo.

Cleo soltou um suspiro, esboçando com movimentos rápidos a luta atual por sobre uma noz, rabos de esquilo ocupados tremendo de raiva.

Com o shifter onça na prisão, tudo havia voltado à paz que ela esperava. Os dias eram longos e cheios de sol e companhia de Steven. Durante o dia, Steven costumava fazer corridas na floresta para que seu urso pudesse esticar as pernas, e Cleo pegava suas canetas e pincéis e se sentava para desenhar e pintar.

Ela poderia desenhar novamente agora. Ela queimou o velho esboço de Walter, e desde então ela não perdeu mais uma hora pensando nele.

Em vez disso, a cabeça dela estava cheia agora com folhas verdes e lagos escuros e misteriosos olhos castanhos. Ela pintou o lago; ela pintou árvores e clareiras sombrias; ela pintou a luz do sol em musgo e luar em galhos tremendo.

Ela até pintou um urso tomando banho em sua lagoa, e esquilos roubando suas nozes. A inspiração havia retornado com força total, e Cleo sabia que deveria estar feliz pelo que tinha. Ela não deveria questionar isso.

Ainda. O verão não duraria para sempre. Mais um mês ou dois, e as folhas ficariam vermelhas e amarelas. E depois disso...

Onde um urso vai no inverno?

Ela não achava que Steven iria e hibernaria em uma caverna. Ainda assim, eles não tinham conversado sobre o que aconteceria quando o inverno chegasse. Na verdade, Steven sempre ficava desconfiado quando o assunto aparecia.

Ele me chama de sua companheira..., Mas isso significa que ele vai ficar para sempre? E se for, por que ele não diz isso?

Cleo suspirou. Um dos esquilos tagarelou furiosamente quando o outro enfiou as nozes restantes na boca.

Ele não confia em si mesmo. Mas confio nele. Eu confio nele o suficiente para querer que ele fique... para sempre.

Ela inclinou a cabeça contra a parede e olhou para o céu. Nuvens brancas fofas navegavam lentamente pelo céu. Amanhã também estaria quente.

Eu gostaria que ele falasse comigo sobre o que é que ele tem tanto medo. Eu o conheço. Eu o conheço melhor do que qualquer outra pessoa que já conheci. Nós estávamos presos no subsolo. Nós sobrevivemos juntos. Como não posso confiar nele depois disso?

Cleo largou o caderno de desenho quando os esquilos finalmente correram de volta para as árvores.

Por que os homens eram tão complicados? Talvez ela precisasse sair de casa por um tempo. Ela poderia ligar para Sidney e marcar a noite de uma garota - apenas algumas horas de bebida e um filme cafona. Talvez Sidney tivesse algum conselho sobre como lidar com um metamorfo de um urso meio selvagem com medo de compromisso.

Okay, certo.

Cleo riu enquanto tentava imaginar a reação de Sidney à revelação de que Cleo havia se encontrado um homem na floresta que poderia se transformar em um urso.

Ainda assim, a ideia não era ruim. Talvez o caminho de volta para a cidade fosse clarear sua mente, e ter Sidney para comiserar certamente a animaria.

Ela se levantou e se espreguiçou. Então ela franziu a testa quando ela pegou um som inesperado. Era o som de pneus no cascalho que levava à sua casa da estrada - e ela não esperava nenhum visitante!

Sidney estava passando por uma visita?

Mas o carro que ela viu quando ela andava pela casa não era a velha van da biblioteca de Sidney. Era um SUV prateado reluzente com janelas escuras.

Cleo sentiu apreensão em cima dela.

Lentamente, ela se aproximou. Talvez fosse apenas um turista rico que se perdera. O Google Maps não era tão confiável aqui, e todo ano havia um punhado de pessoas presas em algum lugar graças ao seu GPS.

A porta se abriu e um homem de quarenta e poucos anos saiu do carro. Ele estava vestindo um terno escuro e óculos de sol, e Cleo continuou franzindo a testa. Ele não parecia um turista. O que diabos estava acontecendo?

— Posso ajudar? — ela perguntou, tentando memorizar os números em sua placa, apenas no caso.

O homem tirou os óculos escuros. — Timothy Higgins. — disse ele.

Cleo sentiu sua ansiedade se transformar em aborrecimento. — O filho de Jeremiah Higgins?

Já era ruim o suficiente que o homem tivesse comprado praticamente o que restava do lago. Cleo era muito jovem para receber os detalhes, mas havia sangue ruim entre ele e o avô também, pelo que ouvira.

Só agora seu avô estava morto, e Jeremiah Higgins ainda estava forte, comprando mais e mais terras até que Cleo fosse a única que havia se recusado a vender.

— O homem mesmo! — Higgins sorriu. — Ouvi que você voltou a trabalhar na casa, Senhorita Waters. Eu pensei em ir com uma pequena oferta. Não há necessidade de dizer nada agora. Apenas tome seu tempo e leia tudo isso.

Ele estendeu uma pasta marrom de papel pardo.

Cleo cruzou os braços. — Eu não tenho intenção de vender este lugar. Minha família é dona dessa terra desde antes de eu nascer. Meu avô construiu esta casa...

— Ah, e seria uma pena se algo acontecesse com isso. — O sorriso no rosto de Higgins desapareceu. Ele colocou seus óculos de volta. — É um verão quente. Houve incêndios mais ao sul. Uma coisa terrível.

A boca de Cleo ficou seca. — Isso é uma ameaça? — ela perguntou, mal conseguindo acreditar no que ouvira.

— Uma ameaça? Não. Apenas um aviso. Uma ajuda para o meu vizinho. — Higgins sorriu brevemente, com o rosto ainda frio. Ele estendeu a pasta novamente.

Quando Cleo não reagiu, ele caiu no chão.

— Dê uma olhada. Você encontrará os termos do meu pai são bastante generosos. Você não vai conseguir um preço melhor. E você não gostaria de viver aqui sozinha de qualquer maneira. Isso é tão perigoso para uma mulher solteira...

Cleo apertou os dentes para não responder. Ela teve que lidar com muitos idiotas em sua vida. O que mais importava?

Ela teria a risada final quando queimaria aquele envelope mais tarde hoje.

— Estou curtindo a vida aqui. Tenha um bom dia. — Ela respondeu friamente.

Por um momento, Higgins não se moveu. Ele parecia tenso, e a mão de Cleo sentiu o telefone no bolso. Mesmo se ela chamasse a polícia, levaria algum tempo para chegar aqui...

Então houve um rugido alto e repentino, e Cleo teve a satisfação de ver Higgins gritar.

Um urso veio trovejando pela vegetação rasteira. Folhas e galhos se espalharam enquanto ele tropeçava, uma enorme fera de pele e fúria, os dentes arreganhados enquanto se dirigia diretamente para Higgins SUV.

Steven!

Depois de um primeiro segundo de medo, o alívio inundou Cleo. Ela o reconheceria em qualquer lugar.

Isso era Steven; ela podia ver as cicatrizes, os cortes que mostravam em sua pele e que listravam seu peito e suas costas em sua forma humana.

Ela também podia sentir isso. Onde um predador tão grande deveria causar pânico nela, uma calma agora se espalhava dentro dela. Seu coração estava cheio de certeza calorosa. Era quase como se ela pudesse sentir dois batimentos cardíacos dentro do peito: o coração forte e protetor de Steven batendo ao lado do dela enquanto eles estavam próximos um do outro, prontos para defender sua casa.

— Na verdade, você está certo, Sr. Higgins. — Ela disse em voz alta, calma, apesar do urso empinando ao lado dela. — É perigoso aqui na floresta. Você deveria ir embora. E não volte.

As mãos de Higgins tremiam enquanto ele tentava desesperadamente abrir a porta do carro. Ela podia ver o suor escorrer pelo rosto, a pele pálida de terror.

Assim que ele entrou, o motor do carro guinchou e o carro saiu de sua garagem com cascalho voando por toda parte. Atrás do para-brisa, o rosto de Higgins ainda era uma máscara de terror.

Cleo sorriu, cheio de alegria.

— Isso foi divertido. — disse ela, uma vez que o carro foi embora. — Você acredita que aquele imbecil se atreveu a me ameaçar?

Quando ela se virou, Steven ficou ao lado dela, nu e ainda tenso de fúria.

— Eu ouvi parte disso. — Ele disse, a voz ainda áspera. — Você o conhece?

Cleo assentiu. — O pai dele comprou todas as terras ao redor do lago. Nossa casa é a última. Havia sangue ruim entre meu avô e Higgins também, há anos. Eu não sei exatamente o que aconteceu. Eu era muito jovem então. Mas minha avó sempre o chamou de ladrão e patife.

Steven se abaixou e pegou a pasta que Higgins havia deixado para trás. Lentamente, ele folheou os papéis dentro.

— Ele está oferecendo um pouco de dinheiro para a casa. — disse ele. — Embora eu não tenha ideia do que propriedade aqui vale...

Cleo bufou. — Ele já tentou isso antes. Quando cheguei, havia uma carta na minha varanda. Mas eu não estou vendendo. Meus avós o odiavam. E ele comprou todas as outras casas no lago. Quando eu era criança, havia famílias vindo aqui para suas férias de verão. Agora ele quer transformar tudo isso em algum retiro de luxo. O lago inteiro à sua disposição. Sidney disse que conhece alguém em um comitê que ouviu

planos de que ele também está tentando construir ilhas feitas pelo homem no lago. Você sabe o que isso faria com os animais no lago? Minha família viveu aqui a vida toda. Eu não vou deixá-lo me expulsar para que, ao invés disso, uma pequena estrela possa voar por um fim de semana.

Steven balançou a cabeça lentamente, depois fechou a pasta. — Ele não pode fazer você vender. Mas parece que ele está pelo menos tentando o máximo que pode. Eu me pergunto o que aconteceu naquela época para fazer seus avós odeiam Higgins. Ele também os ameaçou?

Cleo olhou para a floresta ao seu redor. Fazia muito tempo, mas ela ainda se lembrava de seu avô com tanta clareza: suas enormes mãos segurando a vara de pescar, seu sorriso gentil, a paciência com a qual ele lhes mostrava todos os segredos da floresta: um ninho de Robin, um círculo perfeito de cogumelos, uma clareira com mirtilos maduros.

— Eu acho que houve uma batalha legal, há muito tempo. — disse ela. — Eu gostaria de poder lembrar; eu era muito jovem e, mais tarde, o assunto deixava meus avós tão chateados que nunca falavam sobre isso. Mas acho que meu avô acreditava que metade do lago era dele. Era um direito que remete muito para os seus avós, talvez. De qualquer forma, provavelmente não havia provas. Eu acho que houve uma audiência no tribunal. Mas esse foi o ano dos incêndios. Muitos documentos foram perdidos quando a prefeitura incendiou. E no ano seguinte, meu avô morreu.

Cleo fechou os olhos e respirou fundo. Houve a sensação de picadas súbitas. As lembranças trouxeram de volta a antiga dor. Ela desejou que seus avós pudessem ter visto sua faculdade, pelo menos.

Ela desejou que seu avô ainda estivesse vivo para pescar com ela. Ou para ajudá-la a descobrir o segredo do súbito interesse de Higgins.

— Eu me pergunto... — ela murmurou lentamente. — Não é o único segredo que eles deixaram para trás. Há o mapa e a caverna também. Eu

gostaria que eles tivessem deixado uma carta em seu lugar. Eu não acho que posso descobrir isso sozinha.

— Ei. — Steven a puxou para perto. — Você não está sozinha.

Cleo se virou nos braços de Steven. — Obrigada por assustá-lo. Eu não acho que ele teria tentado nada, mas você o ouviu. Eu não estava apenas imaginando - isso era uma ameaça real, não era?

— Sim. — Steven assentiu devagar, parecendo perturbado. — Sim, isso foi uma ameaça real. Para meu urso, ele cheirava a agressão e luta. Vou ficar perto da casa no futuro, caso ele tente fazer o bem com essa ameaça. Mas a longo prazo...

— Eu preciso descobrir o que seu pai realmente quer. — Cleo murmurou contra seu ombro. — Vou ligar para Sidney. Ela conhece todas as fofocas. Talvez a biblioteca tenha papéis antigos...

— E eu vou dar outra volta pela casa. Apenas para ter certeza. — A voz de Steven estava escura, uma sugestão de um rosnado em seu peito.

Apesar do medo, Cleo estremeceu um pouco, seus joelhos fracos com o som sexy. Um mês disso, e ele ainda a deixou louca.

Ela engoliu em seco e arrastou a mão pelo peito nu, os músculos flexionando sob o toque.

— Eu estarei esperando lá dentro quando você terminar. — Ela ronronou suavemente.

Os olhos de Steven ficaram escuros de desejo. Desta vez, o rosnado em sua voz foi mais pronunciado. — Vou me apressar.

***

Quando Cleo ouviu o som dos pneus no cascalho mais uma vez no dia seguinte, o pânico se elevou nela. Higgins retornou para mais ameaças?

Steven não encontrou nada durante a busca pela floresta ao redor da casa. Hoje, ele partiu para outra de suas corridas diárias pela floresta, mantendo os olhos abertos para qualquer intruso indesejado, e Cleo não o esperava de volta por mais uma ou duas horas.

Agarrando seu telefone firmemente em sua mão, ela abriu a porta para ver quem veio perturbar a solidão deles.

Ela deu um suspiro de alívio quando, em vez do SUV prateado, era um pequeno Honda. O carro brilhava à luz do sol, um azul brilhante decorado com um logotipo amarelo e rosa, e quando o carro parou, Cleo conseguiu decifrar as palavras.

Linden Creek Bakery, ela leu, sua preocupação desapareceu quando se lembrou de que a amiga de sua prima Sidney era proprietária da padaria.

E não apenas isso - Sidney a mantinha atualizada sobre as mais recentes fofocas da pequena cidade. A nova dona da padaria também era a noiva do irmão de Steven, Chris.

Sua companheira. Como ele é um shifter também, ela tem que ser sua companheira...

Ainda era difícil envolver a cabeça no mundo secreto dos shifters, mas pelo menos essa foi uma interrupção bem-vinda das preocupações com a ameaça de Higgins.

— Oi, você deve ser Cleo! Eu sou Eve. — A mulher disse uma vez que ela deixou o carro.

Ela usava o longo cabelo loiro em um coque, do qual os fios escapavam e caíam em seus olhos. Seu sorriso era contagiante, e Cleo notou o anel de noivado em sua mão.

— Chris me disse que seu irmão está ficando com você? Desculpe pela visita não anunciada. — Eve disse quando chegou a apertar a mão de Cleo. — Eu estava na área para falar sobre os bolos para mais uma recepção de casamento. Estamos sempre tão ocupados no verão!

— Ele está fora agora - caminhando na floresta. — disse Cleo em desculpas, preocupando-se por um momento se ela poderia revelar que o urso de Steven precisava correr.

Eve sabia sobre shifters? Se ela fosse a companheira de Chris, com certeza ela saberia...

Eve riu suavemente. — Não podemos manter um urso preso dentro quando o sol está brilhando, eu sei!

O sorriso de Cleo se alargou. Bem, isso responde a essa pergunta!

— Pode levar mais uma ou duas horas até ele voltar. — Cleo deu a Eve um olhar curioso.

Foi bom saber que havia alguém que ela não precisava manter em segredo. E talvez alguém que soubesse mais sobre shifters do que ela...

— Você quer entrar? — Cleo perguntou.

A Eve agitou sua cabeça com um suspiro. — Eu adoraria, mas preciso voltar para a padaria. Eu só pensei em fazer uma rápida conversa e deixar um bolo para você. Espere um momento!

Antes que Cleo pudesse responder, Eve correu de volta para seu carro. Um momento depois, ela voltou triunfante com uma grande torta nas mãos.

— Minha última criação. Eu chamo de torta de urso. Há mel, por isso certifique-se de que ele não se esqueça de compartilhar com você.

Cleo riu suavemente, sentindo-se um pouco sobrecarregada quando a torta foi empurrada sem cerimônia em suas mãos. — Eu que agradeço! Isso é muito gentil, mas...

— Não, mas. — Eve disse resolutamente, ainda sorrindo largamente. — Estou triste por perder esse irmão misterioso, mas talvez outra vez? Vocês dois terão que ir ao casamento. Chris não achou que nenhum de seus irmãos aparecesse, mas parece que Steven não vai partir tão cedo. Ele vai?

As palavras estavam provocando, mas havia calor nos olhos de Eve. Cleo sentiu-se corar.

— Espere, por que ele é o misterioso irmão? — Cleo franziu a testa enquanto tentava entender. Steven nunca pareceu particularmente misterioso para ela.

Além de toda a coisa de lobos - mas Eve já sabe disso!

— Chris disse que ele viu Steven apenas duas vezes nos últimos dez anos ou mais. — Eve começou a explicar. — Meu pai está vindo para o casamento, e eu estava curiosa sobre sua família, você sabe. Mas Chris disse que não há chance de que alguém apareça. Os ursos são solitários. Eu tentei entrar em contato com seu outro irmão, Logan, no Facebook, mas até agora sem sorte. Eu realmente queria surpreender Chris com a família dele no casamento, mas não parece dar certo.

— Mas Steven veio caçar aquela onça. — disse Cleo devagar. — Espere - isso significa que ele viveu aqui no lago comigo todo esse tempo e nunca veio visitar você ou Chris?

Eve assentiu ansiosamente. — É por isso que eu o chamo de misterioso! Eu não o conheci ainda! — Ela inclinou a cabeça um pouco, sua voz mais suave quando ela continuou. — Chris disse que Steven encontrou sua companheira. São vocês dois então? Foi um choque para mim no começo. Eu não sabia nada sobre shifters; Chris mudou bem diante dos meus olhos quando as onças nos atacaram! De qualquer forma, vim dizer oi, e se você tiver alguma dúvida... Não sou especialista em shifters, mas provavelmente o melhor que Linden Creek tem a oferecer.

Cleo sentiu o calor bem nela. Ela tinha perdido esta parte de viver aqui na floresta: a simpatia das pessoas. A vontade de ajudar a família, sempre, sem perguntas.

E Eve seria a família, se Cleo fosse realmente a companheira de Steven. Se Steven ficaria por perto...

Cleo respirou fundo. — Eu aprecio isso mais do que você pode imaginar. — Ela disse suavemente. — E provavelmente vou precisar de conselhos. Se Steven decidir ficar.

Eve franziu a testa um pouco, o rosto pensativo. — Ele não disse a você que ele vai ficar? Hmm. Ele te disse que você é sua companheira?

Cleo assentiu. — Ele fez. Eu ainda não sei exatamente o que isso significa, mas...

— Então ele vai ficar. — Eve deu a ela um olhar encorajador. — Quando um urso encontra sua companheira, é para sempre. Como almas gêmeas. Quando você o conheceu, ele se sentiu especial para você?

Cleo engoliu em seco, lembrando-se da luz do sol tocando o poderoso corpo de Steven enquanto ele lavava na lagoa, a maneira como algo sobre a visão fez seu coração cantar e encheu sua alma com imagens que ela doeu para colocar no papel.

— Ele é... sim. Especial. Como se ele trouxesse todas as melhores partes de mim para a vida. Mesmo aqueles que eu pensei que estavam escondidos ou perdidos.

— Foi o mesmo para mim. — Eve admitiu suavemente. — É uma longa história, mas tem havido muito medo e solidão em minha vida. E então eu conheci Chris, e pela primeira vez, eu sabia que queria viver sem esse medo. Eu queria confiar nele. Não, eu sabia que podia confiar nele, que ele veria o meu verdadeiro eu.

Mais uma vez, Cleo pensou nos desenhos que desenhara. Do desenho antigo de Walter, ela queimou. De como ela descansou nos braços de Steven na escuridão, no subsolo, perdida em uma caverna, e ainda assim ela não teve medo.

— Sim. — Cleo murmurou lentamente. — Você está certa. Eu nunca soube que tal coisa existia, mas posso sentir que ele é meu companheiro. Que ele é certo para mim.

Eve deu a ela um sorriso tranquilizador. — E a mesma coisa é verdade para ele. Ele não parece um cara mau. Ele saberá que você é certa para ele. Que ele pode confiar em você com qualquer coisa.

— Ele é o melhor homem que eu já conheci. — Admitiu Cleo.

Steven a salvou - mas o mais importante, naquela caverna, ele manteve o medo à distância. Certamente esse foi o teste final? Um homem que viveria tal coisa com ela e só pensasse em sua própria segurança e conforto era definitivamente um guardião.

Um sorriso relutante apareceu no rosto de Cleo. — Eu nem me importo que ele seja um shifter de urso. Nós temos o lago e a floresta. Ele pode se transformar em um urso e ir correr enquanto eu vou e desenho.

Cleo riu um pouco. Ainda parecia estranho dizer essas coisas - mas ela o viu mudar com seus próprios olhos várias vezes até agora! — Ele é um bom homem. Eu não acho que ele poderia me machucar. Mas eu acho... Acho que ele está com medo que ele vai me machucar se ele fica. O que não faz sentido.

Realmente não fazia sentido, agora que ela pensava nisso um pouco mais claramente.

Walter a machucou quando ele saiu. E o pensamento de Steven deixando-a também era aterrorizante. Ninguém nunca se sentiu tão bem.

Cleo queria que ele ficasse. Ela queria morar nesta casa à beira do lago com Steven, criar pequenos filhotes de urso, nadar no lago com ele e tirar retratos dele até o fim de sua vida.

— Pelo que Chris me disse, o pai deles não era um bom pai. — Eve disse lentamente. — E você sabe, Chris disse que seu pai era um solitário como todos os ursos..., mas Chris não é como o pai dele. Chris arriscou sua própria vida pela minha. E ele vai fazer um pai incrível. Então eu acho que os dois estão errados. Não é o urso que os fez solitários, e não é o urso que fez o pai deles tão idiota. Ele teria sido um idiota sem o urso também.

— Eu certamente conheço pessoas terríveis o suficiente que não são shifters. — Cleo admitiu com um suspiro.

Por um lado, havia Walter, que definitivamente não era um metamorfo, e que a deixara à primeira vista de pastos mais verdes.

— Mas você está certa. — Continuou Cleo, sentindo-se mais esperançosa agora. — Obrigada, Eve. Steven mencionou seu pai antes. Eu acho que você está certa. Ele não confia em si mesmo. O que é estúpido, porque confio nele. Mais do que qualquer outra pessoa.

Eles sorriram um para o outro.

— Chame-me qualquer hora que você quiser comiserar sobre viver com um shifter. — Eve então disse. — Ou venha visitar! Você precisa experimentar nossos cupcakes. E, claro, espero que você e Steven no casamento.

Ela piscou e Cleo riu suavemente. Ela imaginou: um casamento lá fora, sob o sol de verão, o céu azul brilhante e o jardim cheio de flores e pessoas felizes e sorridentes...

— Eu adoraria ir. — Cleo disse suavemente. — E Steven... Tenho certeza que Steven vai perceber que ele pode confiar em si mesmo, porque eu já faço.

Depois que ela assistiu Eve lentamente sair de sua garagem novamente, acenando para ela alegremente por trás do volante, ela olhou para a torta que ela ainda estava segurando em suas mãos. Cheirava delicioso: havia o aroma de mel e caramelo e chocolate.

Mas o mais importante, hoje, trouxe uma nova amizade. E talvez o primeiro passo para uma nova vida aqui em Linden Creek.

Sua antiga vida na cidade havia caído e queimado. Por muito tempo, ela pensou que era onde deveria estar. Mas agora que ela voltou para o lago, ela se sentiu mais feliz do que estava há muito tempo. Parecia que ela tinha voltado para casa.

Ela queria que estivesse em casa, por agora e todos os verões por vir.

CAPITULO DEZ

STEVEN

Steven olhou para o mapa espalhado na mesa da cozinha diante dele. Eles resgataram do bolso da calça jeans de Cleo quando eles chegaram em casa. Sobreviveu à água, mas apenas mal.

Ainda assim, Steven se lembrava do jeito que eles tinham ido para a caverna, mesmo que muitos dos marcadores de paisagem que a avó de Cleo havia colocado estivessem agora desbotados.

Com uma carranca, Steven copiou esses desenhos em um mapa real da área que ele colocou à sua direita.

Tem o lago. Há o desfiladeiro que cruzamos. Em algum lugar aqui é aquele riacho nós seguimos até que nós chegamos à cachoeira pequena - e aqui, esta colina é onde nós deixamos a caverna finalmente.

O mapa tinha sido real. Não os levara a um tesouro, mas levara-os a uma caverna secreta - e ao shifter onça que se tornara feroz e que agora estava em segurança trancado.

Mas por que a avó de Cleo a levaria para uma caverna? Isso não fazia sentido. A menos que haja algo que tenhamos perdido...

Mais uma vez, Steven olhou para o mapa antigo. Havia alguns símbolos agrupados ao redor do X. O X não tinha marcado nenhum tesouro que eles haviam encontrado. Talvez simplesmente representasse as cavernas. Mas então, o que os outros símbolos significavam?

Era ainda mais difícil fazê-las agora, depois dos danos que a água causara. Um símbolo poderia marcar outro lago, Steven supôs. Era um

círculo com o que pareciam ondas desenhadas dentro dele. E havia o rio subterrâneo e as cachoeiras. Outro lago na área faria sentido.

Perto havia um desenho que parecia um sol para ele - ou talvez uma flor.

Eu não tenho ideia do que isso poderia representar.

E então havia a pequena imagem que tinha que ser uma cama.

Uma cama dentro de uma caverna. Tem que estar dentro da caverna. É muito perto de onde finalmente encontramos a saída. E havia outros túneis e uma porta. Alguém morou lá embaixo?

Steven suspirou profundamente e pegou o telefone.

Ele tinha que voltar para a caverna. Não havia outra maneira que ele pudesse ver para ter suas perguntas respondidas. Cleo ficou muito abalada com as experiências nas cavernas e, por isso, não voltaram. E no começo, Steven também não tinha visto uma razão para isso.

A onça havia sido encontrada e eles pensaram que tinham resolvido o segredo do mapa. Mas a avó de Cleo realmente só queria levá-la a uma cachoeira bonita e secreta?

Tinha que haver mais nessas cavernas. Ele estava convencido disso agora, quanto mais ele pensava sobre isso. Havia muitas perguntas sem resposta.

Sidney não conseguira descobrir mais sobre os planos de Higgins, ou o que poderia ter acontecido no passado. Embora ela tenha confirmado que muitos anos atrás, muitos dos documentos antigos tinham sido perdidos em um incêndio.

E que estranha coincidência, Steven pensou sombriamente quando se lembrou da ameaça de Higgins contra Cleo.

Ele discou o número e esperou até um momento depois, ele ouviu a voz de seu irmão.

— Sou eu, Steven. — Ele disse rispidamente. Ele ainda se sentia um pouco fora de sua profundidade, conversando com Chris depois de tantos anos de estranhamento. — Vou voltar a explorar as cavernas. Eu só queria que você soubesse, caso algo aconteça.

— Por si só? — A voz de Chris perguntou.

— Sim, eu não vou arrastar Cleo de volta para aquele lugar... — Steven parou quando ele levantou a cabeça.

Na porta estava Cleo, observando-o com as mãos nos quadris, expressão severa, embora houvesse uma mancha de tinta em sua bochecha.

— Oh não, você não vai. — disse ela e levantou o queixo em desafio.

Em seu ouvido, Chris estava rindo baixinho.

Steven respirou fundo. — Eu acho que as cavernas podem nos ajudar a descobrir o que Higgins está escondendo.

— É por isso que estou indo com você. — Afirmou Cleo, com os olhos brilhando de determinação. — Vovó deixou esse mapa para mim. E se você voltar para aquele lugar terrível, eu voltarei.

— Parece que nós dois estamos indo. — Steven suspirou no telefone.

Chris riu novamente. — Eu gosto da sua companheira. Tome cuidado. — Ele disse. — Pegue uma lanterna e seus telefones e me ligue assim que você voltar. Se eu não souber de você nas próximas três horas, eu mesmo vou procurar você.

— Obrigado, Chris. — Steven disse hesitante. — Nós vamos ter cuidado. Com a onça desaparecida, devemos ficar bem. Mas eu realmente aprecio isso.

Steven ainda não estava acostumado a depender da família. Descobrir que agora ele tinha pessoas preocupadas com ele - pessoas que queriam acompanhá-lo ao perigo! - era preocupante e estranhamente bom.

Cleo ainda estava dando a ele um olhar de arco quando ele terminou a ligação.

— Eu não teria saído sem te dizer. — disse Steven em desculpas. — Mesmo. Mas eu estava olhando para o mapa novamente, e nunca descobrimos o que aqueles outros símbolos significavam. E com Higgins na foto agora, devemos ver se podemos pelo menos levantar alguns desses segredos.

— Deveríamos. Juntos! — Cleo deu-lhe um olhar aguçado. — Estou pegando as lanternas. E baterias de reposição. E água. E alguma corda! Eu não vou deixar essa caverna me derrotar novamente.

Steven não conseguiu segurar um sorriso enquanto observava sua companheira entrar em ação. — Não vamos a lugar nenhum onde é perigoso. — disse ele. — Não mais caindo em túneis. Se parece que há algum perigo, vamos sair e esperar por Chris. Combinado?

Cleo chegou perto o suficiente para que ele pudesse envolver seus braços ao redor de seus quadris e puxá-la para perto.

— Concordo. — Ela disse e beijou-o gentilmente. — Embora eu me sinta segura o suficiente com um guarda de urso próprio.

***

Desta vez, foi muito menos assustador entrar no sistema de cavernas. Eles já sabiam o que esperar. E o mais importante, o shifter havia sido preso e enviado para a cadeia.

Ainda assim, Cleo segurou com firmeza a mão de Steven enquanto voltavam pela ravina estreita novamente.

Eles escolheram entrar no caminho que tinham deixado. Eles viram sinais de que alguém viveu ou trabalhou na caverna, afinal. Quem quer que tenha se preocupado em construir uma porta dentro da caverna poderia ter deixado respostas sobre o grande segredo da caverna.

E tinha que haver um segredo, Steven tinha certeza disso. Por um lado, a avó de Cleo queria que seu neto encontrasse algo na caverna. Talvez até algo que ela não ousasse deixar em casa ou em seu testamento, considerando o quão abertamente ameaçador Higgins se tornara.

Além disso, Steven também podia sentir uma atração irresistível em direção à caverna. Era um anseio que ele conhecia bem: a ânsia do seu urso por aventura. Este era o mesmo puxão que ele sentiu centenas de vezes antes, quando ele passou muito tempo em um lugar.

Seu urso sempre estivera ansioso por novas florestas e novas montanhas para explorar. Mas esta foi a primeira vez que ele sentiu aquela necessidade instintiva de retornar a um lugar onde ele já estava.

Era um pouco inquietante, porque nunca havia acontecido antes, mas era mais um motivo para acreditar que havia algo na caverna que eles haviam ignorado em sua fuga.

Eles seguraram um ao outro enquanto lentamente, cuidadosamente, avançavam ao longo da borda que os levava para a cachoeira e depois para trás. Eles não conseguiam ver para onde a água ia; as pedras se

projetavam de tal maneira que tudo o que podiam ver era a água rugindo por elas. Tinha que haver uma lagoa em algum lugar abaixo - talvez até a lagoa que a avó de Cleo havia marcado no mapa. Uma lagoa onde a cachoeira encontrava o chão.

Vamos tentar encontrar o caminho para isso mais tarde, Steven decidiu quando ajudou Cleo a entrar na caverna.

Ela ligou a lanterna e entregou outra luz para Steven.

— Eu me sinto muito melhor sobre este lugar agora que a onça se foi. — disse ela, quando começou a olhar em volta.

Sua lanterna iluminou a parte de trás da caverna. Apesar da cortina de água caindo, a grande caverna estava seca. Em um canto da caverna, havia os restos quebrados do que uma vez fora uma caixa.

Steven cutucou as tábuas quebradas curiosamente com as botas, mas o que quer que tenha sido guardado lá havia desaparecido.

— Eu não acho que isso pertencia a onça. — disse ele pensativo. — Alguém usou essa caverna há muitos anos.

— Vamos voltar para onde vimos os outros túneis. — Cleo pegou a mão dele, seus olhos determinados. — Estou farto de segredos. Eu quero saber o que está acontecendo aqui.

Eles se voltaram para o túnel nos fundos da caverna. Quando eles entraram na abertura escura, a urgência do urso de Steven de repente cresceu.

Mas não era medo, ou o alarme que ele sentiu antes do shifter onça ter atacado.

— O que você está tentando me dizer? — Steven murmurou.

Venha, o urso disse, venha!

Ele estava animado, mas Steven não conseguia entender. Era uma excitação que ele nunca sentiu antes. Ele conhecia a excitação de explorar uma nova floresta - até a excitação de explorar uma nova caverna.

Mas não era isso. Havia uma felicidade que ele nunca sentiu antes. Um contentamento. Seu urso não estava procurando por uma aventura. Seu urso estava dizendo...

Casa, a excitação de seu urso sussurrava através de seus pensamentos, enchendo todos os seus sentidos com pensamentos de uma caverna quente no inverno, um lago cheio de peixes, palha fofa para descansar, filhotes enrolados contra ele com o pelo fofo e quente.

Eu não entendo, Steven pensou de novo em alarme.

Casa, seu urso disse mais insistentemente, em casa!

Então o urso ficou em silêncio, embora sua felicidade ainda enchesse Steven com um calor estranho, as lembranças das noites enroladas com Cleo correndo em suas veias.

— Meu urso quer que a gente explore lá embaixo. — Ele disse ao olhar interrogativo de Cleo. Ele encolheu os ombros; ele não tinha mais explicações.

Mas o que quer que tenha sido seu urso tão excitado, parecia uma coisa boa.

— Vamos pegar este túnel primeiro. — Cleo apontou sua luz para a abertura que estava escura diante deles.

Eles passaram por ele a caminho de escapar da caverna o mais rápido possível. Agora que eles tinham luz e tempo suficientes para explorar, de fato parecia promissor.

O chão estava liso. O túnel levava para baixo, e quem quer que tivesse usado isso no passado havia esculpido degraus na pedra onde a inclinação se tornava mais íngreme.

Depois de um tempo, o túnel se endireitou novamente. Eles poderiam facilmente andar um ao lado do outro aqui. Seus passos ecoaram misteriosamente, mas ainda assim Steven não pôde deixar de se sentir à vontade.

Era um sentimento estranho. Não fazia sentido. E ainda assim, ele se sentia em casa.

Ele nunca sentiu nada assim antes. Ele conheceu o alívio de encontrar abrigo temporário da chuva, ou a felicidade de uma floresta cheia de bagas. Ele ficaria por uma semana ou duas e devorava mirtilos, e então a vontade de vaguear voltaria, e ele partiria.

Mas esse sentimento era diferente. Não havia inquietação nele. Em vez disso, o que ele sentia era um tipo estranho de expectativa.

Você vai fazer algum sentido novamente? Ele calmamente perguntou ao seu urso.

O eco de seus pés parecia crescer em intensidade. Eles estavam indo para outro quarto?

Espere, o urso sussurrou. Espere e veja.

Não parecia assustador, mas mesmo assim ele passou o braço em volta do ombro de Cleo quando estava diante deles, o túnel começou a se alargar em outra caverna.

— Olhe para isso! — Cleo respirou, explorando o espaço com sua lanterna. — Parece que...

— Como uma caverna de urso. — Steven terminou para ela, maravilhado quando finalmente, a felicidade nele começou a fazer sentido.

Em casa, o urso nele rosnou alegremente.

Steven parou, sua boca abrindo em choque. Ele nunca tinha ouvido o seu urso pronunciar essa palavra antes de hoje, ele percebeu.

Mais importante ainda, seu urso nunca se sentira assim.

Casa, seu urso repetiu. Eu encontrei. Minha casa. Minha casa, minha floresta, minha companheira.

Steven se sacudiu. Suas mãos tremiam um pouco quando ele se juntou a Cleo e começou a explorar.

A caverna era grande, mas não muito grande. Era do tamanho certo para se sentir confortável com os instintos de seu urso. Em um canto, um monte de palha velha fez uma cama macia. Não havia corrente para perturbar um urso adormecido, mas o ar não cheirava a mofo. Havia um som suave e escorrendo de água não muito longe.

Isso costumava ser a casa de outro urso, percebeu Steven.

Ele não sentiu medo. Cleo estava a salvo aqui; o outro urso deve ter saído há muitos anos. Ainda assim, pareceu uma estranha coincidência encontrar uma caverna de urso aqui...

— Vamos lá, tem outra porta! — Cleo apontou a luz para a parede oposta.

A pedra era lisa e, onde formava uma alcova natural e pequena, outra porta os aguardava.

Desta vez, a porta não estava trancada.

Steven passou primeiro, por via das dúvidas, abrindo a porta com cuidado. Isso levou a outra caverna.

Esta caverna foi preenchida pela luz fraca. Quando ele e Cleo começaram a explorar, descobriram que ela estava iluminada por uma pequena abertura no teto de pedra acima deles, através da qual uma pequena luz do sol entrava.

E esta luz revelava uma visão que os deixou sem palavras.

Esta não era uma caverna de urso. Esta era uma casa - uma casa que não via uso em muitos anos, a julgar pela poeira acumulada. Mas ainda assim, claramente, havia abrigado um humano, não um urso e alguém que cuidara de transformar essa caverna secreta em um lugar confortável.

Havia uma mesa com duas cadeiras. Havia uma prateleira com livros amarelados e gastos, algumas caixas - e lá, numa alcova, havia uma cama.

Ele foi feito com tábuas de madeira cortadas e polidas. Steven, que sempre sentiu um amor instintivo por carpintaria e trabalhava com as mãos, reconheceu com prazer o cuidado óbvio que havia tido naquele trabalho.

— Este é o quarto. Isto é o que o símbolo no mapa da sua avó significava. — disse ele em reverência.

Segredos depois de segredos...

O que isso poderia significar? Ele ainda não entendia bem por que eles foram levados para cá.

— Steven! Venha, olhe isso! — Cleo respirou.

Ela andou até a parede ao lado da mesa. Uma velha lâmpada de petróleo estava lá, mas ela usou a lanterna para brilhar na parede.

Uma pintura pendurada ali. Estava coberto de uma camada de poeira também, de modo que eles não conseguiam entender o que mostrava. Com cuidado, Cleo limpou o pó com as mãos e depois soprou contra a imagem. A poeira perturbada subiu em uma nuvem que a fez espirrar. Quando se estabeleceu novamente, revelou uma pintura que parecia estranhamente familiar.

— Esse é o trabalho da minha avó! — Os olhos de Cleo estavam arregalados. Seus dedos tremiam um pouco quando ela procurou uma figura no centro da pintura. — Isso é... esse é o meu avô, quando ele era mais novo!

Steven não reconheceu o homem que estava sorrindo no meio de um pequeno lago, cercado por flores e arbustos brilhantes com flores brancas e rosa. Ele nunca tinha visto uma foto do avô de Cleo antes.

Mas ele sabia o que ele era.

— Oh meu Deus. — Ele sussurrou, descrença em sua voz. — Seu avô é o urso!

A avó de Cleo pintara homem e urso. Lá, na água límpida da lagoa, o reflexo do homem revelou o urso, ambos os observando com uma satisfação tranquila.

Steven reconheceu o sentimento. Era aquela orgulhosa sensação de lar que enchera seu próprio urso desde que começaram a explorar as cavernas.

Havia uma selvageria nos olhos do avô de Cleo, mas também uma possessividade profunda e amorosa. E Steven, que nunca havia conhecido aquele homem que morrera muito antes de pisar na floresta, sentiu uma repentina afinidade.

Ali estava um guardião da floresta. Um urso que encontrou seu território e o reivindicou para si. Um urso que encontrou sua casa e que daria sua vida para protegê-la e à sua família.

Steven exalou em choque com a revelação. Isso não era o que ele esperava quando ele primeiro seguiu o chamado de seu urso.

É nossa casa agora, seu urso declarou presunçosamente. Embora fosse o primeiro. Nós vamos cuidar bem disso para ele.

Em casa, Steven pensou novamente.

Era um sentimento estranho. Não era como a casa de que ele se lembrava de sua infância: silêncio frio e gritos e portas fechadas de raiva.

Minha, meu urso grunhiu de felicidade. Para sempre.

Isso poderia ser verdade? Poderia seu irmão ter razão?

Talvez não tenha sido o seu urso quem correu por tanto tempo. Talvez Chris estivesse certo, e Steven era o único que estava fugindo.

Não mais correndo agora, seu urso sussurrou. Era quase uma pergunta, embora o som fosse esperançoso.

Steven respirou fundo. Ele olhou para Cleo, que ainda estava olhando para a pintura com admiração em seus olhos. Havia uma mancha de poeira em sua bochecha. Seu cabelo brilhava mesmo sob a luz fraca que entrava. Ela era incrivelmente linda. Mais uma vez lembrou-se de como ela o seguira até a água, confiando nele com sua própria vida.

Steven entendeu agora porque o urso de seu avô tinha reivindicado esta caverna como sua casa e construiu a casa à beira do lago para sua família. Ele encontrou tudo que precisava na vida.

E uma vez que você encontra a felicidade, apenas um tolo continuaria correndo. Eu não sou um tolo.

CAPITULO ONZE

CLEO

Cleo ainda tinha dificuldade em acreditar nessa nova revelação sobre seus avós. Ela se perguntou que tipo de segredo o mapa estava escondendo - mas nem mesmo em seus sonhos mais loucos imaginou que seu avô tinha secretamente sido um shifter urso.

E, no entanto, tudo fazia sentido agora! Seu avô sempre amou a floresta e o lago. Ele preferia árvores à excitação das cidades. Ele morava aqui no lago, onde ele tinha o melhor dos dois mundos: a família que ele amava e o espaço para seu urso correr e explorar.

— Eu entendo por que eles não contaram a ninguém. — Ela suspirou quando ela finalmente se afastou do retrato. — Ainda assim, eu gostaria de ter visto o seu urso uma vez...

Seu olhar caiu sobre uma das caixas esperando contra a parede, perto da mesa. Havia uma foto empoeirada que ela reconheceu: uma velha foto em preto e branco de sua mãe quando menina, de pé diante do lago em um vestido e com o cabelo em tranças antiquadas.

Cleo sorriu, então deu uma olhada mais de perto na caixa.

A madeira estava empoeirada, mas tinha uma tampa que poderia ser facilmente levantada. Lá dentro, ela encontrou um pequeno álbum com mais fotos da família. Cuidadosamente, ela colocou de lado. Sob as fotos, havia cartas, outro álbum com flores prensadas e, no fundo da caixa, várias pastas contendo documentos.

Com uma carranca, ela começou a folhear. As pastas estavam empoeiradas também, mas ninguém havia perturbado essa caixa há anos e a escrita estava bem conservada.

Depois de um momento, sua carranca se transformou em incredulidade, e ela abriu apressadamente a pasta seguinte.

— O que é isso? — Steven perguntou, ajoelhando-se ao lado dela.

— Eu acho. — disse ela, falando suavemente, mesmo sabendo que ninguém poderia ouvir. —Eu acho que encontrei a razão pela qual Higgins me ameaçou. A razão pela qual a vovó me deixou esse mistério.

Ela voltou para a primeira pasta e abriu para onde mostrava um mapa antigo.

— É o lago. — disse Steven imediatamente.

Cleo assentiu e depois traçou uma linha vermelha desbotada com os dedos. — Veja isso.

Ela seguiu a linha onde cortou o lago em duas metades e, em seguida, circulou em torno de uma grande parte da floresta antes de retornar à margem do lago.

— É onde fica a sua casa. — disse Steven lentamente. — E o resto daquela terra...?

— Meu avô. — Cleo tirou outro documento com dedos trêmulos e apontou para uma linha de escrita. — Lá. Isso deve ter sido o que Higgins e meu avô lutaram. Higgins queria possuir o lago e toda a terra ao redor dele. Mas grande parte dela pertencia originalmente à família de meu avô e ele nunca venderia. Mas então vovô morreu, e um fogo misterioso queimou muitos dos jornais da cidade, e minha avó...

— Ela deve ter tido medo por sua família. — Steven murmurou. — Então ela desenhou um mapa e te deixou a verdade, no único ponto em que ela tinha certeza que Higgins nunca iria encontrá-lo.

Cleo voltou para o mapa e balançou a cabeça, incrédula. — Essa é toda a terra que Higgins planeja converter em um resort de luxo. Só nunca foi dele em primeiro lugar! E todas aquelas casas de veraneio à beira do lago que ele queria demolir e reconstruir...

— Elas são todas suas. — Steven soltou um suspiro chocado. — Não admira que ele estivesse tentando fazer você vender e sair! Ele sabia o tempo todo que você era a legítima dona!

— Ele deve ter ficado com medo de que, se eu procurasse tempo suficiente, acabaria por me deparar com a verdade. Bem, eu fiz. E eu não vou sair! — Cleo sentiu a velha raiva ressurgir quando pensou na ameaça de Higgins.

— Vamos ligar para o meu irmão assim que voltarmos para casa. — Steven murmurou e passou os braços ao redor dela. — Ele saberá a melhor maneira de proceder.

Cleo assentiu e descansou a cabeça no ombro dele enquanto ela cuidadosamente colocava as pastas de volta na caixa e a fechava.

— E sem construir ilhas artificiais no lago agora. Porque o lago é meu também. E eu não deixarei ninguém destruí-lo. — Ela balançou a cabeça novamente, sua mente ainda se recuperando da revelação inesperada.

Aqui ela pensou que estava sem dinheiro, sua carreira arruinada, com apenas a antiga casa deixada para ela. Em vez disso, ela encontrou um tesouro inesperado.

Ela riu e deu a Steven um sorriso terno. — O X realmente marcou o ponto. Era um verdadeiro mapa do tesouro depois de tudo.

Steven levantou a mão e limpou mais poeira do retrato antigo. — Um verdadeiro tesouro. O único tesouro que realmente conta para um urso. — Ele disse suavemente.

Por um longo momento, Cleo observou-o olhar para a foto. Como era estranho imaginar que, há muito tempo, a avó dela deve ter ficado parada aqui e encarado uma metamorfa de urso!

— Minha avó sempre disse que as mulheres de nossa família tinham um gosto impecável. — Ela murmurou, sorrindo para os grãos de poeira que dançavam na luz fraca.

Quando Steven se virou, ela espirrou novamente de todo o pó. Ele riu e estendeu a mão para tirar mais poeira do cabelo dela.

— Vamos, acho que há outra saída nas proximidades. — disse ele e sorriu. — Eu posso ouvir a água. Nós podemos lavar isso.

Em vez de uma resposta, Cleo espirrou novamente. Ela seguiu Steven para onde a luz estava ficando mais clara. Eles tinham que atravessar outro túnel - este largo e brilhante o suficiente para que eles pudessem até desligar suas lanternas.

— Estou trazendo uma vassoura, da próxima vez que voltarmos. — Cleo declarou quando viu que uma parte de sua camisa estava cinza de toda a poeira que ela havia perturbado antes.

Então eles viraram uma esquina, e ela parou, com os olhos arregalados e sem palavras ante a visão que se estendia diante deles.

Havia outro lago. Era grande, preenchida por outra cachoeira que vinha de algum lugar muito acima. Esta tinha que ser a cortina de água que eles tinham passado antes, mais alto, onde entraram nas cavernas.

A lagoa era cercada por paredes naturais de pedra. A água estava tão clara que espelhava o céu azul de verão acima deles.

Por todo o lago, flores cresciam. Elas floresceram em todas as cores do arco-íris: um tapete vermelho, amarelo, roxo e azul que tirou o fôlego de Cleo com sua beleza. Arbustos de flores, como nuvens brancas, cresciam nas frestas da rocha que rodeava esse perfeito e secreto paraíso. Não havia som a não ser o barulho da água caindo e o canto dos pássaros.

— Oh meu Deus. — Cleo respirou. Ela reconheceu a lagoa. — Esta é a lagoa do retrato que encontramos! Aqui é onde ela pintou meu avô! É realmente real, tudo isso!

— Esse foi o símbolo final do mapa - a lagoa e o símbolo da flor. — Steven soou sem fôlego e incrédulo.

Quando Cleo se virou para ele, seus olhos brilhavam de alegria.

— É tudo real. — disse ele. — Os documentos. Caverna do seu avô. E isto. Um paraíso de urso.

Cleo sentiu seu coração bater mais rápido em seu peito. Ela se lembrou da conversa que teve com Sidney.

— Poderia ser... a casa de um urso? — ela perguntou suavemente.

Steven se virou para ela e então passou os braços ao redor dela, puxando-a para um abraço apertado. Cleo engasgou com surpresa.

— Eu fui um tolo, um verdadeiro tolo! Você pode me perdoar? — Steven perguntou com urgência. — Todo esse tempo eu estava com medo de acabar machucando você. Que o desejo do meu urso pela liberdade lhe causaria dor, da mesma forma que meu pai feriu nossa família. Mas meu urso sabe desde o começo que encontrou sua casa. E que você é minha companheira, a única coisa que eu preciso neste mundo para ser feliz. Eu não vou mais correr, Cleo.

— Você vai ficar? — Cleo mal podia acreditar no que ele acabara de dizer. — Você está mesmo ficando? Através do inverno e para sempre?

— Para sempre. — Steven sussurrou em seu cabelo. — Para sempre e sempre! Se você me quiser?

Cleo conteve um soluço meio riso. — Claro! Claro que eu quero!

Os lábios de Steven se arrastaram sobre seu rosto, beijando suas bochechas, suas pálpebras, seu nariz, em todos os lugares que ele pudesse alcançar. Ela descobriu que estava tremendo em seus braços. Ela ficou impressionada. Tantas coisas boas aconteceram com ela em tão pouco tempo que ainda não parecia real.

— Meu urso encontrou sua companheira. — Steven disse suavemente. — Eu encontrei minha companheira. Você é linda, corajosa e apaixonada. Eu sabia desde o começo que você era especial. Você viu minha alma, do jeito que ninguém mais fez. Você quer casar comigo, Cleo?

— Sim. — Cleo respirou, e agora ela não conseguia segurar as lágrimas mais, mesmo que ela estivesse sorrindo amplamente. — Sim, claro!

As mãos de Steven subiram em seus cabelos e então ele a beijou. Seu polegar deslizou ao longo de sua bochecha em uma carícia que a fez tremer. O ar estava doce com o aroma de flores, e ela pensou em como há muito tempo, seus avós devem ter encontrado este lugar.

Sua avó sabia que seu mapa não apenas levaria Cleo aos documentos ocultos, mas também à verdadeira felicidade?

Ela deu a Steven um sorriso oprimido quando ele recuou, suas bochechas ainda molhadas de lágrimas. Então ela riu.

— Cuidado, agora eu também deixei você empoeirado! — Ela limpou uma mancha escura na testa.

— Venha. — disse ele e agarrou a mão dela, sorrindo. — Vamos lavar isso!

Apressadamente, tiraram as roupas e mergulharam juntos no lago, de mãos dadas e rindo. Quando eles ressurgiram, Cleo espirrou água em Steven e depois fugiu antes que ele pudesse retaliar. Finalmente, ela se permitiu ser pega, ainda rindo impotente enquanto Steven envolvia seus fortes braços ao redor dela e então a arrastava com ele para onde a cachoeira descia correndo para dentro do lago.

— Injusto! — ela reclamou, feliz e sem fôlego, completamente contente em se contorcer no abraço daqueles braços poderosos.

Steven sorriu para ela, seus olhos brilhando de excitação. A luz do sol refletia neles, de modo que brilhavam como âmbar mais uma vez, quentes e misteriosos.

Seu urso. Seu guardião da floresta.

Meu companheiro.

Ela passou os dedos pelo cabelo molhado dele, afastando-o do rosto dele. Estava tão quente ao sol que a água fria parecia agradável em sua pele. Quando ele se inclinou para beijá-la, ela suspirou.

Contra sua coxa, ela podia sentir que ele estava excitado. Seu membro deslizou contra sua pele, quente e duro, e ela gemeu no beijo quando ela colocou os braços ao redor dos ombros de Steven, permitindo que ele mantivesse os dois flutuando.

Seus poderosos músculos se flexionaram sob sua pele. A água estava fria, um contraste tentador contra o calor que parecia queimá-la por dentro. Seus mamilos doíam onde roçavam o peito de Steven, apertados e doloridos por um toque. Ela se sentiu oprimida por sua necessidade por ele.

Quando ele deixou cair a boca na garganta dela, ela engasgou e de bom grado inclinou a cabeça para trás. Sua língua estava quente, onde a

água estava fria. Seus dentes arranharam sua pele até que ela percebeu que estava gemendo seu nome, tremendo de desejo. Tudo dentro dela estava pronto para ele, ansioso por se juntar a ele mais uma vez.

Como se tivesse lido seus pensamentos, ele os moveu para mais perto da beira da lagoa. Aqui, havia um pedaço de grama e flores silvestres. Com a maior delicadeza, ele a levantou da água e a deitou em meio às violetas.

Sem fôlego, Cleo viu quando ele deslizou para fora da água para se juntar a ela, nu e magnífico. Era assim que ele parecia naquela primeira vez que ela o viu. Quão estranho o quanto mudou desde então!

O verão chegou e quase passou. A casa foi restaurada e preparada para o inverno. Eles levantaram o segredo das cavernas, derrotaram a onça, e logo o lago seria salvo dos esquemas de Higgins também.

Mas a coisa mais importante que aconteceu foi que ela encontrou seu companheiro. Ela sentiu isso no primeiro momento em que o viu, mesmo que não soubesse o que significava naquela época.

Agora, quando ele deslizou dentro dela, seu comprimento duro como ferro enchendo-a até que ela gemeu com a necessidade oprimida, ela podia vê-lo novamente.

Seus olhos eram como janelas abertas. Eles não esconderam nada dela. Eles brilhavam com o antigo poder do urso, o instinto protetor que o tornava caçador e guardião. E mais do que isso, seu amor e desejo encheram-no com uma luz que a fez coçar por seu lápis e papel.

Ele era seu companheiro, seu urso, seu amor.

Ele acordaria as partes dentro dela que ela pensava estar morta. E, em troca, ela o ensinara a ver o bem em si mesmo e em seu urso. Ela o salvou do velho medo que o fez correr.

E agora nenhum deles teria que ter medo de novo, porque encontraram a coisa mais importante do mundo: o outro.

Cleo apertou mais o ombro de Steven, arqueando-se enquanto ele a enchia com um impulso lento. Era tão bom que era quase insuportável. O prazer crepitou dentro dela, como chamas correndo em sua espinha. Cada músculo em seu corpo estava tenso quando ele a enchia de novo e de novo, seus impulsos poderosos e quase agonizantes em quão bem eles se sentiam.

Ela estava tão molhada que poderia levá-lo facilmente. Suas paredes internas cerraram em torno dele, querendo mais e mais. Desamparada, ela se forçou a manter os olhos abertos porque não queria perder um único momento disso.

Seus olhos brilhavam de prazer e necessidade, escuros e profundos como o misterioso coração da floresta. Seus gemidos vibraram de algum lugar dentro de seu peito, quase rosna, e ela cravou os dedos em sua pele, suas coxas apertando ao redor de sua cintura enquanto ela se contorcia abaixo dele.

Seu clímax veio pulsando através dela como ondas repentinas batendo contra a costa. Ela tremeu, apertando ao redor de Steven quando ele gemeu em resposta. Seus impulsos ganharam velocidade, poderosos e implacáveis enquanto ela segurava, gemendo quando o calor dentro dela não diminuiu, mas aumentou até que era quase insuportável.

Ela não conseguia respirar. Ela só podia segurar os ombros de Steven, arqueando as costas enquanto ele a enchia de novo e de novo, tudo dentro dela pulsando ao redor dele.

Então sua mão deslizou entre eles, e seus dedos encontraram seu clitóris. Ela estava encharcada com sua própria umidade. Quando seus dedos escorregadios a rodearam, ela gritou, pulsando em torno de seu grande membro enquanto sua carícia exigente a levava ao orgasmo

novamente. Desta vez, não parecia terminar. Onda após onda de prazer quente encheu-a. Vagamente, ela ouviu Steven gemer seu nome, e então ela o sentiu gozar também, enchendo-a com o calor de sua própria liberação.

Seu coração estava acelerado em seu peito. Prazer a encheu, um êxtase tão grande que por um longo momento, todo o resto deixou de existir.

Havia apenas Steven: Steven dentro dela, Steven a segurando, Steven pressionando beijos em sua pele suada enquanto o prazer os afastava.

Demorou muito tempo para se recuperar da força do clímax. Steven foi o primeiro a se mover, cuidadosamente levantando-se para não esmagá-la.

— Eu não posso acreditar que eu estava com medo que meu urso me faria sair. — Ele murmurou.

Seus olhos estavam quentes quando ele levantou a mão e gentilmente tirou um cacho úmido do rosto dela. — Os ursos podem ser solitários, mas não são idiotas. Eles conhecem a felicidade quando a veem.

— E o que você vê? — Cleo perguntou provocativamente, se espreguiçando alegremente quando a mão dele ficou um pouco mais baixa.

— Uma mulher linda, inteligente e talentosa. — disse Steven com voz rouca. — Uma mulher que tocou minha alma desde o começo. Nada nunca vai me fazer sair. Um urso protege o que ele ama. E o meu urso está em casa agora. Higgins nunca mais te ameaçará.

Com um suspiro satisfeito, Cleo se encolheu contra ele. Havia muito trabalho esperando por eles agora.

Eles restauraram uma casa - mas do jeito que parecia agora, ela logo teria mais casas à beira do lago.

Mais uma vez ela se lembrava de Steven sem camisa, a pele brilhando à luz do sol enquanto ele trabalhava incansavelmente no novo pátio. Sim, haveria bastante aventura para manter seu urso ocupado por um tempo.

E depois do verão, eles teriam um inverno tranquilo. Eles se sentavam em frente ao fogo e faziam planos.

Talvez eles pudessem restaurar uma das casas de férias como um retiro de artista. Outros pintores como Cleo, que perderam sua musa, podiam tentar encontrá-lo novamente, aqui no lago tranquilo.

E havia as famílias que vinham todo verão. Haveria crianças brincando na água, avôs pescando pacientemente, casais indo para uma caminhada.

A floresta seria um lar para todos eles. E no coração da floresta, repousava o mistério que só Cleo conhecia. O guardião secreto da floresta, seu poderoso caçador que a protegeu da onça e a ajudou a salvar o lago dos planos malignos de Higgins.

Ela colocou os braços ao redor dos ombros de Steven. Em algum lugar próximo, outro pássaro estava cantando. Do arbusto acima deles, uma repentina nuvem de borboletas brancas subiu. O ar cheirava a violetas e grama esmagada e o cheiro limpo e fresco da água caindo.

Cleo estava em casa, bem aqui nos braços de seu companheiro: seu amado urso caçador.